

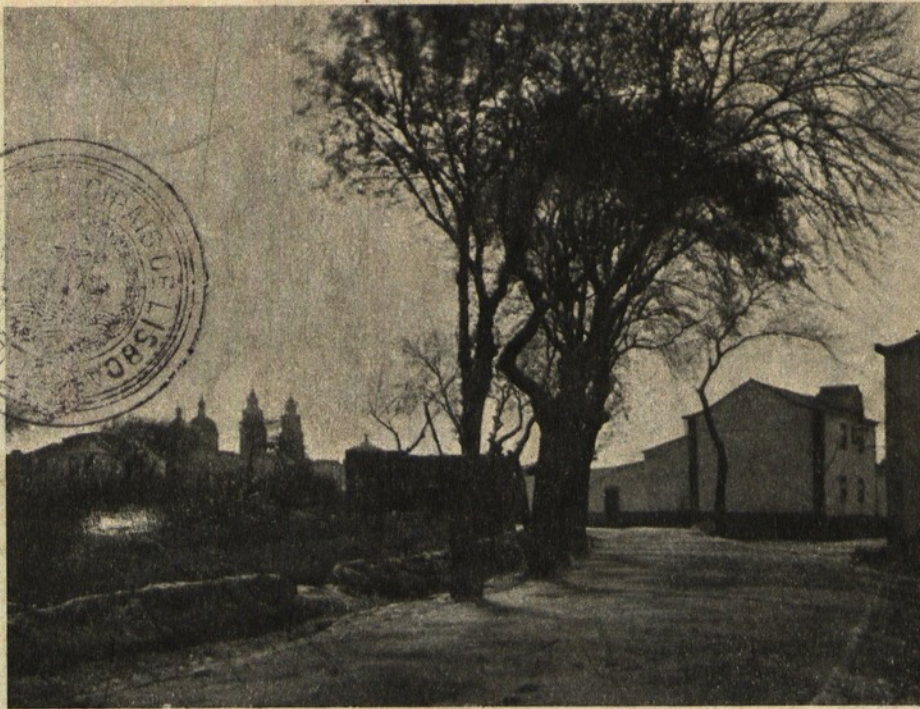
COMPRA

16 APR. 1947

Serões

Maio de 1907

N.º 23



LIVRARIA EDITORA

Ferreira & Oliveira, Limitada

132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Summario

MAGAZINE

Pag.

AZENHA DO PAÇO

Quarto concurso photographico dos «Serões» — Photographia de JOÃO PEREIRA DA CUNHA E COSTA JUNIOR, MAFRA.... FRONTISPICIO

A CAMINHO DE GOA

(8 illustrações e 2 vinhetas) por DOM THOMÁS DE NORONHA..... 327

A CORRESPONDENCIA EPISTOLAR NO JAPÃO

(3 illustrações) por W. DE MORAES..... 339

CHORAR

(Versos) por CARLOS CILIA DE LEMOS... 341

RECORDAÇÕES DA CAMPANHA CONTRA O GUNGUNHANA

(7 illustrações e 1 vinheta) por EDUARDO DE NORONHA..... 342

DE POLO A POLO

(2 illustrações e 2 vinheta) por JORGE GRIFFITH 350

APRESENTANDO UM POETA

(1 illustração e 2 vinhetas) por THOMAZ DA FONSECA 358

A CIDADE DE KHARTUM

(6 illustrações) por SANTOS GONÇALVES 362

A LENDA DO CANZARRÃO

(2 illustrações e 2 vinhetas) por CONAIN DOYLE versão de MANOEL DE MACEDO 368

RATICES

(4 illustrações)..... 381

OS SERÕES DOS BÉBÉS — A FILHA DA TERRA E O PRINCIPE DO MAR

(4 illustrações e 2 vinhetas)..... 383

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES

Um trecho da tapada de Mafra, Photographia de JOÃO PEREIRA DA CUNHA E COSTA JUNIOR, Mafra. — *Atravessando o rio* — *Uma azenhá na Ermida*, Photographias de ANTONIO MARIA LOPES, Ilhavo. — *Passagem do «Souza»*, Photographia de MANUEL GOMES PINTO, Porto. — *Vista geral do Castello de Paiva*, Photographia de ANTONIO PINHEIRO DE AZEVEDO LEITE, Gúiaes..... 389

ACTUALIDADES

(18 illustrações e 1 vinheta) 393

OS SERÕES DAS SENHORAS (24 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag. 169	LAVORES FEMININOS pag. 177
FIGURINOS E CHAPEUS... .. » 173	CONSULTORIO DE LUIZA » 181
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 175	NOTAS DE DONA DE CASA » 184

A MUSICA DOS SERÕES

MAZURKA

Musica de CHOPIN..... 4 paginas

VINHOGELHO DO PORTO



O impulso de entusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse so-

berbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórmula de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar enquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

SANTOS REIS

Medico-cirurgião

Affecções pulmonares, partos e clinica geral

Consultas das 2 ás 5 da tarde e das 7 ás 9 da noite

Chamada a qualquer hora, dia ou noite

RUA AUGUSTA, 166, 1.º

A VIDA SEXUAL

* * * **A VIDA SEXUAL** * * *

PELO

DOCTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina pela Universidade de Coimbra

1.ª Parte: **PHYSIOLOGIA**

Extracto do indice: Os órgãos sexuaes. A puberdade. A menstruação e a menopausa. O instinto sexual. O acto sexual. Fecundação. A hereditariedade. (Origem dos sexos). A esterilidade artificial na mulher. A fecundação artificial na mulher. O casamento e a hygiene na vida sexual.

1 vol. in-8.º 350 pag. com gravuras Br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

2.ª Parte: **PATHOLOGIA**

Extracto do indice: Preambulo. Introdução Neuroses sexuaes. Heterosexualidade morbida. Homosexualidade. Asexualidade. Perversões moraes. A vida sexual dos alienados.

1 vol. in-8.º br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS Pelo correio, franco de porte

A VIDA SEXUAL

FERREIRA & OLIVEIRA, L^{DA} — Livreiros-Editores — 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA*Obras primas***D. Quichote de la Mancha**

Edição ilustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L^{DA}

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

ARTIGUIL
FOR THE HAIR

900 RÉIS

DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A QUEDA,
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA.

PERFUME ESQUISITO

Vende-se nos bons es-
tabelecimentos, da Por-
tugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMAD
R. dos Retrozeiros, 141
LISBOA



PASTA DENTIFRICA
 ———— **HYGIENICA** ————
A

Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
 RUA DA PRATA, 115 e 117
 Unica que branqueia os dentes, desinfecta
 a bocca e fortifica as gengivas
 Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs.

GRANDE DEPOSITO

—+ DE +—

Moveis de ferro e colchoaria

—+ DE +—

JOSÉ A. DE C. GODINHO



54, Praça dos Restauradores, 56

—+ LISBOA +—

EPILEPSIA!!!

E'com a mais completa franqueza,
com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epi-
lepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos na pagina 8.

LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

O genio portuguez

aos pés de Maria

1 vol 600

Raul Brandão

A FARÇA

NOVELLA DRAMATICA

1 vol. br..... 600

Luiz Guimarães, F.º

Pedras preciosas

VERSOS

1 vol. ed. de luxo... 1\$000

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southampton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho pesarôso — O Valle do Tet no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Paginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{da} — LIVREIROS-EDITORES

132 — Rua do Ouro — 138

LISBOA

**A NACIONAL**Companhia Portugueza de Seguros
sobre a vida humana

CAPITAL 200:000\$000 RÉIS

RAMO A. — Seguros de todas as cathogorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a premios semanaes desde 20 réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Boletim Photographico — Revista mensal illustrada de photographia — Summario dos principaes artigos do n.º 83 — Processos de ampliação — A photographia aerea por meio de papagaios — Errata — Publicações recebidas — Productos e material novo — Formulario — Summario do n.º 84: — A illumination racional dos clichés nas lanternas de ampliação — Calibragem de provas estereocopicas — Pé de galeria improvisado — Vicente Gomes da Silva, etc.

La Lectura — Revista hespanhola de ciencias e de artes — n.º 76 — Abril de 1907 — Summario: — La casa de la contratación de las Indias por y Piernas Hurtado — Por Escondinavia (Visiones de viage) por Fray Candil — Historia contemporanea de España Lecciones en el Ateneo de Madrid por Rafael Altamira — Los sermones del P. Vaughan por L. Cubillo — Sociologia — Manual de Sociologia por Adolfo Porada — Chronica — Libros — Napoleon et sa famille — La Fête imperiale — The life and letters of Lafcadio Hearn por Béder — The future of America — A Search after realities por J. Jiménez. Libros recientes. Prensa: Los hermanos Quintero y la Prensa italiana (Giornade d'Italia, La Tribuna Avanti!) Revista de revista por Julian Juderias Españolas, Francezas, Inglezas y Norte-Americanas, Escandinavas — Libros recibidos.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — Tomo XI — n.º 1 — Summario — Casas memoraveis — Cruzeiros notaveis (continuação) pelo sr. dr. Sousa Viterbo — Um artista desconhecido, pelo sr. dr. Sousa Viterbo — Um desenho de Vieira Lusitano, pelo sr. dr. Sousa Viterbo — Noticias Archeologicas (continuação) pelo sr. Rocha Dias — A Infanta D. Maria e o seu hospital da Luz (continuação) pelo sr. Victor Ribeiro — Catalogo das moedas e medalhas do museu do Carmo (continuação) pelo sr. dr. Arthur Lamas — Socios inscriptos depois de publicada a ultima relação.

Echo Feniano Girondino — Publicação mensal — Magazine illustrado, de instrucção e de recreio —

Summario — Carro dos empregados do commercio (photogravura) — O Mealheiro «Feniano» — Os criminosos da Historia — O Homem mais rico do mundo — A deusa Jano — Phrases celebres — Os homens passaros — Dictos e piadas — Medicina practica — Ignez Negra — Flores que devoram ratos — Proezas d'um ladrão (romance) — O amor — Caramanchão (photogravura) — O mau zuavo — (Canto de Daudet) — As tres lagrimas — Cantiga (versos de Eugenio de Castro) — Noivado (soneto) — Os beijos (comedia) — Secção de Sport — Secção da bordadeira (com photogravura) — Sciencia recreativa — Secção de petiscos — Echos theatraes — Secção charadistica.

A Juricidade — Revista de Direito Theorico Legislação e Direito Practico — Publicação Bimestral do Ceará-Brazil, 1.º volume referente aos mezes de Janeiro e Fevereiro — Summario: — Linhas de apresentação — Juricidade pelo dr. Soriano d'Albuquerque — Graço de Doutor pelo dr. Antonio Augusto — Etiologia do crime, meios de defeza Social pelo dr. Mello Cesar — Jurisdicção civil (Justiça local) accordãos reformando a sentença contra a Sociedade de Beneficencia e Monte Pio — Acção ordinaria intentada pelo Professor de Logica do Lyceu devido administrativo que lhe designou a cadeira — (Rasões, sentença, appealação, accordão) — Acção ordinaria — Sentença sobre seguro de vida, contra Sociedade Mutuaria — Regimento de custas Judiciaria do Estado (commentado) Analyses e Informaes.

A Vinha Portuguesa — Revista mensal de viticultura de agricultura geral — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas do paiz — Summario: — Chronica e noticias por F. d'Almeida e Brito — Vinificação por A. L. H. (continuação) — A proposito de Densidade por Aléxis Lasbarréres — Noticias officiaes — Correspondencia pelo Padre Manuel Rodrigues Correia Araujo — Chronica do Norte por Palma de Vilhena — Contra o mildiú por F. d'Almeida e Brito, Consultas — Trabalhos do mez de Maio — Gravura — Bomba de cadeia ou de rosario.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro	
Anno	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)	
Semestre.....	1\$200	Moeda fraca.....	12\$000	Frs..... 15,00
Trimestre.....	600			

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

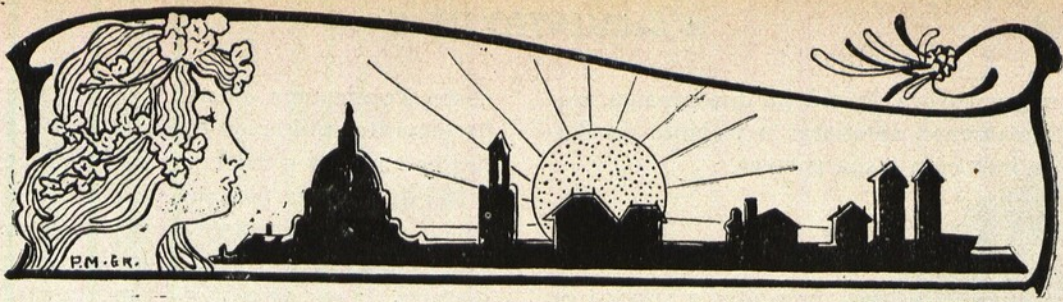
Quarto concurso photographico dos SERÕES

PRIMEIRO PREMIO



AZENHA DO PAÇO

(Photographia de João Pereira da Cunha e Costa Junior — Mafra)



A caminho de Goa

QUEM embarca para a Índia, leva consigo na idéa um descontentamento antecipado pelo *terminus* da sua jornada. Ouviu fallar de Gôa como d'uma terra pobre, quente, muito quente e doentia, com tigres e cobras á espreita dos incautos.

A viagem atravez do Mediterraneo, do Mar Vermelho e do Oceano Indico dá-lhe primeiro um doce quebranto. A nostalgia da patria vence por fim a resistencia dos temperamentos mais duros e, depois de 17 a 20 dias de mar, não é na cidade de Bombaim, opulenta e grande, que o emigrante portuguez saccode o pezo leve d'uma tristeza que poucas vezes chega a vir d'uma saudade.

Em geral, os portuguezes que vão á Índia não se demoram n'esta cidade. Partem quasi sempre no mesmo dia em que chegam.

A's 2 horas larga da *Victoria Terminus*, uma estação que parece um templo, para Poona o comboyo da Great Indian Peninsula, e cêrca das 7 da tarde segue a Southern Maratta Railway de Poona para a Londa. Munidos de todas as indicações de trasbordos, nem um só dia se quedam os nossos compatriotas a contemplar essa prenda de noivado, offerecida em dote pela magnificencia d'um rei a uma princeza de Portugal que se foi com ella para Inglaterra.

A dadiva, então, pouco valia em si; foi, porém, a chave da Índia, o ingresso do Inglez na peninsula lendaria sobre que hoje impera, to-

talmente. Quem tivesse obrigado o prodigo a convencer-se de que o governador d'aquella praça tinha rasão! Não ter havido um portuguez que soubesse impôr os acêrtos honestos e nobres de Antonio de Mello e Castro.

*

Como bom portuguez, tambem fiz tudo á portugueza. Chegado a Bombaim almocei e parti. A monção do sudoeste alagava as praças e as ruas, e punha nos edificios de pedra morena um ar de desabrigo e de solidão.

Installado numa carruagem, lancei os olhos á paisagem que passava rapidamente, deixando-me apenas a impressão dos seus horizontes vastos. Não ha detalhes galantes, trechos-surpresas, emquanto se não começa a subir o Gattes. Mas a ascensão não tarda. Em pouco mais de uma hora, a locomotiva começa a resfolegar, no difficil esforço de galgar aquelles contrafortes alcantilados. São penhascosas as montanhas que a linha ferrea atravessa. Os tunneis succedem-se e entre elles o caminho parece uma ameaça; ora é uma passagem estreita sobre valles que vão apparecendo cada vez mais profundos, ora são penedos inacessiveis que se projectam carrancudos e pesados por cima da nossa cabeça. Mas não é nas proximidades de Bombaim que a Índia vem ao nosso encontro, com o orgulho montruoso das suas regiões. Todos esses vagalhões de pedra negra nos entretêm a vista,

sem que appareça um trêcho que consiga, momentaneamente, arrebatrar o viajante do dialogo intimo com a sua tristeza.

*

Na altura de Poona principia o serviço do *dining-car*, a noite baixa, rapidamente, sobre os campos que uma arborisação cuidada não desencalvece de todo. Estamos a mais de 2:000 pés acima do nivel do mar.

Um poeta maratta comparou os imperios

como Poona uma cidade fortificada, um departamento militar do exercito inglez, pertencentes ambas á presidencia de Bombaim.

Hei de um dia fallar-vos d'ellas. Residi em ambas o tempo bastante para poder contar da sua paisagem, dos seus monumentos, da sua historia, da sua vida... e da morte recente de Poona, a linda estação da *season*. Não é, porém, agora a occasião propria; vamos a caminho de Gôa e, sem o leitor conhecer essa depositaria caduca das mais bellas tradições portuguezas do Oriente, o resto do nosso imperio



VISTA GERAL DA ENTRADA DO PORTO DE MANDOVY

da India com os seus crepusculos. E foi menos porque a India acha uma sombra o poder temporal, do que pela curta duração do seu anoitecer. Com effeito, enquanto a Europa é grega, romana, o Indostão tem sido, bramahane, moiro, portuguez, maratta e, finalmente, inglez.

Durante o jantar, os cipaes fazem as camas dos seus senhores; e, quando a gente regressa á sua carruagem, encontra-a transformada n'um dormitorio perfeito. O canção do desembarque, um dia movimentado, depois de tantos seguidos na quietação de bordo, levamos n'um somno unico até Belgão. Belgão é

ao desbarato, mutilada e reduzida por fim, de nenhum outro lugar vos fallarei.

A temperatura em Belgão é como a da nossa terra. Era de manhã; mas que o não fosse!... os dois jardins que ladêam a estação fallamos da frescura do cantão pela natureza das suas flores. Amores-perfeitos, margaridas, hisbiscos... aguardavam o sol que as não aniquilará n'uma caricia ardente, naquella altura.

A partir de Belgão principia a anciedade. Como será Gôa? De mixtura com a expectativa de tornar a ouvir a nossa lingua, e de a ouvir n'um paiz distante, no coração da Asia,



TUNNEL ATRAVEZ DOS GATTES PORTUGUEZES

vem essa pergunta inquieta, medrosa, descontente, porque nos disseram coisas más da sua temperatura, das cobras e do espirito argucioso dos seus naturaes.

Em 4 horas estavamos na Londa, entroncamento visinho de Gôa. Pouco tempo mais, e eis-nos em Castle-Rock. Castle-Rock é a fronteira ingleza.

De Castle-Rock para lá, já é a S. M. R, que nos arrasta a caminho de Mormugão ; da Londa para lá é já a vegetação que se adensa numa promessa de selvas paradisíacas.

Tudo isto era nosso, dir-nos-hia o coração magoado, se o não soubéssemos de avanço. E o comboyo a correr e as mattas a dilatarem a dôr do que perdemos, recentemente, no seu prolongamento verde, ondeado e mysterioso. Enfim, mais um bambual vibrante com a luz e a aragem, e a nossa Índia escancára-nos os seus valles, na acquiescencia facil de quem se offerece, ha seculos, á cubiça dos portuguezes e que, farta de rejeições, vae por fim attra-hindo os extranhos para as selvas primitivas das suas encostas.

De Castle-Rock para dentro parece que o sangue de todos os nossos antepassados fertilisou as montanhas. A fauna e a flora revelam-se na volupia da sua existencia imperturbada. D'um penedo alcantilado que se debruça e espreita, sobre uma ravina frondosa, partem as derradeiras nebrinas que o sol descondensa, funde e absorve. Semelhante á cabeça d'um gigante enterrado até ao pescoço, aquella rocha escura ali continúa estática, na apothose constante em que as arvores e as feras vão ao encontro da sua sombra benigna, do seu abrigo bemdito. Lá ao fundo, num talhão que o sol só pode ver ao meio dia, um arrosal muito verde que refrigera aquella cabeça em brasa, com a visão desalterante d'um veiosinho d'agua delgado e puro e com a tenuidade do seu halito silvestre e humido.

O extasiamento começa aqui. Que multiplicidade de tons verdes! Na impetuosidade dos arbustos bravos, que se tocam e entrelaçam, apparecem a teca, o tamarindeiro, o cajueiro... que, aqui e acolá, são um acêno, isolado e gostoso, a lembrar possiveis

riquezas. Que brenhas! Que brenhas nunca exploradas!

Ali vivem e prosperam os tigres, os bufalos, os porcos bravos, os viados, as chitellas e a serpente do matto, a alcatifa.

E que personagens imaginæes, que exerciam a sua preponderancia de especie mais adiantada, no meio d'aquelles bosques virgens e cerrados, com relêvos em toda a escala do verde que adorna os montes e os valles? Chegava a ser irrisorio! Pareciam um templo de Durga, os Gattes portuguezes. A macacaria estavanada e feliz substituia-nos na obra de colonisação. O comboyo passava e os nossos guapos predecessores saltavam, alegres e descuidados, de ramo para ramo, de arvore para arvore, fazendo balançar os ramos e resoar as folhas. Alguns mostravam-nos a alvura dos dentes numa carêta tisonada, e fugiam, internando-se no arvoredado. Outros viam afastar a locomotiva indifferentes ou entretidos com qualquer incidente na vida da familia ou da tribu.

Vi alguns rapagões formidaveis, de tez branca, mas d'um branco muito espesso; vão a caminho d'esta alvura as mulheres que, por todo este mundo de requintes, tratam de substituir a côr natural dos seus rostos por ingredientes acamados como esmaltes. Habitantes felizes d'aquelles montes das Novas Conquistas, scismavam talvez numa constituição social que os aproximasse do estado improgressivo das Velhas (Conquistas), quando, num desespero, a sua divindade os condemnou á morte.

Os gafanhotos vieram, a praga estabeleceu-se e roubou-lhes com a sua voracidade os fructos e as sombras dos palacios verdes, onde haviam chalrado de amôr e de ventura milhares de gerações.

*

Eis-nos em *Dudh-Sagor*. A cataracta avista-se muito antes de passarmos por ella. A linha do caminho de ferro de Mormugão é toda em curvas, sinuosidades contornando os montes e ainda assim, parece-nos uma cadeia de tunneis e de pontes. Nada conheço mais pittoresco e accidentado. Ao dar com os olhos na *Dudh-Sagor* fiquei na idéa de que a sua fama devia ser grande entre os povos de Gôa. E, com effeito, ella é um motivo de orgulho para os naturaes da provincia de Salsete. *Dudh-Sagor* quer dizer *Sagor* — lago ou lagôa — e *Dudh* — leite. Lagôa ou lago de leite é pois o

que significa aquelle nome musical que acompanha bem a sonoridade transparente do franjar perpetuo das suas águas.

A *Dudh-Sagor* da altura de 60 metros acima da linha ferrea prolonga-se outro tanto para baixo, indo as suas aguas, num derramamento cada vez menos precipitado, até ao profundo valle que a nossa vista alcança.

A verticalidade da sua queda é porém tão embaraçada pelo relêvo das pedras por onde se precipita que o leite não tem, na verdade, maior alvura na sua opacidade.

A primeira vez que a vi ainda tinha uma grande abundancia de aguas. Houve depois proposito de a aproveitar como força motriz para uma fabrica de lanifícios; alguns capitalistas de Gôa chegaram mesmo a pensar em unir os seus capitaes á iniciativa de subditos inglezes de Bombaim para levar a cabo o empreendimento; mas a coragem veiu a desfallecer, e este desfallecimento até por fim se converteu em hostilidade á realisação do projecto. Hoje, porém, os inglezes que avançam, protegidos pela *Southern Maratta Railway* já aproveitaram parte das suas aguas e da sua força: assim a *Dudh-Sagor* está agora alguma coisa reduzida, mas a sua agua, que uma saliencia de rocha bifurca, não deixou por isso de ser como se do alto d'aquella montanha as suas divindades protectoras se divertissem a derramar, constantemente, cantaros enormes do mais puro leite. Mais uma curva e o comboyo passa, mesmo encostado, á cataracta. Se nos distrahimos, é o espadanar da agua que salta de rocha para rocha, de pedra para pedra, que nos chama a attenção para o logar. A continuidade da linha ferrea estabelece-se ali por um arco sob o qual referve o leite que foge veloz a perder-se, já então, pelo meio da vegetação mais desalterada d'aquellas paragens.

O comboyo segue e ainda a tornamos a vêr duas vezes na majestade d'aquelles alcantis negros, d'aquelle penedo que se ri do sol, e que ella tem roído fundo no seu trajecto precipitoso.

A linha ferrea vae toda a'longo de precipicios. Os engenheiros inglezes dizem-na feita de diamantes; tão cara nos ficou a perfida!

Ainda temos na imaginação a *Dudh-Sagor*, e já na frente da locomotiva se levanta outro colosso, coberto de arvoredado cerrado, cujos troncos estão perpetuamente vestidos de arbustos. E' uma nova montanha que vamos furar. No meio, como um ponto negro, enxer-

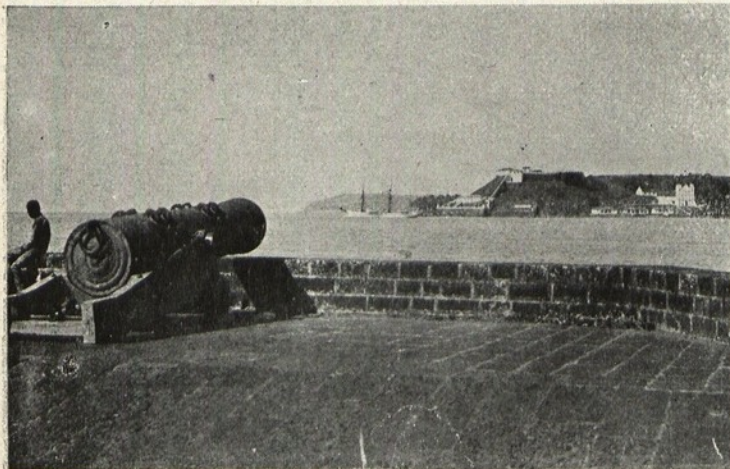
ga-se a bocca d'um tunnel. D'ahi a pouco, volvidos á luz do sol, se percorremos com a vista a facha estreita por onde o comboyo nos leva, cançados já de contemplar os abysmos verdes e as verdes alturas, onde raras vezes sobressahem os contornos dos penedos, lá encontramos outra vez, ao fundo, aquelle ponto negro d'onde sahimos, recondito, mysteriosamente escondido como se a sua côr fosse apenas o resultado da maior densidade da vegetação virgem que o envolve. São numerosos estes

A amabilidade de todos elles, é que não se parece nada com o bruto rigor do occidente. Queremos pensar nas nossas malas e não nos deixam, queremos perguntar se tal artigo está sujeito ao fisco e tranquilisam-nos com um affago.

A ideia que á entrada da nossa India fiz dos seus naturaes é a que hoje tenho após 5 annos de residencia entre elles.

Ali me aconselharam a que não ficasse em Sanvordem. Sanvordem é sazónico,—diziam-me então,— e que não havia lá casa boa para pernoitar, accrescentava o chefe da alfandega, o bom Lucena Campos que trez annos depois acompanhei á sua ultima morada.

Todos queriam pôr-me ao facto do melhor itinerario a seguir até Pangim (Nova Gôa); mas o signal da partida cortou aquelles



PEÇA DE BENASTARIM NO CAMPAL

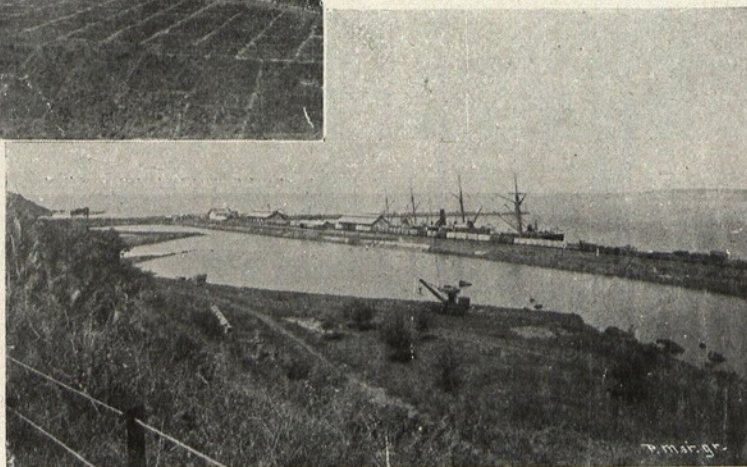
trechos que se nos afiguram promessas de uma felicidade rustica, tranquillã, como a vida intacta das brenhas que vamos atravessando.

*

Ao chegarmos a Collem, posto alfandegario portuguez, o nosso coração alvoraça-se todo.

E' que ali vem-nos ao encontro; aproxima-se do nosso vagão o functionalismo d'aquella paragem, e a lingua portugueza apparece-nos, não como a ouvimos articular ás vezes em terras extranhas, mas como um documento vivo da absorpção d'aquelle pedaço da India pelos portuguezes, e da perpetuação do nosso espirito occidental, já que materialmente decahimos e decahimos sempre.

E' o chefe d'alfandega, o medico, o commandante da guarda fiscal do posto e outros de menor categoria que nos demonstrariam, se o não soubessemos já, a terra portugueza, ela fartura de seus empregados publicos.

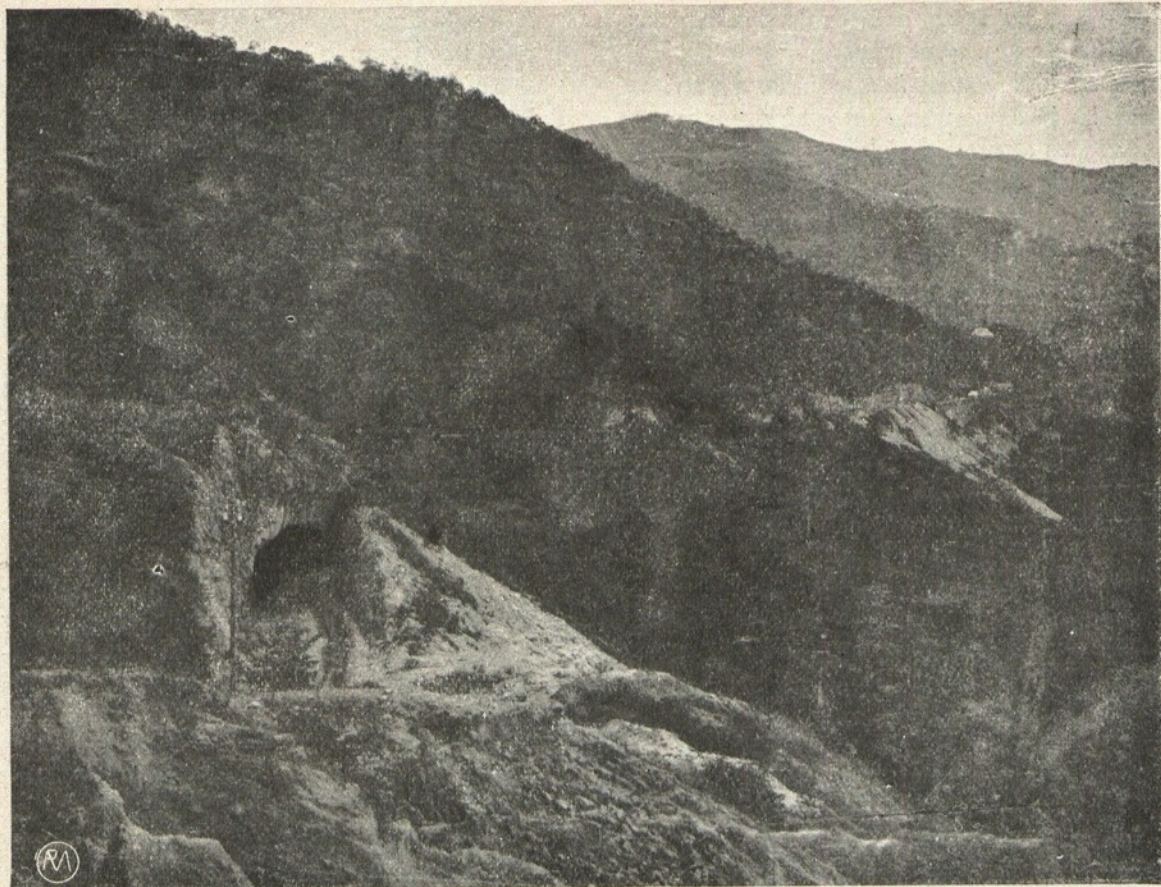


PORTO DE QUEBRA-MAR EM MORMUGÃO

avisos. Eis-nos de novo a percorrer os montes cobertos de bosques e a que apenas esta locomotiva interrompe, diariamente, o silencio extactico da sua existencia virgem.

Alguns minutos depois, chegamos á ponte de ferro sobre o rio Sanvordem. Antes, porém, já o comboyo diminui a seu andamento sobre ella para rodar vagaroso e pesado como que receoso da sua sorte, ou com o desejo de não despertar o rio que dorme, lá em baixo.

As margens do Sanvordem são sazónicas, disseram-nos em Collem;— mas que florescia bem dita se nutre ali, d'aquella lymph



VISTA DO TUNNEL DE CASSÚN

quieta, quasi estagnada! Dir-se-hia qua a má reputação d'aquelle logar, afugentando os homens, alliciou a affluencia tumultuosa da mais abundante vegetação. Um velho pata-marim, uma ou outra tona, amarrados aos troncos d'um bambual luzente, e algumas folhas cahidas, despojos raros das arvores que na India nenhuma estação despe nem desalinha, são os habitantes unicos d'aquellas aguas doentias em que se reflecte a ponte ferrea que as profanam.

E' n'esta mesma provincia que a *Dudh Sagôr* tem o seu contraste. Além a cascata de Caranzol mais moderada no deslizar do seu liquido, mais semelhante á alma do Indio em meditação e tranquilidade, ramifica-se vagarosamente, quasi ao fim da sua jornada curta e desaprumada.

Onde a *Dudh-Sagor* se avertigina, desdobra esta o seu lençol mal esticado e transparente. Onde uma é de leite, é a outra de translucidez aérea. Onde a primeira se abysma segredosa, ruindo a montanha, desata-se a segunda em riachos monotonos. Entretanto ambas, são di-

gnas filhas dos Gattes occidentaes, esses sobranceirões do Malabar, que escolheram a nossa Gôa para a descarga das suas aguas.

*

Sanvordem, pobre Sanvordem! entristecimento dos que veem a Gôa e sabem que hão-de ali dormir, para no dia seguinte embarcar numa lancha a caminho da capital.

E' de Sanvordem que partem essas lanchas velhas e miseraveis, perigoso meio de comunicação fluvial entre as provincias da India portugueza. Só isto recommendou o logar á minha attenção. Se eu quizesse seguir na tal lancha, era ali que deveria ficar. Hoje, porém, Sanvordem é o centro de exploração do manganés. Gôa espirra manganéz por todos os póros, e Sanvordem está no ponto central das primeiras explorações. Deu-lhe vida o manganés, e o engenheiro turco Ismail que, por obra e graça do actual governador, ali fez o centro das suas operações.

Após Sanvordem está Chandór, um apeadeiro

que leva á aldeia deste nome. Chandór é uma aldeia rica. N'ella existe o melhor palacio de toda a India portugueza, o conhecido solar de Chandór, propriedade de Luiz de Menezes Bragança. Menezes Bragança, um dos mais bellos espiritos da nossa India, não modernizou a sua casa. As galerias, as salas, são ainda agora o que a solemnidade do espirito que as edificou e ornou, quiz que ellas fossem na hora da sua construcção.

O palacio de Chandór é pois um monumento

seus naturaes, e das varzeas extensas onde ella se remira ainda orgulhosa.

De Margão a Mormugão ha algumas estações pequenas e toscas, simples apeadeiros cobertos de zinco, sendo os mais importantes Majordá, e Cansaulim por servirem um grupo de aldeias ricas e populosas. Em Vasco da Gama, o viajante extranha o tamanho da estação. Não se parece com alguma das outras onde o movimento e o trafego é cem vezes maior. Perguntamos surprehendidos, d'onde



CASCATA DE CARANZOL

que se não espera entre os palmares e os arroses sem fim, d'uma aldeia sertaneja, limitrophe quasi da provincia de Salsete.

Alguns minutos mais, e Margão é nos annunciada pelo grito agudo do avisador.

Margão! não vem agora fallar-vos de Margão, a villa nobre, a villa dos palacetes, a que devera ser capital do Estado.

Por mais que me debruce, por mais que estenda o pescoço, os coqueiros occultam-m'a e só descubro uma ou outra casa das que estão mais perto da linha ferrea. Um dia voltarei a dizer de sua grandeza, edade, edificios, dos

pode vir esta excepção? e temos então de ouvir a historia de uma tentativa frustre dos portuguezes do nosso tempo.

Aquella estação foi edificada para servir uma cidade que deveria ser hoje bastante populosa: a cidade de Vasco da Gama. O mau sestro das cousas portuguezas deixou ficar o emprehedimento apenas na estação: Vasco da Gama resume-se n'ella e em trez ou quatro casas das quaes uma é a do capitão dos portos e outra a do commandante da policia do porto.

Os terrenos de Vasco da Gama, mais ou

menos terra-planados, são um documento desanimador da nossa invalidez actual, como colonisadores. Num golpe de vista se mede aquelle projecto abandonado que nem sequer glorifica quem o concebeu e condemna apenas quem lhe deu tal nome: Vasco da Gama!

Dois nomes estão ligados a esta iniciativa que falhou. Alexandre Meyrelles Tavora do Canto, juiz que foi da Relação de Nova Gôa, e Adolpho Corrêa Mendes. Este sonho, a possibilidade da sua realisação pode dizer-se que se estenderam ao longo de tres governos locais, até Cardoso de Carvalho.

Mas como a cidade de Mormugão havia abortado assim se desfez este outro feto incipiente, para a gestação do qual Meyrelles do Canto só conseguiu a terraplanagem e os aruamentos que a natureza já reconquistou com a sua flora, e com esse escombrar que o abandono promove em terrenos accidentados, e só removidos pelo homem, momentaneamente.

Quando se inaugurou essa linha ferrea que temos vindo a percorrer, uma esperança se reaccendeu nos que ainda não haviam comprehendido para onde levavam em Lisboa a formosa idéa de Meyrelles do Canto. Mas, a decepção, a hodierna compensadora de tanto impulso coroadado pelos portuguezes d'outras eras, feria até um espirito valido como o de Cardoso de Carvalho, governador portuguez, cuja envergadura moral, cujo character se não reproduziu em seus successores, e que sobre tal empreendimento teve o desanimo honesto dos honestos do nosso tempo.

A planta d'esta cidade está feita. Custou muito dinheiro á fazenda nacional; incitou-se muita gente a fazer edificações, mas Vasco da Gama é ainda agora, somente, estação onde estamos parados, cinco a sete casas menos de mediocres, alguns montes de pedras, ruas desarruadas e barracas sujas que os coqueiros protegem, espadanando-se com a viração do Indico.

São passados 10 minutos e a locomotiva parte. Para onde? Para o porto de Mormugão. Mormugão é o *terminus* d'este ramo da *Southern Maratta Railway*.

Verde-esmeralda, os seus montes precipitam-se sobre o oceano, e o mar, embargado ali nas suas arremettidas, resaca-se, forçado e ruidoso, como se quizesse levar comsigo o morro mais saliente.

O comboyo pára e a musica das aguas começa. Um enxame de *coolies* miseraveis, quasi

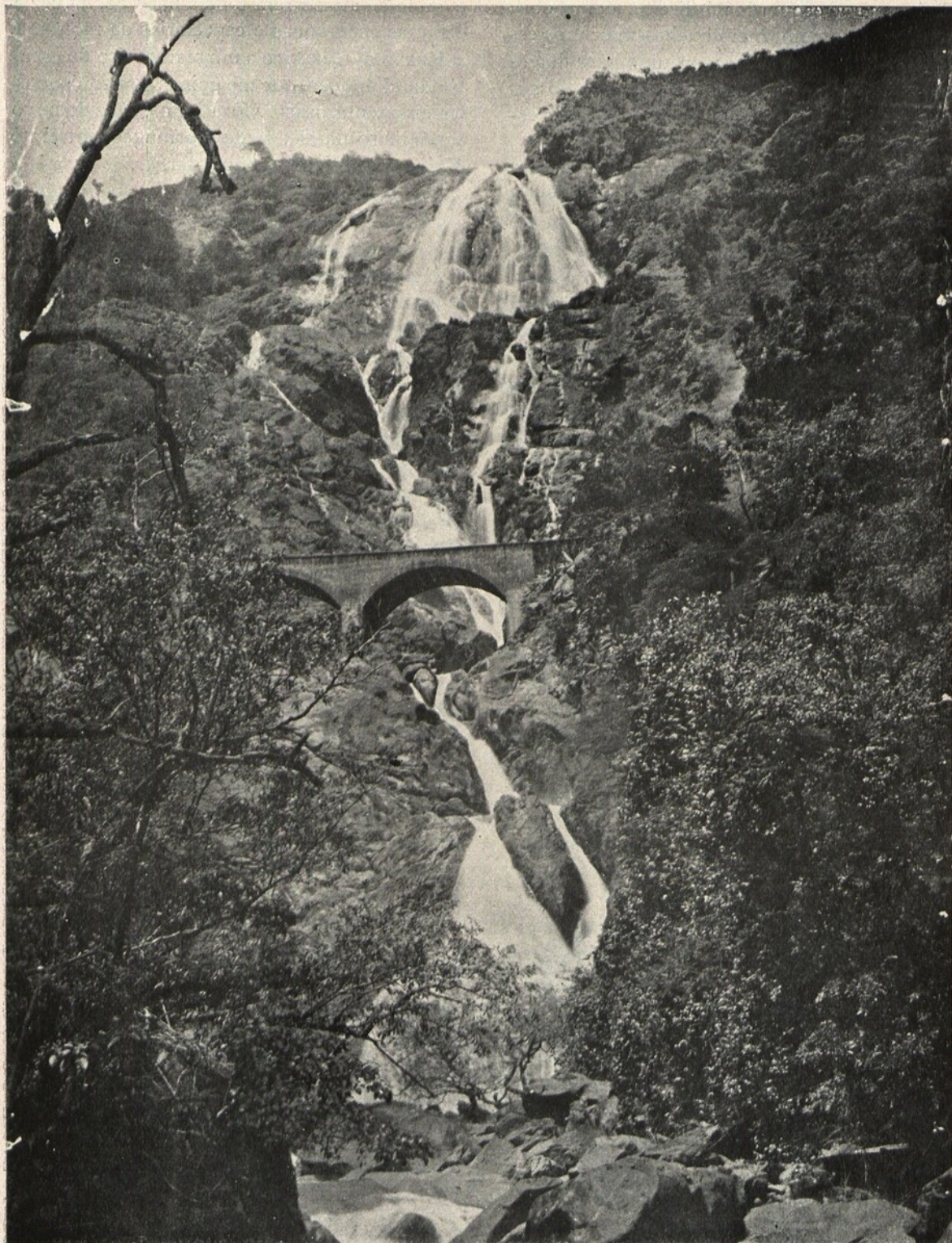
nús e descalços tomam-nos as malas. Ha tempo, dizem-nos os moiros da companhia. De facto, o vapor da *Shepherd*, que nos ha de levar a Nova Gôa, ainda não se avista na barra que no globo se formou, para fixar a apotheose de quem d'ella se partiu, levando comsigo, para sempre, a sublime idéa d'um imperio portuguez no oriente por elle conquistado.

Pobres *coolies*! como elles vergam e rangem sob o fardo da nossa bagagem! Meia hora, se tanto, foi quanto me demorei ali; mas chegou e sobrou.

Como imaginaes Mormugão? Por mais reduzido que prefigureis este unico e acessivel porto d'abrigo, ao longo da costa do Malabar e do Canará, sempre o haveis de ter por mais alguma coisa do que na realidade é. Ao sahir da estação ides ao longo d'um troço da linha ferrea, que serve para as manobras das machinas, e logo encontraes uma barraca: é o escriptorio da *Shepherd*, onde os moiros d'esta companhia nos vendem os bilhetes para a travessia até Pangim (Nova Gôa); e uns vinte passos adiante outro barracão. Se o procurar-des nos livros que nos contam essa agonia lenta, chamada a historia de Gôa, apparecer-vos-ha com este nome: Edificio da Alfandega de Mormugão! E, de facto, esta casa terrea, muito semelhante a alguns armazens de vinhos do Beato, é aquella a que a prosa official chamou o edificio d'alfandega d'aquelle porto. Lá ao fundo á esquerda ha um refugio confortavel. E' o *bungalow* do Lobo. O Lobo é um abrigo para o viajante. Alli ha asseio na comida e uma cama voluptuosa: pois o ramalhar das palmas e o quebrar das ondas são a visinhança, toda vitalidade, d'aquelle pousada imprevista em Mormugão.

No *bungalow* do Lobo, que á influencia ingleza deve o seu conforto, hygiene e situação, principia uma estrada que leva ao palacio, thronado no alto da encosta, com rasgada exposição para o nascente. Este é hoje o hotel do mesmo Lobo, que offerece os seus serviços aos naufragos da Southern Maratta. Foi construido para residencia de vice-reis e governadores; mas Mormugão abortou como Vasco da Gama.

A caminho do palacio, subindo a estrada que leva ao oiteiro, encontram-se umas casas abaracadas, sempre em principio, com umas tocas varandas de madeira, por pintar, paredes por rebocar muito semelhantes, interior e exteriormente, a pequenas estancias de madeira, ou a fabricas de serração. Estas são as agen-



CATARACTA DO DUDHAGÔR

cias das companhias de vapores que deitam aquellas paragens.

A linha allemã d'Africa Oriental, a *Persian Gulf*, a *British India*, a propria *Shepherd* têm ali seus representantes. Os seus castellos, po-

rém não se acabam, mantem-se propositadamente no estado de não poderem parecer obra feita. Instalações provisórias, promptas a serem abandonadas.

Isto vi eu, logo que cheguei a Mormugão e

olhei para a esquerda; á direita, como obra da mão do homem, meio quebra-mar; uma especie de pontão de pedra, erguido para defender a bahia das violencias da monção do sudoeste, e que ficou a meio da sua curta investida sobre as ondas.

Estive ali das 6 horas ás 6 e meia e, a não ser o meu amigo Lobo, o proprietario do hotel, apenas o agente da *Shepherd* com uma senhora ingleza que se entretinham a ver caminhar os caranguejos que as ondas deixavam a descoberto no seu retrocesso. Um deserto. O quebra-mar, justamente porque ficou em meio, não faz senão provocar inerte o ataque das vagas; por isso o meu embarque foi por certa forma o meu baptismo para a vida tempestuosa que a nossa adoravel India me inaugurou naquella hora.

A noite veio, e a illuminação do porto eram apenas duas lanternas n'uma barraca gentilica, onde haviam sodas, fructas, doces indus, e os lampiões a meia força da varanda do Lobo.

No quebra-mar a phosphorecencia do oceano, rebrilhando perto de quem por elle passava, — quando a bruteza das ondas repetia a sua demonstração de que tal obra inacabada é absolutamente inutil, — foi a unica claridade que logrei para o meu embarque.

O *Kalinali* da *Shepherd* atracou emfim. Os *coolies* tomaram conta da bagagem e partiram e eu, sem saber, se a vida se jogava n'aquelles cincoenta passos, lá fui atraz d'elles até ao vapor. Nunca me esquecerei d'este trajecto. A escuridão albergava surpresas. Uma vez era um acartador a quem a nudez confundia quasi com a noite, pela côr da sua pelle de sudra, e que eu não vira a tempo, que me deixava hesitante entre um fardo pela cabeça ou um banho n'aquella bahia. Ha uma epocha do anno em que dizem haver ali tubarões.

Descalços, esguios, eram elles que me sentiam os passos e que gritavam qualquer monosyllabo que significava: olha, repara, *àrê!* Eu olhava, reparava, mas só a destreza dos magros que medraram a ranger sob carrêtos, só a seu geito para se esgueirarem, me evitava o mergulho. E as ondas saltavam. Cheguei a bordo sem um banho pensava eu, quando de subito uma vaga mais cheia e crescida se quebrou tão viva que já foi ventura não rolar n'ella para os abysmos amargos d'esse velho Indico, revolucionado outr'ora, durante os combates dos deuses da epopêa bramahanica,

e onde se afundaram tantas naus portuguezas e tantas esperanças e especiarias da moirama.

Enxarcado, seguro a um marinheiro do escalér da alfandega, que me guiava e que, n'aquelles cincoenta passos, fôra a unica luz do novo caminheiro na cidade de Mormugão, entrei no *Kalinali* que não tardou a largar.

*

A medida que o vapor se afastava, Mormugão sahia das aguas mais d'um jacto, e eu lembrava-me d'aquella teimosia do Conde d'Alvor que lá e cá se esforçou como vice-rei primeiro, e com a sua influencia e seu alto cargo depois, para fazer ali a capital da India portugueza. Em meados do seculo xvii, ouvida a Junta dos Tres-Estados resolveu este vice-rei a transferencia da capital, sob o pretexto da insalubridade de Gôa e para evitar nova invasão dos marattas; mas todo o seu empenho, n'este sentido, iniciou apenas dois desertos — Velha Gôa e Mormugão. Uma que não passou de projecto, — a cidade de que me vou afastando; outra que se despovoou e ruiu, a Gôa das cobras, dos bebiós e adibes. Linda Mormugão, agora te deixo eu silenciosa e escura, morta á nascença ou nascida morta, como um feto de paes degenerados e vis! e quando mais tarde navegar pela costa do Malabar até Bombaim e do Canará até Calicut e não vir bahia alguma de tão prompto e seguro accesso, com tão profundas aguas, e em tão fronteiriça posição a Aden e á costa oriental do continente africano, como ajuntarei a esta certeza o conhecimento da importancia de seres, ao mesmo tempo, o *terminus* da mais importante via ferrea do Industão, não poderei deixar de concluir que já é preciso talento para te não deixarem crescer, povoar, enriquecer!

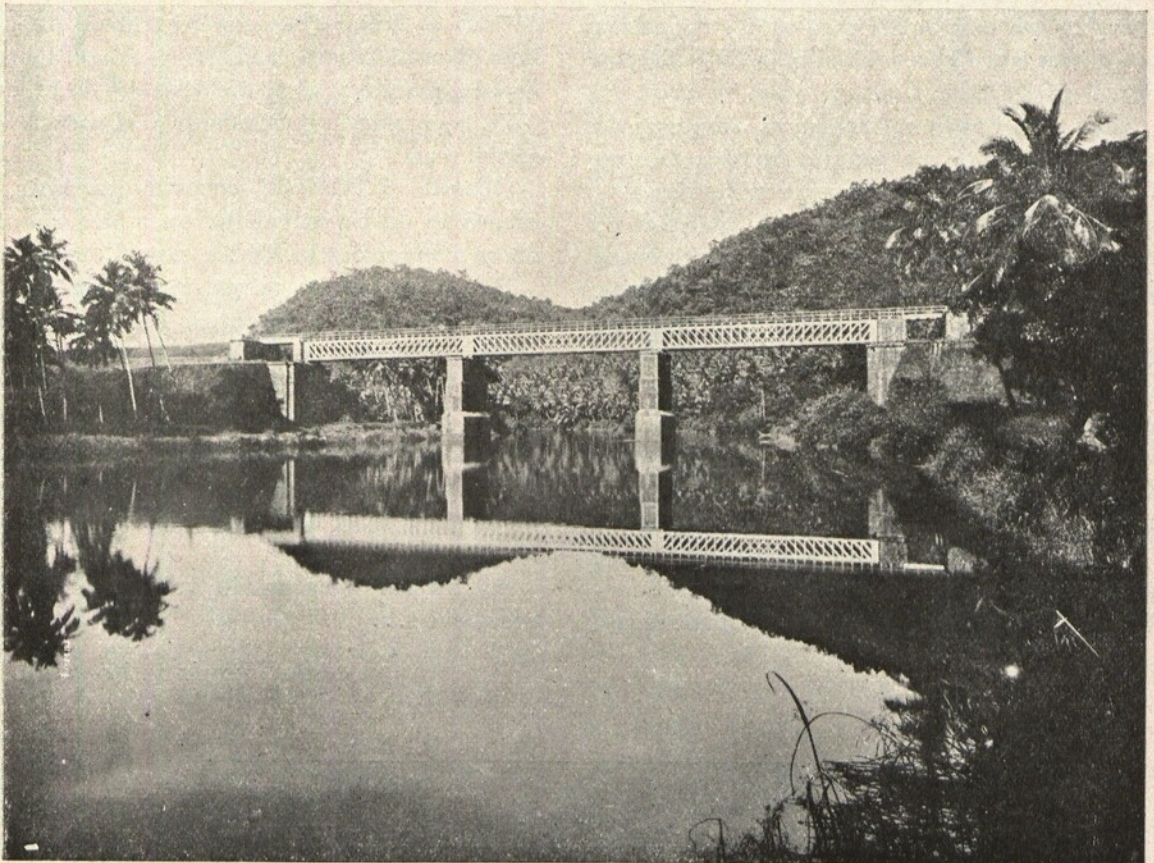
É este o porto que os russos demandam para a introducção do seu petroleo na India; onde vão os vapores allemães da linha d'África; onde entram, frequentemente, os paquetes da *British India*, os barcos da *Persian Gulf*, d'onde a *Southern Marotta*, que ali termina, vae á Londa e ali entronca com as linhas do sul, indo até Bangalore (cidade ingleza do sul, no estado de Mysore), ligando-se neste ponto com a *Madras Railway* que está de posse da rede ferro-viaria do sul; ligada para o norte por Bombaim, com toda a rede circulatoria do Deccan, Bengala extremo norte, Kattiavar, etc.; emfim um dos terminus da rede ferro-viaria

de toda a India, e a melhor bahia de toda a costa occidental da península, com agua para todas as tonelagens, a cidade de Mormugão, digamo-lo, está como nasceu, com o seu quebramar, metade construido, e o seu palacio ou-teiral que foi residencia do consul inglez e que é hoje o hotel do Lobo!

Aqui tendes o que é a cidade de Mormugão para onde o Conde d'Alvor quiz mudar a capital, propondo e insistindo no abandono de Gôa, a cidade tomada por Albuquerque o maior emporio da Asia. Arruinadas pelo luxo as primeiras familias, abraçaram a idéa da mudança das suas residencias, porque este exodo apenas prefaciado pelo vice-rei, logo lhes serviu de pretexto para a liquidação do que haviam, e cessação d'essa vida ostentosa que lhes tinha trazido ruina e degenerescencia. O projecto de largarem Gôa, serviu pois a estas familias para cobrirem com justo disfarce a decadencia ultima a que haviam chegado, materialmente. A peste e os Marattas inquietavam é verdade a Velha Cidade, mas a morte de Gôa, sem que os que d'ella se affastaram, fundassem ou dessem origem a outra capital,

denuncia o desconjunctado abatimento a que se viam reduzidos os principaes. Assim cahiu a Velha Gôa e os que a deixaram, restituindo-a ao deserto ruinoso que os meus olhos tanta vez contemplaram, nada levaram para Mormugão dos restos da sua grandeza. Nem um só telhado altaneiro lá corresponde, ao que os transfugas deixaram a mirar-se, a rir-se, á beira do Mandovy.

Felizmente, que me vou afastando de Mormugão. É ora irritação ora tédio o que nos acomete á vista d'aquelle miseravel porto do qual só o engenho da nossa administração, poderia conseguir a inutilisação de todas as condições que deviam fazer d'elle um rival de Bombaim. Não tarda que a barra do Mandovy se nos abra de par em par. Além, á esquerda está a fortaleza d'Aguada, onde as naus portuguezas, já no tempo da conquista, aportavam, frequentemente. É uma fortaleza rectangular, onde a pedra ennegrecida põe uma nota de regularidade na base do monte que vem ao encontro do mar. A fortaleza está voltada para o rio, e para lá estão assestadas as suas boccas de fogo. No alto d'esse monte vê-se o primeiro pharol



PONTE DE FERRO SOBRE O RIO DE LAMBORDEM

portuguez da costa do Malabar. A Aguada é muito varrida pelo vento, sendo por isso ali a temperatura menos alta. Vive na fortaleza o commandante da praça. Defronte da Aguada está o palacio do Cabo, residencia de recreio, e para os mezes mais ardentes, dos governadores geraes. *Lord Curzon* que esteve hospedado no palacio do Cabo chamou a mais bella vivenda do Malabar áquelle antigo e pequeno convento construido sobre rochas. Transposta a Aguada e o Cabo, eis-nos dentro do Mandovy. A entrada é difficil. A monção accumula annualmente na barra do Mandovy um banco de areia que impede a navegação.

Livre da monção abre-se a barra, mas um barco de maior tonelagem, apenas procurando uma linha que os pilotos nos ensinam, pode internar-se até á altura de Nova Gôa. Por isso, cá vae o *Kalinali*, apezar de vapor costeiro, procurando a linha, o prolongamento do traço que liga o pharol de Nossa Senhora da Conceição em Pangim com o de Gaspar Dias na margem direita do rio. N'esta direcção o vapor chega a estar a uns dez metros da praia da Ilha de Gôa para d'ahi a pouco cortar para a margem opposta e quasi confundir a sua mastreação com os troncos esguios dos coqueiros marginaes entre Verem e Betim, aldeias de Bardez.

Com este bordo se fecham as aventuras de todos os que por mar entram em Nova Gôa ou Pangim; mas desde que nos aproximamos d'Aguada até ao desembarque, que multidão de reminiscencias historicas, que deslumbramentos pela paysagem, que surpresa na propria cidade.

Além cahiu o roble augusto que enraizou os portuguezes na India. Vamos cortando as mesmas ondas que deveriam ter engolida a nau d'Albuquerque, para que não agonisasse no doloroso conhecimento de quem lhe mandavam do reino, para d'elle herdar o seu imperio asiatico.

Como havia luar, pude ver bem o Cabo e presentir como nas suas largas varandas se confunde a musica das palmeiras, das mangueiras,

dos tamarindeiros e dos velhos bambuaes, jogando ao vento do mar, com o profundo murmurar das ondas.

Depois da cêrca do Cabo, Caranzalem mais verde e luzidia, mais tratadas e felizes as suas arvores, menos desgrenhadas e despidas. A praia do Campal continúa a margem direita, substituindo por um revolto d'areia que separa extensos palmares do Mandovy, aquelle trecho anterior que vem com a sua vegetação mesmo até ao rio. E' no fim d'esta praia por onde todos os occidentaes levam os olhos a caminho do mar, como as aves olham atravez da grade d'uma gaiola para a arvore onde tiveram o seu ninho, que se encontra um largo, murado sobre a praia, á maneira de praça de guerra aonde collocaram, a meio da muralha, uma plataforma rectangular, a peça de Banastarim. A terrivel destruidora, a arma prodigio, companheira da resistencia dos portuguezes num dos cêrcos mais difficeis da sua epopeia oriental.

E lembrar-se a gen'e que foi em Banastarim que mais tarde o conde d'Alvor reuniu os estados, para resolver o abandono de Gôa, porque a cidade podia ser encommoada pelos marattas!

Fronteira á peça de Banastarim está a fortaleza de Reis Magos, além, do outro lado do rio, corrida ao longo d'um dos degraus do oiteiro. Reis Magos! quantas vezes lá descancei a vista, depois, quando á tarde me despedia do sol que vinha a caminho do Occidente, de Portugal, da minha terra!

Quando o *Kalinali* encostou *trapiche*, a escuridão da cajital melhorou a idéa que me ficára de Mormugão. Oh! a capital tenebrosa!

Um deus, — Indra talvez, interrompera durante uma hora, o amontuar das nuvens que agora voltavam a cobrir o ceu. Com este favor divino entrei em Gôa; com elle me foi dado ver o quadro-sonho da barra do Mandovy para o qual nenhum viajante encontrou ainda aproximação de belleza — sequer! nas mais formosas e ricas bahias do Velho e do Novo Mundo.

Ao atracar a escuridão voltou. — Bemdita escuridão!...

DOM THOMÁS DE NORONHA.



A correspondencia epistolar

NO

JAPÃO



LENDO O JORNAL

SUPPONHAMOS que a menina Dorothéa, ahi d'esse 3.º andar da rua da Prata ou d'essa sobre-loja da calçada do Marquez d'Abrantes (prazer de ir citando nomes de sitios onde os meus olhos não poisam ha mais de quinze annos...), supponhâmos que a menina Dorothéa conta dezoito primaveras e — consequencia logica — tem o seu namorado. Eu nunca li — affirmo e juro — as missivas trocadas entre os dois; mas sei que são de duas folhas de papel, de tres folhas de papel, de um caderno e mesmo mais!... É notoria a eloquencia epistolar (já não digo a orthographia) em corações amantes.

Dando um pulo — e que pulo! — passando de uma rua de Lisboa a uma viella do Japão, imaginêmos agora que *O'Hana-San* (a menina Flôr) se

encontra em circumstancias semelhantes, no respeitante a idade e a intimos affectos. Posso desde já assegurar que, como a sua irmã da Europa, a *Musumé* se regala com igual abundancia de leitura nas cartas que recebe, dando igualmente provas de infatigavel prolixidade amorosa nas cartas que ella pinta. Conclue-se que as duas Evas — a da Extrema-Europa e a da Extrema-Asia — não differem entre si n'este predicado psychico, como não differem tambem em muitos outros. Algumas divergencias, que se poderiam apontar, são apenas de forma, não de essencia. Assim, em quanto que a europeia *escreve* cartas, a japoneza *pinta* cartas — uma empunhando a penna, outra o pincel. — Convem tambem notar que a grandeza da carta nipponica (*teganú*) não se mede por folhas, nem por cadernos, mas sim por unidades lineares — o palmo, o metro, como queiram. — O pa-

pel para escrever vem da loja n'um rolo, que se vae desenrolando pouco a pouco, á medida que o pincel traça, em linhas de alto a baixo e da direita para a esquerda, a caprichosa caligraphia d'esta gente; arranca-se depois o pedaço que foi escripto, dobra-se em muitas voltas, envolve-se no competente sobrescripto, por signal de forma muito



esguia, endereça-se e lá segue... A carta terá pois dois palmos de comprido, ou tres palmos, ou um metro, ou dez metros, conforme o



SORRINDO

assumpto, conforme a ancia de tagarelar com quem se estima. Nas relações entre ausentes, quaesquer que sejam os individuos e os paizes, o pensamento de um procura o outro, vae-lhe ao encontro. Debaixo d'este ponto de vista, a carta japoneza pode merecer uma interpretação sympathica: — imagem do pensamento, segue com elle, alonga-se, parte da mão carinhosa que segura o pincel até ao coração d'aquelle que longe soffre de saudades; não é um volume, é, com mais propriedade de expressão, uma distancia.

A *Musumé* adora as cartas — escrevel-as, recebemas —. Não será por certo

LENDO UMA CARTA

exaggerado calculo, avaliando a sua correspondencia annual em alguns kilometros, entre missivas de familia, de amigas, de companheiras de escola; entrando, para mais, nas regras de boa educação, a pratica de enviar palavras de carinho aos distantes, em determinadas epochas: — principio do anno, quadra das neves, florescencia das ameixeiras, florescencia das cerejeiras, começo das calmas, força do estio, inicio

do outono, etc. —. Em assumpto litterario, sobra-lhe ainda tempo para lêr o seu jornal, o seu *shimbum*. N'outros assumptos, isto é, em cuidar dos seus vestidos, do seu jardim, ir ao templo, ir ao theatro, ir ao campo, rir — rir sobretudo, que é a sua mais favorita occupação, para regalo de quem lhe espreitar a fila humida dos dentinhos, — a *Musumé* dispõe ainda de quarenta e oito horas uteis, pelo menos, durante cada dia.

Kobe — Dezembro de 1906.

WENCESLAU DE MORAES.



CHORAR

Choraste aquêlê dia por acaso,
Ao recordar um santo amôr, talvez . . .
Tomava o ceu a côr da viuvez
E escondia-se o Sol no seu ocaso.

Choraste! Pêla tua face linda
Correu a pouco e pouco um chôro brando.
Lamento dum amôr que foi passando
Ou uma saudade antiga mas infinda.

Foi então que soubeste que o chorar
É a pagina maior e mais comprida
Dum grande livro que nos faz amar.

Choraste porque sabes compreender
Que essa página e o livro são a Vida
E — vê — nem toda a gente a sabe lêr.

(Do *Livro de Dôr*, a sahir do prelo.)

Carlos Cilia de Lemos.



EPISODIOS E ANECDOTAS

III

A PATRIA HONRAE...



QUANDO, a 27 de agosto de 1894, se manifestaram os primeiros symptomas de rebeldia entre os indigenas de Lourenço Marques, os dois unicos navios, que então constituíam a divisão naval, estavam combalidos por um demorado estacionamento nos portos da provincia de Moçambique. A machina da canhoneira *Quanza*, após trabalhosos cruzeiros no norte, no fatigante serviço de vigiar os pangaios e de perseguir os mujojos, funcionava tão lenta, tão arrastadamente, como os pulmões cheios de cavernas d'um tuberculoso. A corveta *Rainha de Portugal*, fundeada no rio do Espirito Santo, não se podia gabar de muito mais san. O governo geral requisitara telegraphicamente, e com a maior urgencia, alguns navios, mas a *Affonso de Albuquerque*, apesar dos melhores esforços da sua guarnição, só chegou em fins de outubro e mais tarde ainda a *Rio Lima* e a *Diu*.

O castigo da rebeldia, no sul, n'uma extensa faixa maritima, salpicada de ilhas, cortada de rios, entre os quaes dois de consideravel importancia estrategica—o Incomati e o Limpopo—em difficilimas condições de abastecimento, n'uma costa ouriçada de escolhos e de parceis, em cursos fluviaes, onde, a cada passo, se esbarra com obstaculos só vencidos á custa de muita habilidade e paciencia, teria de se

effectuar com embarcações de tão diminuto valor militar, que se considerariam irrisorias se não as glorificassem a intrepidez e pericia dos seus tripulantes.

O primeiro tributo de sangue pagou-o a corporação da armada. Os rebeldes, ante a defficiencia dos nossos primitivos meios de repressão, alardearam audacia e hostilizarannos energicamente.

O que se denominava pomposamente esquadilha de Lourenço Marques, no principio da campanha, era formada: pelo vapor *Neves Ferreira*, antigo, decrépito e arruinado transporte de emigrantes negros, commandado pelo segundo-tenente Raul Furtado; pelas lanchas-canhoneiras *Xefina* e *Bacamarte* e pelo escaler *Tito de Carvalho*. Este apodrecia encailhado, n'uma praia do Chai-Chai, no Limpopo. As duas lanchas, a primeira commandada pelo primeiro-tenente Marinho Cabral e a segunda por Filippe Nunes, significavam um simples e caricato arremedo de embarcações de guerra. Na *Bacamarte* só cabiam quatro homens, que desempenhavam á compita os complexos misteres de bordo, desde servir as metralhadoras até refugar a caldeirada para o rancho. As chapas do casco não resistiam ao embate d'um tiro de chumbo grosso, a machina estacava offegante no mais critico da contenda e quando desfraldavam a bandeira nacional á

pôpa as suas dobras ensombravam todo o barco.

No dia 27 de dezembro de 1894, o *Neves Ferreira*, a *Xefina* e a *Bacamarte*, voltavam ao Marracuene, afim de metralhar mais uma vez as duas margens do Incomati. Apenas, do mangal, os negros avistaram as embarcações, toda a linha da beiramar se esbraseou, sinistra, n'um crepitar nervoso de fuzilaria. Subiram de vagar



CAPITÃO-TENENTE FRANCISCO DIOGO DE SÁ

o rio; os projecteis incidiam no costado e despenhavam-se sobre o convés como um d'esses formidáveis aguaceiros de que só a Africa possui o segredo. A artilharia das lanchas cumpria valentemente o seu dever,

mas do tenaz e cauteloso inimigo não se dividava sequer um pedaço de lan das densas carapinhas. De tarde, os navios desceram em direcção da foz, sempre tropeçando nas restingas que emmaranham os canaes, sem que o tiroteio contrario abrisse uma tregua na sua furia persistente de morticinio. A's quatro da tarde, quando a *Xefina Pequena* debruçava o recorte caprichoso do arvoredado nas aguas remançosas e amarelladas do Incomati, quando pouco faltava para se sahir d'aquelle inferno de baixios traiçoeiros, de ciladas cobardes, de acommettidas invisiveis, de tiros que surgiam como fogos fátuos, de metralha que saturava a atmospheria de chumbo e enchia os pulmões de gazes deleterios de polvora infecta, quando o primeiro-tenente Filippe Nunes se virava para o timoneiro e lhe transmittia uma ordem, uma bala aleivosa penetra-lhe pelas costas, atravessa-lhe o coração, mata-o instantaneamente e crava-se n'um madeiro que lhe ficava á retaguarda.

Era a primeira victima do dever, a primeira não de gloria que a marinha gravava nos fastos da campanha, tão opulenta de rasgos heroicos.

No dia 29 de janeiro de 1895, da madrugada,

levantava ferro do seu ancoradouro em Lourenço Marques o *Neves Ferreira* e a *Bacamarte*, agora commandada pelo segundo-tenente Vieira da Rocha. Deviam encontrar-se as duas embarcações fundeadas ao meio dia no Marracuene, para auxiliar as forças da terra e cortar a retirada ao inimigo, caso elle quizesse atravessar para a margem esquerda. Essa viagem, tão curta em distancia, foi cheia de peripecias, revolvida de trabalhos, accidentada de perigos.

O *Neves Ferreira* com os seus onze pés de calado, em fundos sempre oscillantes, varou quando demandava a entrada do Incomati. O seu commandante, Raul Furtado, official que prestou optimos serviços nas operações pela sua coragem e sciencia, mandou arriar a baleeira com quatro marinheiros, para se safar, o que conseguiu com muita felicidade e calma de resolução. Proximo da *Xefina*, determinou o tenente Furtado que o escaler fosse içado e que a sua guarnição recolhesse a bordo. A vaga alterosa e o seguimento do vapor não permittiu a realisação d'esta medida. Dobrou-se um baixio, a corrente forte e desvairada enovelava-se n'um redemoinho, o leme não actúa no navio, a ondulação atira-o sobre a praia, o



PRIMEIRO-TENENTE VICTOR SEPULVEDA

encalhe é inevitavel e talvez fatal. Uma manobra arrojada, porém, obriga-o a arribar e salva o casco de adornar sobre a fôfa cama de areia, que o solicitava com a fascinação d'uma d'essas fabulosas sereias tão temidas dos antigos navegantes. No momento em que sahia de todos os peitos um suspiro de allivio pelo risco ido, resôa lugubre e pavoroso o brado:

— Homem ao mar!

A baleeira virara-se. Um dos naufragos sobe facilmente pela espia do reboque, outro, menos expedito ou mais atrapalhado, aferra-se afflicto ao cabo, mas não encontra forças para se içar. E' laçado pelo pescoço e assim metido no convés. Os dois restantes marinheiros, esbracejam nas ondas, a distancia, agoniados, prevendo a morte engulidos pela agua, ou retalhados pelos dentes ponteagudos e incisivos dos crocodilos. O *Neves Ferreira* não lhes pode acudir sob pena de se perder. Faz signal á *Bacamarte* para que os socorra. Vieira da Rocha não se atemorisa com as difficuldades a vencer e aprôa ao sitio onde os desventurados se debatem nas vagas. Um d'elles sabe nadar; outro não. O segundo, agarrado á quilha da baleeira, deixa-se ir com ella, n'um rotopio phantastico e vertiginoso, ao sabor da corrente impetuosa. N'um momento, pelo capricho do mar, o escaler abeira-se da praia. O bravo e destemido nadador, impellido por



PRIMEIRO-TENENTE RAUL FURTADO



PRIMEIRO-TENENTE ALFREDO CAÇADOR

esse espirito de boa camaradagem e dedicação peculiares aos marinheiros, dirige-se para o companheiro, ampara-o, segura-o á custa de inauditos sacrificios e condul-o a terra. A *Bacamarte* não podia atracar ali; os naufragos foram constringidos a andar mais de oitocentos metros pelo areal; quando a lancha conseguiu approximar-se, o 304, da 6.^a brigada, o que nadava, tornou a lançar-se á agua e a rebocar o camarada para bordo, em tão boa hora, que não lhe succedeu percalço de maior, além do prolongado banho.

Junto da Xefina Pequena o *Neves Ferreira* tornou a quedar-se em cima d'uma corôa. Só a preamar teve poder de o safar, ás quatro e meia da tarde. Proseguiu então a viagem. O mangal da ilha, onde se acobertava a damna da gente do Finish, transforma-se n'uma cata-dupa de projecteis, desfechando os negros sobre as embarcações quantas armas possuíam. As metralhadoras replicam na sua linguagem estrepitosa e phrenetica. O tiroteio dos indigenas esfria gradualmente; um pouco mais adeante, o 195 da 4.^a, um grumete com vista de mi-hafre, descobre dois rebeldes occultos por entre o capim. Aponta sereno e faz fogo. Um tomba para nunca mais se erguer; o outro foge como um antílope perseguido pelo leão. Na margem direita avistam-se diversos grupos, escondem-se á pressa, disparam varias descar-

gas, mas duas granadas certas, enviadas a tempo, enxotam-n'os para o mato cerrado. A fuzilaria vae esmorecendo, com intermitencias de canção, até se extinguir de todo. A's seis e meia da tarde fundeavam os dois navios em frente do Marracuene, desenrolando-se-lhe ao lado o bivaque da columna.

No dia 30, o *Neves Ferreira*, no cumprimento de instrucções recebidas, singra pelo Incomati acima, até onde o fundo lhe permite. As suas metralhadoras excedem o Jupiter tonante da mythologia. O colmo das povoações breve se esbraseia em labaredas accesas pelos projecteis; os bandos da negralhada, curiosos e aggressivos, occultos no mangue e nos accidentes do terreno, não tardam a deixar ermos os covis onde se acoutam; tres lanchas de carga, de typo europeu, das empregadas no trafego entre a cidade e o interior, que se lhe depara, são apresadas. Não ha ninguem a bordo. Era evidente a connivencia da tripulação no contrabando de polvora e armas. Fugira tudo á approximação do vapor.

Ao passo que o *Neves Ferreira* realisava esta util e productiva expedição, a *Bacamarte* voltava para Lourenço Marques com correspondencia e em busca de provisões. Os negros

como a vissem tão microscopica e desacompanhada de auxilio, fizeram convergir sobre ella toda a sanha do seu complexo e variado armamento. Entre as duas Xefinas a vigia de prôa, previne o tenente Vieira da Rocha.

— Sô commandante, vae além uma lancha apinhada de negros.

— Onde? — pergunta o official assestando pressuroso o binoculo.

— Acolá — responde o interpellado, apontando para a frente, n'um gesto significativo e energico; — remam com alma os safardanas; querem ganhar a margem direita.

— E se fôr gente pacifica?! — objectou um marinheiro mais ingenuo.

— Qual pacifica, nem meio pacifica?! Quem não quer andar n'estas danças recolhe-se á cidade. Os pretos que vadiam por aqui nem valem o ferro que os ha de matar — explicou meio irado o interlocutor.

O tenente Vieira da Rocha encarou com olhar expressivo o tripulante que desempenhava a bordo as pomposas funcções de machinista, e ordenou-lhe:

— A'vante, a toda a força!

Operaram-se milagres. A caldeira não reventou, nem toda aquella engenhoca de metaes velhos e de tubos rôtos foi pelo ar porque a Providencia protege os temerarios. Da

lancha conheceram o perigo e multiplicaram os esforços para fugir á perseguição.

— Os cães do diabo querem enrascar-nos e vão para cima das restingas! — exclamou, terminando a phrase com uma formidavel praga, um dos quatro marinheiros da numerosa guarnição.

— Não terão tempo para tanto — resmoneou por entre dentes Vieira da Rocha calculando com toda a serenidade a marcha das duas embarcações.

— O rio é largo n'este ponto — commentou alguém para o camarada — e a helice sempre é mais maneira que os re-

mos manejados por aquelles calmeirões.

— Olha lá! — berrou outro com a vista esgazeada e os labios a tremerem de instinctivo furor. — E' o barco de Carlos Lopes!

— E', não ha duvida! — confirmaram todos n'uma serie de inflexões, que exprimiam os sentimentos mais antagonicos, e que iam desde a surpresa dolorosa até o jubilo da vingança prestes a saciar-se.

Permitta agora o leitor que o elucidemos acerca da identidade do dono da embarcação, n'esse momento na posse dos rebeldes. Carlos Lopes era um dos netos do destemido e venerando patrão Joaquim Lopes, de Paço de Arcos, que salvara tantas vidas do naufragio



SEGUNDO-TENENTE PINTO ROBY

como cachopos e penedias tem a barra de Lisboa. Entregava-se em Lourenço Marques á profissão de pescador, profissão ali lucrativa mas arriscada. No dia 24 de outubro de 1894, embarcara na sua lancha, com dois madeirenses e um italiano, afim de pescar na Inhaca. Na bahia o vento rondou para o sul, rijo e ameaçador. Conhecendo que não podiam romper, deliberaram arribar á Xefina. Os quatro levavam espingardas e munições.

Antes de desembarcar descobriram um barco a bordejar dentro rio tripulado por trinta pretos. Temendo uma acommetida, quando em terra, dispararam alguns tiros sobre os rebeldes, que fugiram á força de vela. Saltaram na ilha e dormiram no barracão destinado a lazareto. De madrugada, ao despertar, não encontraram a sua lancha. Os indigenas tinham-lhe cortado a amarra e a maré impeliu-a para dentro do Incomati. Estavam á mercê dos revoltosos. Carlos Lopes, sempre imaginoso, construiu uma jangada com as portas, janellas e mais madeiramento do pharol. A' tarde os dois madeirenses confiaram a vida ao fragil batel e dirigiram-se para a cidade. Carlos Lopes teimou em ficar. Ainda não ia longe a jangada quando a embarcação dos insurrectos lançou um golpe d'elles na praia. Houve tiros, uma lucta homérica e os dois europeus foram assassinados. Quando no dia immediato ali chegou um navio de guerra, commandado pelo tenente Raul Furtado, encontrou os cadaveres dos dois infelizes completamente nus. Carlos Lopes apresentava a perna esquerda quasi decepada por uma machadada, no terço superior, e dois ferimentos de bala no peito, o que fazia presumir que se suicidara antes de o esquartejarem. O resto do corpo era um crivo de azagaiadas, o mesmo acontecia com o seu desventurado companheiro italiano. Estes dois assassinios causaram a maior indignação em todos os habitantes e muito mais intensamente nos marinheiros, pois a victima pertencera á Armada Real.

— E' ella! Quem não a conhece no porto? — continuavam affirmando os homens da *Bacamarte*, n'um estado de exaltação facil de comprehender.

— Mas em tal caso — lembrou um dos da guarnição — alguns d'esses *cabeças de estôpa alcatroada* devem ser dos que deram cabo do pobre rapaz!

— Ah! isso devem!

— Foi Deus quem os trouxe até aqui para receberem o merecido castigo!

— Ah! se os pudessemos agarrar vivos!

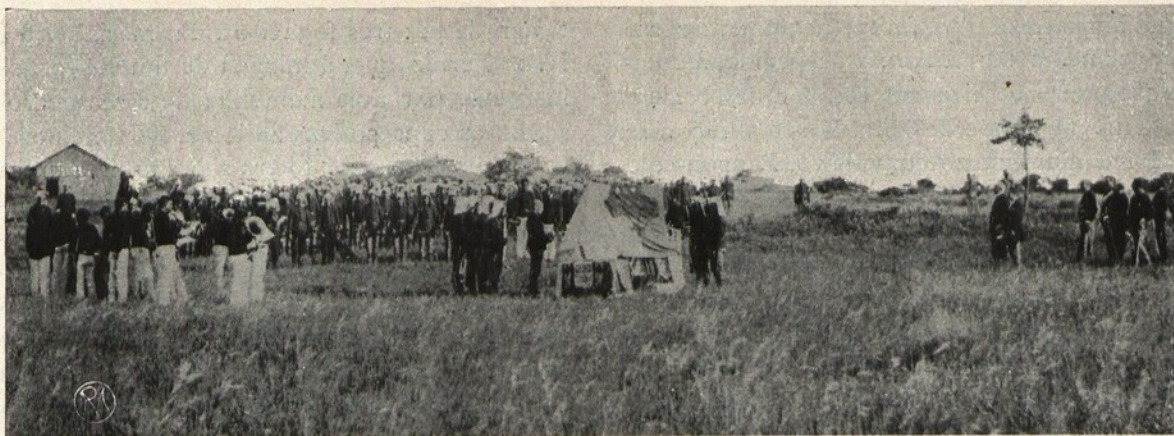
— Não será facil, tratam de se pôr a coberto das nossas garras! Procuram intimidar-nos.

Effectivamente os negros perseguidos desfecharam sobre a *Bacamarte* uma descarga cerrada, que rasgou novos buracos na já esfuracada embarcação, mas que deixou incólumes os seus tripulantes. Em seguida, convencendo-se que não conseguiriam escapar-se na lancha, lançaram-se ao rio, procurando alcançar a nado o mangal, que se encontrava perto. Não foi necessaria ordem de Vieira da Rocha para os artilheiros se acercarem da metralhadora e os demais pegarem nas espingardas.

— Que não falhe um! — recommendou o cabo.

Solemnes, calmos, como a imagem da justiça, mas não cegos, como ella, cada marinhheiro visou com terrivel serenidade o seu escolhido. Os tiros detonavam seccos, breves, sem a precipitação dos combates. Eram tiros de caçador, que não quer que a presa se lhes esquivе. Dos rebeldes, uns mergulharam tingindo a agua de largas manchas encarnadas, que alastravam de momento para momento; outros receberam a morte já em terra, contorcendo-se no ultimo estertor na areia calcinada. Não ficou aos brancos o remorso de deixar um unico insurgente com vida. Carlos Lopes e o italiano ficavam fartamente vingados. A embarcação roubada voltou para nós. A bordo, acoradas debaixo dos bancos, transidas de medo, encontraram-se quatro creanças e uma velha. Pesquisado o barco nos seus diversos esconderijos, topou-se ainda com o relógio, completamente damnificado, e alguma roupa, que pertencera á desditosa victima da crueldad dos revoltosos.

O *Neves Ferreira* assistiu, inerte, á estupenda madrugada de 2 de fevereiro, quando os negros se arrojavam como um ariete vivo e fulminante de encontro ao quadrado das tropas expedicionarias. A bordo houve quem chorasse de raiva ante a excepcional impotencia d'aquella situação, em que não se podia disparar um tiro sobre o inimigo sem ferir amigos. A *Bacamarte* prestou tão extraordinarios serviços que o commissario régio, conselheiro Antonio Ennes, declarou, por graça, que tencionava pedir para ella a Torre e Es-



LOURENÇO MARQUES — MISSA CAMPAL NA PONTA VERMELHA

pada. Condecorada foi toda a sua guarnição, e ninguém mereceu com mais justiça essa recompensa honorífica.

Na primeira phase da rebellião, quando toda a força publica de Lourenço Marques passou quarenta e seis noites sem dormir, de olho á espreita e de dedo no gatilho, o commandante da *Rainha de Portugal* Moraes e Sousa, governador do districto Canto e Castro, segundo tenente Victor Sepulveda, e os guardas-marinhas Nogueira, Pinto Cardoso, Pereira da Silva e Silva Cardozo, mantiveram intrepidamente o pundonor da briosa corporação a que pertencem.

Na manhan de 16 de outubro de 1904 deuse um incidente com o tenente Sepulveda, que, por um triz, não redundou em tragedia. De madrugada houve um falso alarme. Cerca das nove, Victor Sepulveda conversava em frente d'uma metralhadora Maxim com o tenente coronel Nogueira. Um cabo lembra-se de explicar a um amigo o funcionamento da metralhadora; mexe-lhe, o canhão dispara e um feixe de balas, sete ou oito, cruzam por baixo do braço direito do official de marinha e atravessam de lado a lado o cavallo do seu interlocutor. Os dois escaparam absolutamente incólumes!

*

* *

Dos feitos épicos praticados na campanha, um dos mais notaveis, o que revela o mais absoluto desprezo pela vida no cumprimento d'um dever patriotico e o que demonstra mais altas faculdades de pericia profissional, foi a viagem de Quilimane para Lourenço Marques das duas quasi invisiveis lanchas-canhoneiras

Carabina e Sabre. Destinadas á navegação dos rios, desmontaveis, medía cada uma um pouco menos de vinte e tres metros de comprimento, tres metros e pouco mais de meio na sua maior largura, com um deslocamento de cincoenta e tres toneladas. De fundo chato, com a helice a ré, nada existia mais improprio e mais perigoso para arrostar as iras do canal de Moçambique, sempre pérfido nas suas tempestades, sempre ameaçador de tragar quem lhe devassa os tenebrosos mysterios.

Havia na marinha de guerra já um exemplo glorioso de temeridade semelhante: a travessia de Lisboa até á Zambesia dos dois vaporsinhos *Sena* e *Tete*, sob o commando de Ferreira do Amaral e Vaz. Necessarias no sul as duas acanhadas embarcações, não hesitaram os seus dois destemidos commandantes, Guilherme Ivens Ferraz, da *Sabre*, e Alfredo Caçador, da *Carabina*, em metter hombros a uma empreza sem similar nas armadas estrangeiras. Fôra resolvido comboial-as a canhoneira *Rio Lima*, á frente da qua se encontrava um marinheiro habilissimo, Azeredo de Vasconcellos, que só com muito escrupulo e reluctancia cedeu á heroica teimosia dos dois valentes rapazes, que insistiam pela partida.

Acompanhemos n'esta odysseia maritima a *Sabre*. Os riscos, o denodo, o brio, a obstinação do que ha de mais levantado na galhardia militar, são os mesmos para os heroes que guarneciam os dois exiguos navios. Fez-se a largada de Quilimane no dia 27 de abril de 1895, em boas condições atmosphericas. A *Rio Lima* levantou ferro mais tarde, porque andando melhor, era de suppor que depressa alcançasse as duas cascas de noz. Ivens Ferraz offerecera um almoço a bordo a varios dos

seus amigos, que o foram acompanhar até Tangalane, á barra. Ahi, á despedida, a commoção dos que ficavam rompeu desabrida e violenta. O conde de Villa Verde abraçou-se ao Ivens n'um choro convulsivo. Zangou-se o marinheiro e terminou a pathetica scena que enterneceria o carácter mais empedernido.

A caminho! Ao cahir da tarde, encontravam-se as lanchas em frente do Inhamissengo. De subito, como é tão vulgar n'aquellas la-



LOURENÇO MARQUES — UM ASPECTO DA MACANETA

titudes, desce sobre o oceano um manto espesso de nuvens negras, desencadeia-se uma horrenda trovoadas e despenham-se do firmamento diluvianas bâtegas de chuva. A' prôa do barco não se descobre um palmo de horizonte, o mar, como enfurecido de tanta ousadia, encrespa-se em cordilheiras gigantescas, ao pé das quaes as lanchas são imperceptiveis manchas brancas no tapete glauco e profundo d'aquelles disfiladeiros pavorosos, de grandeza sinistra. As acanhadas embarcações estremecem e debatem-se em acessos de epilepsia; sem borda, com as pontes em cima a perturbar-lhes o equilibrio, sem poderem fechar as escotilhas, na expectativa lúgubre e permanente das vagas lhes apagarem as fornalhas, com o receio constante de avarias na machina, ameaçadas de minuto a minuto do leme não governar, avassalladas pelo cuidado fatigante de acudir á manivella, regular o ingresso do vapor e temperar a velocidade da helice, sem nenhuma das vantagens que caracterizam os navios de vela a lutar com as borrascas, a situação era affrontosa, cheia de angustias.

Na *Sabre*, com os sacões horriveis do desesperado balanço, só cinco homens se aguen-

tavam de pé: tres fogueiros, um marinheiro e Ivens Ferraz, que, á mingoa de timoneiros, se manteve, por uma maravilha de força nervosa, horas consecutivas ao leme. Não melhorava de posição quando era rendido pela unica praça válida, pois tinha de se amarrar ao mastro, se não queria ser cuspidos pelas azorragadas das vagas ou pelas oscillações estonteantes dos bordos. O tempo cada vez se carregava mais e a terra avolumava de segundo para segundo, surgindo ainda mais feroz e horrenda com as suas funebres miragens de naufragios implacaveis, que as ondas de fauces abertas para tragar os míseros. Foram então lançadas as ancoras, denominadas de capa, e deramados alguns saccos de azeite, o que serenou um tanto o aspecto temeroso do mar.

A *Rio Lima* não apparecia. Aos signaes feitos, aos fogachos accessos, aos foguetes arremessados ao ar, só respondia o clamor do vendaval e a escuridão absoluta dos vapores tempestuosos. A noite decorreu na prolongada tortura d'uma anciedade indizível. De madrugada alliviou um pouco o tempo, mas as trevas continuavam compactas, os aguaceiros persistentes, os trovões ensurdecedores. A terra mal se divisava a intervallos, quando os coriscos rasgavam em ziguezagues luminosos os crepes da cerração. As lanchas navegavam ás cegas, sem um astro no céo caliginoso que as guiasse, sem descobrir o fumo d'um paquete mais possante que lhes servisse de referencia, sem uma balisa, um pharol, uma montanha, um pedaço de littoral mais elevado que lhes indicasse a situação. Prumavam sem cessar, em fundos ora enormes ora escassos, n'uma incerteza confrangedora.

Ao meio dia de 28, Ivens Ferraz conhece que se encontrava nas alturas do porto da Beira. Como entrar, sem ser possível distinguir as boias, acertar com o menor indicio revelador do canal? Fora era impossivel a contenda com os rôlos do mar a recrudescer de braveza de instante para instante. Tornava-se inadiavel buscar o surgidouro fosse qual fosse o sacrificio. Os officiaes sentiam apertar-se lhes o coração n'uma acommettida de impotente phrenesi. Avante! E seguiram, com tanta felicidade, que, algumas braças adeante se lhes deparou a primeira boia. Conhecia Ivens Ferraz muito bem a barra, pois ao trabalho d'elle se devera quatro annos antes a sua balisagem. Entraram com a venda do nevoeiro nos olhos, confiados em Deus e na sua boa estrella até

chegar junto do povoado, perto do paquete inglez *Madura*, da carreira da India. Não puderam conservar-se ahi. O vento soprava tão impetuoso, que as duas lanchas, não obstante terem largado toda a amarra, garraram, vendo-se constangidos os commandantes a suspender e a subirem o Pungue, até encontrar coutada n'um dos torcicollos do rio, onde conseguiram dar algum descanço aos membros lassos. Ahi, confessam os bravos marinheiros, dormiram a somno solto durante muitas horas a fio, sem sequer cuidar de comer.

O vapor *Madura*, prestes a sahir, mas receoso do vendaval, envergonhou-se, quando por elle passaram as duas pequenas embarcações, de não seguir viagem. Levantou ferro e affrontou a tempestade, mas não se demorou muito na audaciosa tentativa, pois d'ahi a poucas horas tornava a ancorar, corrido e cheio de pejo, sentindo-se humilhado de não realisar o que os míseros barquinhos tinham feito tão milagrosamente e com tanto brio. A *Rio Lima*, só no dia immediato, 29, pôde entrar, depois d'uma jornada horrorosa, em que não ficara louça inteira a bordo. Azeredo de Vasconcellos, ancioso e angustiado, não vendo, ao penetrar na Beira, as duas lanchas, occultas, como se encontravam, n'uma dobra do rio, suppoz que tudo sossobrara e soffreu horas de indizível martyrio, emquanto a presença de Alfredo Caçador e de Ivens Ferraz o não convenceu que nenhum desastre acontecera.

As duas tripulações foram tratadas com requintes de mimo pela gente da *Rio Lima*. A melhor carne dos bois mortos, o carvão mais gorduroso dos paioes, escolhido pedra a pedra, tudo quanto materialmente se antolhava proprio para suavisar a faina laboriosa dos valentes navegantes, tudo foi posto ao seu dispôr com affecto paternal. Era forçoso proseguir na travessia. Eil-os com prôa ás ilhas de Bazaruto. Erguia-se agora outra difficuldade de momentosas consequencias — a alimentação das caldeiras. Com condensadores arranjados ao acaso e á ultima hora, para a inevitavel utilisção da agua salgada, as incrustações salinas attingiram tal extremo, que, ao perigo já de si temeroso da sanha das ondas, juntavam-se as medonhas probabilidades d'uma explosão imminente. Azeredo de Vasconcel-

(Conclue no proximo numero.)

los demonstrou aos seus intrépidos collegas a imprudencia de insistir no desempenho da commissão. Nenhum argumento demoveu a tenacidade dos heroicos rapazes.

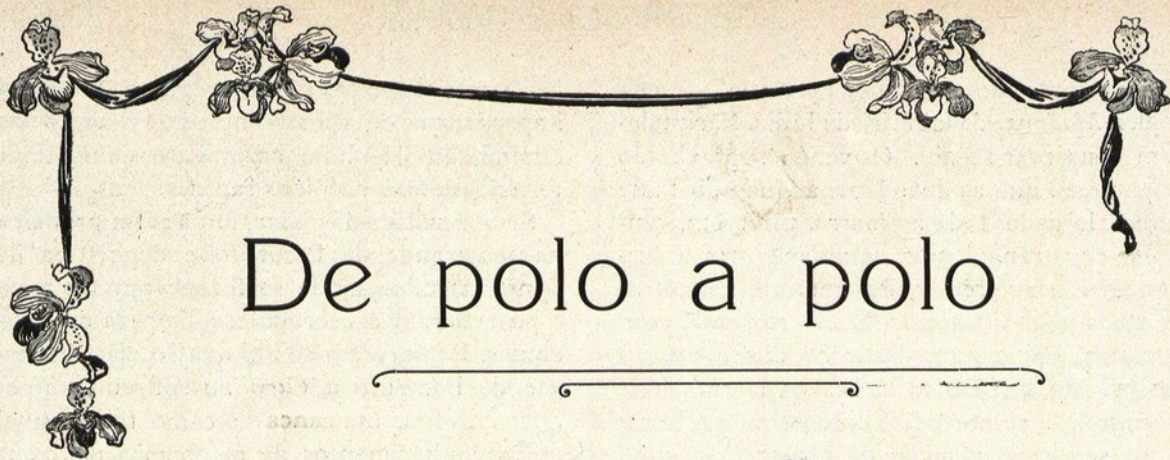
Sem novidade de maior, fundearam primeiro na ilha grande de Bazaruto e depois na de Santa Carolina, onde se forneceram de agua e procederam a escrupulosa limpeza das machinas. Demoraram-se ahi quatro dias. Ao largar de Bazaruto a *Carolina* soffreu uma pequena avaria, atamancada como foi possivel pelos conhecimentos de mechanica do commandante, visto não existir machinista a bordo. Surgiu-lhes ahi uma nova e não menos ameaçadora rascada. As cartas do almirantado inglez, d'aquelle ponto, estavam erradas. Os officiaes metteram-se afoitamente por um corredor, marcado como navegavel, mas que era um beco sem sahida. Depressa a rebentação se tornou tão imponente e os flocos de espuma tão accentuados e brancos de clamorosa ira, que se viram perdidos. Valeu-lhes o pouco fundo que demandavam, e, aos baldões, contemplando a morte em cada cachão franjado de effervescente e alva cabelleira, lograram atinar com a sahida do traçoieiro labyrintho.

De peripecia em peripecia, guiados por um lado pela mão da Providencia, e pelo outro pela sciencia e denodo dos seus jovens commandantes, appareceram as duas lanchinhas ancoradas em Lourenço Marques, no dia 14 de maio, quando todos quantos conheciam a arriscada viagem presumiam que o Oceano tivesse tragado os imprudentes marinheiros. Foram vinte dias de atroz viagem, a que só resistem extraordinarias forças de vontade e a tempera formidavel de homens de bronze como elles. Achava-se fundeado no Espirito Santo o cruzador britannico *Magician*; quando em retribuição das visitas effectuadas, o commandante d'uma das canhoneirasitas foi a seu bordo, o collega do poderoso vaso inglez, encanecido no serviço do mar, á despedida, apertando-lhe effusivamente a mão, disse-lhe:

— Uma nação que manda fazer serviços d'estes, ou tem muitos officiaes que perder, ou não possui ninguem que saiba ao certo o que é medo.

Um valioso elogio proferido por juiz insuspeito.

EDUARDO DE NORONHA.



De polo a polo

(Conclusão)

V



expedição caminhara durante mais de seis dias, não tendo havido nada de notável. O sol pallido fizera seis vezes o seu giro obliquo, sem intervenção de qualquer escuridão que des-

fizesse a continuidade aparente do dia polar. Ao principio andaram dezesete horas sem parar. Nenhum d'elles podia pensar em deitar-se no meio de tantas novidades que os cercavam, mas no ultimo dia contentaram-se com doze horas de caminho e isto ficou estabelecido como viagem diaria.

Depressa acharam que ou a sua boa fortuna lhes tinha proporcionado um caminho maravilhosamente facil, ou então o continente antarctico era muitissimo differente do arctico. Horas e horas seguidas os trenós, assentes em molas untadas, deslizaram velozmente sobre os ondulados campos de gelo, sem quasi um solavanco ou uma trepidação.

— De facto, como disse Brenda no fim da viagem, parecia mais um passeio n'uma montanha russa de mil e duzentas milhas, do que uma expedição polar.

O tempo era assim distribuido: oito horas para dormir, duas horas, á noute e de manhã, para armar e desarmar as tendas, ceiar, almoçar e descansar, e dez horas para a jornada.

O lunch comia-se no caminho, porque abaixar os papagaios e ancorar os trenós era serviço muito trabalhoso, eurgia naturalmente aproveitar o mais possivel o vento enquanto durava.

Todos os dias, quando o sol chegava ao ponto mais alto da sua trajectoria acima do

horisonte, o professor tomava a latitude. A longitude, com certeza, não a calculava praticamente, desde que a viagem diaria os conduzia por tantos centenaes de milhas sobre os meridianos convergentes, e estes, de este a oeste, se approximavam cada vez mais, depois de percorrida tamanha extensão.

Na setima manhã os papagaios estavam todos arriados, divididos nos seus fragmentos, e enfardados, com excepção d'um que puxava o trenó grande.

Computou-se que se encontravam, n'este momento, a cerca de cem milhas do polo, ou, por outra, do extremo do eixo do mundo, havendo sido calculado por Haffkin tambem em cem milhas o diametro do tunnel de polo a polo. Como, porém, o diametro poderia ser maior, não pareceu conveniente approximarem-se mais do limite da terra, visto caminharem com a velocidade de vinte milhas por hora, devida á brisa forte e constante que sempre os acompanhara desde o cimo da muralha gelada. Puzeram-se por tanto a trabalhar as machinas de ar liquido, as rodas dentadas cravaram-se na planicie gelada, os trenós, indo o maior na frente, começaram a mover-se com a velocidade de oito milhas por hora, ajudados, até certo ponto, pelo respectivo papagaio.

A paisagem não mudava de aspecto á medida que se approximavam dos confins polares. Por todos os lados uma vasta planicie de gelo, atravessada, n'uma direcção geralmente austral, por compridos e largos sulcos. Aqui e ali levantavam-se pequenos outeiros e cómoros de gelo, a pouca distancia uns dos outros, e sem offerecerem obstaculos ao avanço da expedição.

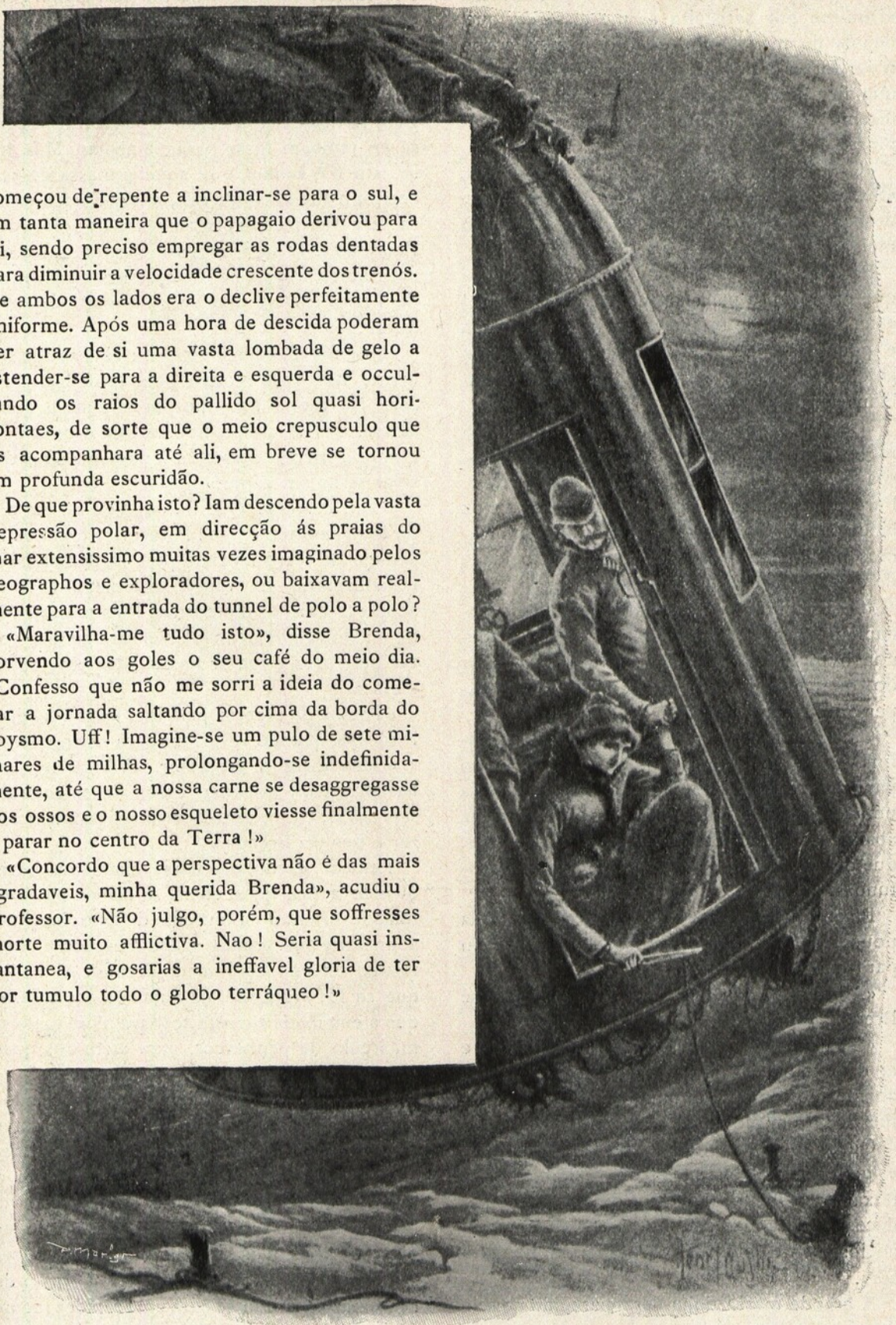
Um pouco antes da hora do *lunch* o terreno

começou de repente a inclinar-se para o sul, e em tanta maneira que o papagaio derivou para ali, sendo preciso empregar as rodas dentadas para diminuir a velocidade crescente dos trenós. De ambos os lados era o declive perfeitamente uniforme. Após uma hora de descida puderam ver atrás de si uma vasta lombada de gelo a estender-se para a direita e esquerda e occultando os raios do pallido sol quasi horizontaes, de sorte que o meio crepusculo que os acompanhara até ali, em breve se tornou em profunda escuridão.

De que provinha isto? Iam descendo pela vasta depressão polar, em direcção ás praias do mar extensissimo muitas vezes imaginado pelos geographos e exploradores, ou baixavam realmente para a entrada do tunnel de polo a polo?

«Maravilha-me tudo isto», disse Brenda, sorvendo aos goles o seu café do meio dia. «Confesso que não me sorri a ideia do começar a jornada saltando por cima da borda do abysmo. Uff! Imagine-se um pulo de sete milhares de milhas, prolongando-se indefinidamente, até que a nossa carne se desagregasse dos ossos e o nosso esqueleto viesse finalmente a parar no centro da Terra!»

«Concordo que a perspectiva não é das mais agradaveis, minha querida Brenda», acudiu o professor. «Não julgo, porém, que soffresses morte muito afflictiva. Nao! Seria quasi instantanea, e gosarias a ineffavel gloria de ter por tumulo todo o globo terráqueo!»



AJOELHOU NA SOLEIRA DA PORTA E DEU UM GOLPE NO CABO

—«Não me seduz a ideia» replicou ella. «Dou-me por satisfeita se me disserem que, depois de morta, consumirão o meu corpo n'um forno crematorio, e guardarão as cinzas que ficarem, n'uma urna de crystal. Mas que dizem? Não será bom pararmos, para ir explorar o terreno?»

«Concordo com Brenda,» opinou Princeps. «Se estamos perto do tunnel e o trenó pode despenhar-se para dentro d'elle, o melhor, o mais prudente é seguir o seu alvitre.»

Pararam os trenós, e colheram-se os cabos que prendiam o papagaio maior, de modo que este, deixando de tomar vento, baixou a pouco e pouco, até que desapareceu de todo no gelo, com grande surpresa dos tres expedicionarios.

«Com a fortuna!» exclamou Princeps. «Não me espanto se o tunnel estiver a dois passos e o papagaio tiver cahido lá para dentro. Parece-me que sae certo o que Brenda suppoz ainda agora. Imagine-se que nos despenhávamos na immensa caverna, com a velocidade de dez a quinze milhas por hora!

«Se assim fôr,» disse Haffkins mui socegradamente, sem dar a minima attenção á medonha hypothese, «o tunnel axil deve ser maior do que eu calculava. Só á tarde, é que esperava chegar á borda.»

Os viajantes apearam-se e calçaram os patins. Seguiram depois ao longo do cabo do papagaio, e foram ter ao alto do que parecia uma escarpa de gelo. O cabo pendia por ella abaixo, até sumir-se n'uma meia obscuridade, que degenerava, inferiormente, em trevas profundas.

Puxaram pelo cabo e conheceram que tinha poucas jardas sobre a encosta. Assim veiu para cima o papagaio.

«Admira-me que já seja o tunnel» disse Brenda, avançando um passo.

«Seja o que fôr, tem grande profundidade e ai de quem para lá cahir,» atalhou Princeps. ao mesmo tempo que puxava para traz a mulher, com um movimento rapido.

Quasi ao mesmo tempo o comoro de neve e gelo, onde tinham estado pouco antes a puxar o cabo do papagaio, desfez-se em pedaços e desapareceu no vacuo. Escutaram anciosamente, mas não perceberam nenhum som.

A grande massa tinha desaparecido no seio do nada, silenciosamente, n'um vasio que, ao parecer, não tinha fundo: porque, mesmo que

ella cahisse da altura de mil pés, algum eco deveria chegar ao cimo da escarpa.

«E' o tunnel,» disse Brenda, após alguns momentos de silencio, durante os quaes os viajantes se entreolharam receiosos. «Muito obrigada Arthur. Estou certa de que sentirias pena se eu tambem fosse parar lá abaixo. Mas, tio, se isto é o tunnel, e se aquella massa de gelo entrou n'elle antes de nós, não parará e voltará para traz quando chegar perto do polo norte. Pois não é assim? Supponha então que a encontramos, depois de ultrapassarmos o centro da Terra. Haverá uma collisão muito desagradavel...»

«Querida Brenda,» replicou Haffkin, «realmente não vejo motivo para semelhante receio. No tunnel ha atmospheria, e antes que a massa, que se despenhou, atinja o centro do globo, a fricção derreterá a neve, e a agua dissipar-se-ha em vapor.»

«Com certeza! Que tola que eu fui em não ter logo pensado n'isso! Parece-me que até um pedaço de ferro lançado para lá, se fundiria e transformaria em vapor, exactamente como acontece com os meteorites. Pois muito bem! Se encontrámos o tunnel, não será melhor voltar para traz e tentar immediatamente entrar n'elle?»

«Temos de esperar pela lua, julgo eu,» disse Princeps, quando voltavam para os trenós.

«Sim» disse o professor. «Vamos ter luar bastante para trabalhar cerca de cincoenta e seis horas. Entretanto devemos descansar e fazer o que diz Brenda.»

Tinham decorrido umas cincoenta horas, quando a lua, quasi cheia, se elevou na extremidade oriental da muralha de gelo, lançando abundante luz branca sobre o escuro e phantastico terreno do Fim do Mundo. A' medida que se foi erguendo, os viajantes conheceram que a empinada encosta acabava n'um vasto semicirculo de penhascos, para além dos quaes não havia nada.

Foram por ali fóra, olhando para um lado e outro, mas as recurvas muralhas de gelo estendiam-se para as duas bandas até se perderem a distancia. Estavam litteralmente no fim da terra. Nenhum som de agua ou de acção vulcanica sahia do vacuo. Incendiaram dois foguetes e deitaram-n'os segundo um angulo de sessenta graus abaixo do horisonte. O rasto das centelhas espalhou-se com uma rapidez incomprehensivel, e, quando a carga fez explosão, duas estrellinhas azues scintillaram abaixo d'elles,

como ao de cima scintillavam as estrellas do ceo.

«Já não devemos ter duvidas,» disse o professor. «Achámos o tunnel axil; mas, se acaso fosse unicamente uma depressão muito profunda, podemos-nos certificar pelos balões, quando lhe chegarmos ao fundo. Julgo, porém, que é o tunnel.»

«Oh, deve ser!» disse Brenda convictamente. «Tudo conspira para o demonstrar.»

Emquanto a lua vinha subindo mais redonda e brilhante, concluíram-se os trabalhos de preparação para a ultima phase da espantosa empreza. Tudo fôra calculado até o minimo pormenor, e a transformação occasionada pelos obstaculos que appareceram executou-se com a presteza das mutações n'uma peça phantastica.

Os trenós dividiram-se nas suas partes componentes, e estas reuniram-se outra vez formando uma grande caixa cylindro-ogival com as paredes forradas de *papier maché*. Havia quatro vidraças grandes dos lados, e duas largas e redondas, uma na parte superior e outra no fundo. Tinha a caixa dez pés de diametro e quinze de altura. O interior estava disposto de maneira simples mas commoda, com assentos para servirem durante o dia, e que, por meio de divisorias moveis, se transformavam em camarins para de noite.

A comida e a agua iam em armarios e tanques debaixo dos assentos, e os cylindros de gaz, foguetes, etc., acondicionavam-se inferiormente ao chão, que tinha ao meio um alçapão redondo, em correspondencia com a janella do fundo.

As machinas de ar liquido e os apparelhos para puxar os trenós estavam presos fortemente á parte inferior, com cadeias que, no caso de sinistro, podiam soltar-se com facilidade pelo lado de dentro.

No fundo do apparelho havia tambem duzentas libras de lastro de chumbo.

Presos á parte superior do vehiculo quatro balões podiam, quando completamente cheios, eleva-lo facilmente com toda a sua carga. Ligavam-se com o interior por meio de tubos, e assim, com o auxilio de bombas movidas por uma machina de ar liquido, o gaz dos cylindros podia introduzir-se n'elles, ou ser tirado e armazenado.

No centro do tecto existia outro cabo, com comprimento superior ao dos que prendiam os balões, e levava preso um grande pára-

quedas, que podia, á vontade, abrir-se ou fechar-se da parte de dentro.

VI

Quando chegou o momento escolhido para a partida, já não restava a menor duvida sobre a exactidão da hypothese de Haffkin. O sol mergulhava no horizonte, e principiava a longa noite polar. A lua cheia brilhava no zenith, atravez da atmosphaera sem nuvens nem orvalho. O campo de neve inclinado e a curva entrada do tunnel de polo a polo tinham bastante claridade. Até onde a vista alcançava, desenrolavam-se, em largo ambito, as ribas de gelo, formando um circulo de extensão impossivel de calcular. A brisa ainda soprava para o sul, isto é, em direcção á entrada do tunnel. Os balões foram-se enchendo, até que o *Brenda* — conforme, por maioria de dois votos contra um, fôra denominado o estranho vehiculo — começou a esticar os cabos que o retinham. Então, depois de relancearem um olhar derradeiro para a terra inhospita que prestes iam deixar — talvez para nunca mais verem outra qualquer — os tres viajantes introduziram-se pela porta de correição, situada do lado de que soprava o vento.

Princeps fez mover o machinismo, e da parte de fora os balões acabaram de encher-se. Tres dos quatro cabos da amarração foram soltos, quando o *Brenda* começou a oscillar, como barquinha de balão captivo.

«Outra vez!» disse Princeps a sua mulher, dando-lhe a mesma faca com que ella já cortara os cabos dos trenós.

«E agora para o polo norte, ou, por outra, para onde nos mandar o Destino!»

Tendo pronunciado estas palavras, Brenda, com a mão esquerda segura pela do marido, ajoelhou na soleira da porta e deu um golpe no cabo que estava atado inferiormente. Os balões partiram, o *Brenda* estremeceu duas ou tres vezes e tornou-se immovel. Os penhascos de gelo deslisaram por baixo d'elles, patenteou-se o abysmo vasto, insondavel e começou a viagem d'um a outro polo, ou do Tempo para a Eternidade.

O professor, a quem naturalmente competia o commando, deixou o *Brenda* caminhar durante duas horas e meia com a velocidade cuidadosamente calculada de vinte milhas por hora. Então disse a Princeps:

«Parece-me que já pode esvasiar os balões.

Devemos estar perto do eixo do tunnel. Fica á minha conta o pára-quadras.»

Tinham pensado e falado tanto na viagem e em todas as impossibilidades apparentes e riscos terriveis que ella poderia offerecer, que tudo isso se lhes afigurava a coisa mais vulgar d'este mundo. Ainda assim olharam uns para os outros de um modo singular, quando o professor deu a ordem de que dependia o destino dos tres viajantes. Os labios contrahiram-se-lhes, cerraram-se-lhes as sobrancelhas, quando Haffkin se voltou, para soltar os fios de arame que prendiam o pára-quadras.

A poderosa machinasinha começou a trabalhar, e o gaz dos balões entrou sibillando para dentro dos cylindros. Os involucros foram-se achatando e guardaram-se. Atravez das janellas lateraes, Brenda viu um horisonte escuro e longinquo ir-se elevando em roda, e pela janella do tecto e do buraco do pára-quadras o disco da lua cheia tornar-se cada vez mais pequeno. Foi quando percebeu que tinham começado a queda de 41:708:711 pés.

Reduzindo isto a 7:000 milhas, numeros redondos, e calculando a velocidade média em sessenta milhas por hora, o professor futurou que poderiam fazer a travessia d'um polo ao outro em seis dias, pouco mais ou menos, admittindo tambem que o tunnel estivesse livre em todo seu percurso. Se assim não fosse, os destinos dos viajantes ficavam entregues ao poder divino e nada mais havia que dizer. Conforme os acontecimentos provaram, Haffkin computara tudo em muito menos do que a realidade.

Nas primeiras trinta e seis horas, a excursão fez-se com perfeita serenidade. Os anemometros collocados lateralmente accusaram a velocidade de cincoenta e uma milhas por hora. O *Brenda* continuava a sua queda com toda a regularidade.

De subito, justamente quando os tres estavam para dar uns aos outros as «Boas Noites» pela segunda vez, ouviu-se um estalo muito forte e o som de qualquer cousa que se quebrava atravez do ar que com ruido escoregava pelo exterior do vehiculo. Este, em seguida, balançou violentamente de um lado para outro e os ponteiros dos anemometros começaram a girar com tal rapidez que já se não viam.

«Ceus ! O que aconteceu ?» perguntou Brenda, com a respiração entrecortada, agarrando-se ao banco para que se atirara.

«Só pode ser uma cousa,» replicou o professor, encostando-se á parede opposta. Alguns dos cabos cederam, e o pára-quadras rasgou-se e desfez-se. Deus me perdoe ! Porque não pensei eu n'isto mais cedo ?»

«Em quê?» disse Princeps, cahindo no banco ao lado de Brenda e cingindo-a com o braço.

«No augmento da força da gravidade á medida que nos approximamos do centro da Terra. Calculei-a como força uniforme. Deve ter havido um violento esforço antes de se separar o pára-quadras.»

Emquanto fallavam o vehiculo deixou outra vez de balouçar. Os anemometros giravam com tal velocidade que os eixos chiavam e fumejavam nos moentes. A violencia do vento passando pela parede exterior produzia um silvo continuo.

Decorreram minutos sem conto de completa mudez, de terror ndizivel. O ar interior tornou-se quente e abafadiço. As proprias paredes incombustiveis começaram a encarquilhar-se e a fender-se pela acção do horrivel calor desenvolvido pela fricção do ar.

Brenda duas ou trez vezes abriu a bocca para respirar, e, escorregando dos braços do marido, cahiu no chão com um desmaio. Abaixaram-se machinalmente tanto Princeps como Haffkin para a levantar. Com admiração de ambos, o esforço que fizeram para isto arremessou o corpo desfallecido quasi até ao vertice do tecto ogival. Brenda como que fluctuou no ar por um momento e cahiu depois vagarosamente nos braços dos companheiros.

«O centro da Terra!» disse com difficuldade o professor. «O ponto de egual attracção ! Se pudermos respirar n'esta hora mais proxima, temos sorte. Depressa, Arthur, dá-nos mais ar ! A evaporação reduzirá a temperatura.»

Até mesmo n'un terrivel momento como este, Haffkin não se esquecia completamente da sua phraseologia scientifica.

Collocou Brenda, que ainda pesava poucas libras, n'um dos assentos e foi buscar aguardente á caixa dos licores. Entretanto Princeps abriu a torneira d'um cylindro de reserva, situado ao pé da machina de ar, que punha em acção o motor electrico. A rapida conversão da atmosphaera liquida em gazosa abaixou a temperatura repentinamente, e—conforme pensaram depois cheios de terror—evitou provavelmente a explosão de todos os cylindros.

A aguardente e o repentino resfriamento de prompto reanimaram Brenda.

Tendo os dois homens bebido tambem um copo, a fim de acalmarem os nervos excitados, sentaram-se e começaram a considerar, com a possivel serenidade, a situação a que estavam reduzidos.

Tinham ultrapassado o centro da Terra com uma velocidade enorme mas desconhecida, e estavam, portanto, animados d'um impulso que os levaria certamente para a extremidade norte do tunnel interpolar; mas ignoravam a que distancia estavam, visto que não conheciam a velocidade.

Embora esta ainda fosse muito grande, ia diminuindo em cada segundo, e devia chegar um momento em que se tornaria nulla. Começaria então a queda em sentido contrario. Se não a pudessem impedir, ficaria tudo acabado por uma vez.

Passaram-se horas. Não as contaram, mas quantos pensamentos os assaltaram de envolta com silenciosas apprehensões! Lá fóra a violencia do vento começou finalmente a affrouxar, e, quando Princeps tentou substituir por outro anemometro um que se tinha feito em pedaços, registou pouco mais de duzentas milhas por hora.

«Está n'isto a nossa salvação, se não me enganam os meus calculos», disse por fim o professor, levantando os olhos d'um caderno onde estivera fazendo paginas de calculos. «Devemos vigiar aquelle ponteiro, e, quando a velocidade chegar a dez milhas por hora, tratemos de encher o mais possivel os balões, pondo de parte as machinas e outros engenhos. É o gaz que nos ha de puxar.»

Como não havia mais nada que fazer, sentaram-se e ficaram observando o ponteiro. Para matar as horas enfadonhas, discutiram as possibilidades e probabilidades de voltarem ao mundo civilisado, se os balões do *Brenda* conseguissem fazel-o sahir do extremo norte do tunnel.

Hora a hora a velocidade diminuia. Préocupava-os constantemente aquelle fatal impulso que, na hypothese dos balões não o poderem contrariar, os arrastaria para traz tão irresistivelmente como se resultasse da propria mão do Destino. Algures, a um desconhecido numero de milhas para cima d'elles, ficavam os desertos gelados do polo norte, d'onde não sahiriam ainda que lograssem alcançal-os. Em baixo estava o terrivel abysmo, atravez do qual

já haviam passado; e cahir n'elle outra vez representava uma sorte tão horrorosa que Brenda tinha já feito com que o marido lhe promettesse matal-a se a missão dos balões falhasse.

O professor levou a maior parte do tempo fazendo calculos para achar, o mais approximadamente possivel, a distancia a que estavam do centro da Terra, e portanto o numero de milhas que tinham ainda que subir até poderem respirar outra vez o ar exterior. Havia outros calculos que se relacionavam com a força ascensional dos balões, com o peso do vehiculo e das pessoas que o occupavam, com a quantidade de gaz á sua disposição, não só para subir até ao polo, mas tambem para voarem para o sul, se felizmente encontrassem vento favoravel que os fizesse voltar para os confins da civilização. Estes ultimos calculos guardou elle para si. Tinha a melhor das razões para o fazer.

As horas viam-n'as passar com paciencia, e os ponteiros iam constantemente registando a velocidade. De cem milhas á hora desceu a cincoenta, de cincoenta a quarenta, depois a trinta, a vinte, a dez.

«Parece-me que já póde fazer sahir os balões», disse o professor. «Oxalá consigamos recolhel-os a tempo, senão podem rasgar-se em fitas. Se se encarrega de os soltar, eu tomarei conta do apparelho do gaz. Entretanto, Brenda, póde tratar do jantar.»

Dentro de uma hora os quatro balões foram largados atravez das portinholas do tecto do carro, presos pelos seus tubos e cordas de reserva. N'este meio tempo, a velocidade maxima do *Brenda* passára de dez a sete milhas. Ligaram-se os cylindros de gaz aos transmissores e ao apparelho que fazia o gaz voltar a uma temperatura normal, antes de passar para os reservatorios, e depois começaram-se a encher os balões.

Por alguns momentos o indicador parou e oscillou, emquanto os cabos se retesavam; depois continuou a girar. Viram que marcava seis milhas e meia por hora. Passou depois a sete, a oito, a nove, e por ultimo foi além de dez.

«Afiml, disse Princeps, veem que vamos augmentando de velocidade a cada minuto. Causa-me espanto esta variação e não sei a que attribuil-a.»

«Provavelmente provém do augmento da fricção atmospherica sobre a superficie dos



HAFFKIN PENDUROU-SE DA BORDA COM AMBAS AS MÃOS E DEIXOU-SE CAHIR

balões», replicou tranquillamente o professor, com os olhos fixos no mostrador.

O indicador voltou de novo ás dez, e então aquelle ponteiro azul de aço, que para elles era a verdadeira Mão do Destino, começou a arrastar-se para traz vagarosamente.

Ninguém fallava. Todos percebiam o que aquelle facto queria dizer. O impulso ascensional dos balões não vencia a attracção exercida pelo centro da Terra. Poucas horas mais e elles parariam e depois ficariam immoveis, como que suspensos, quando as duas

forças se equilibrassem, n'aquelle terrivel abysmo de noite sem fim, até que o gaz se esvasiasse, e começaria então como que o mergulho em sentido contrario, que os levaria ao completo desastre.

«Não me agrada isto», disse Princeps, conservando a voz tão firme quanto podia. «Não seria melhor abandonar as machinas?»

«Parece-me que deviamos atirar fóra tudo o que não nos pode servir», disse

Brenda, estarecida e com os olhos muito abertos e fixos no fatal mostrador. «Para que servem essas cousas, se nós não podemos alcançar o extremo superior d'este horrivel buraco?»

«Brenda, não acho muito delicada essa maneira de se referir ao tunnel de polo a polo. Mas ainda não perdemos todos os nossos recursos, vamos caminhando.» Como sabes, os mathematicos dizem que a velocidade é igual ao momento das forças multiplicado pela massa. Portanto se diminuirmos a massa, diminuiríamos o momento. As machinas e os outros apetrechos estão-nos ajudando agora realmente, posto que assim não me parecesse. Quando o indicador estiver quasi a parar, será occasião de abandonar o peso desnecessario.»

Tinham jantado com uma simples apparencia de appetite, e acompanhado a refeição com uma garrafa de «Pol Roger 89». A velocidade continuou a diminuir constantemente durante a noite. Princeps sentia-se satisfeito por estarem os balões completamente cheios, o que era garantia bastante de segurança. Por fim, no meio da noite convencional, o ponteiro começou a oscillar entre um e zero.

«Parece-me que deve abandonar agora as machinas, Arthur», disse o professor. «E' evidente que temos carga de mais. Solte os ganchos e depois vá lá acima ver se os balões ainda se sustentam alguma cousa.»

Disse isto em segredo, porque Brenda, absolutamente desanimada, tinha-se deitado atraz d'um biombo.

Soltaram os ganchos e o ponteiro começou

a mover-se outra vez no mostrador, á medida que o *Brenda* alliviado de quasi seiscentas libras de peso, começava a subir. Mas a velocidade apenas ascendeu a quinze milhas por hora, menos oito milhas que o resultado a que chegara o professor. A força da attracção estava-se exercendo, manifestamente, tanto das paredes do tunnel como do centro da Terra. Olhou para o mostrador e disse a Princeps:

«Parece-me melhor ir para baixo e deitar-se. Chegou a minha vez de entrar de sentinella. Vamos caminhando bem. Preciso rever os meus calculos».

«Obedeço,» disse Princeps bocejando e apertando-lhe a mão. «Chama-me d'aqui a quatro horas, como é costume, não é verdade?»

Haffkin acenou com a cabeça que sim e disse: «Boa noite. Espero que de manhã estaremos livres de difficuldades. Adeus, Arthur».

Tirou para fora outra vez os papeis e tornou a passar pela vista aquelle labyrintho de desenhos e calculos, que enchiam folhas e folhas. Depois, quando o som de um respirar vagaroso e profundo lhe fez perceber que Princeps já dormia, abriu o alçapão do tecto e contou os cylindros de gaz que ainda estavam cheios. Quando acabou, disse para si muito em segredo:

«Apenas o necessario para os pôr a salvo, mesmo na melhor das hypotheses, mas ainda o bastante para provar que é possível fazer a passagem de polo a polo atravez do centro da Terra. Oh! Ha de fazer-se e Karl Haffkin ficará immortal.»

Havia a luz do martyrio nos olhos do sabio,

quando se fitaram pela ultima vez no mostrador. Haffkin desaparafusou a janella circular do fundo do vehiculo, abaixou-se, pendurou-se da borda com ambas as mãos e deixou-se cahir.

.....

Quando Princeps e Brenda acordaram, tendo dormido algumas horas, ficaram attonitos por verem, atravez das janellas abertas, brilhar uma luz viva e estranha. Eram os clarões de uma aurora boreal. Princeps levantou-se exclamando:

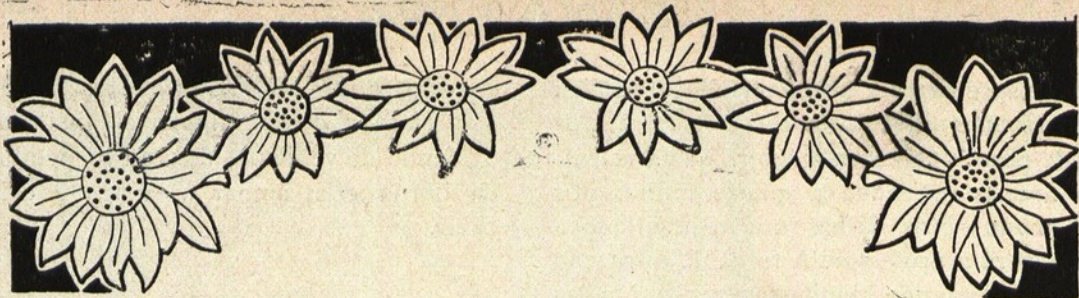
«Hurrah, professor! Cá estamos! Luz de dia, finalmente!»

Mas não apparecia o professor e só se via aberto o alçapão, e o postigo pendente dos gonzos, indicando que uma vida quasi sem preço se tinha sacrificado heroicamente para se prolongar por mais tempo a vida de duas creaturas, que havia tão pouco tinham começado a trilhar-a juntos, atravez das douradas portas do jardim do amor.

Mas o sacrificio de Karl Haffkin quer dizer mais do que isso. Sem elle, a grande experiencia teria falhado, e tres vidas se perderiam em vez de uma só. Antes quiz a morte, para que os seus companheiros d'aquella viagem maravilhosa lograssem viver até quando a Natureza lh'o permitisse, e elle pudesse viver para sempre no quadro de honra esmaltado com os nomes dos mais nobres dos martyres — os que deram a vida para provar que a Verdade é verdadeira.

(Traduzido do inglez por Julio Oom.)





Apresentando um poeta

A descoberta d'um cometa ou d'um filão de terra, o simples encontro com um vaso romano ou um osso prehistorico, no fundo d'uma gruta, são considerados objectos rarissimos, de alta estimação, fontes de gloria muitas vezes, motivos de orgulho quasi sempre, por parte de quem os descobriu.

Um esqueleto esboroado e disperso, cheio de esterco e annos, é bastante para que a opinião universal se agite e se comova, em longas e laboriosas dissertações scientificas.

Um ponto luminoso, que em certa ocasião, surgiu pela primeira vez no espaço, é suficiente causa para que a imprensa de todo o mundo o annuncie, entre clamorosa e deslumbrada.

Qualquer chuço, enfim, perdido durante longos annos, no fundo d'um entulho, produz, ao apparecer, uma revolução. Correm os sabios, agitam-se as academias e preparam-se discursos laudatorios ao lado de vistosas comendas de galardão e merito.

E' isto o que acontece geralmente.

Ora eu entendo que um objecto deve ter tanto maior valôr, despertar tanto mais interesse, quanto mais de nós se aproximar, quanto mais humano fôr.

Assim ninguem deve hesitar entre o encontro d'uma raridade archeologica e o d'uma alma de eleição. Um bom espirito é certamente de mais significação e de maior grandeza, que um osso de mastodonte ou um vaso Etrusco, carcomido pelos seculos.

Uma alma não pode mesmo comparar-se a uma raridade historica. A distancia que vae d'um espirito d'amor e de verdade a um panno

d'Arras ou a uma illuminura do seculo XIII, é a mesma que vae d'uma manhã de luz a um escarvelho esmigalhado por um carro, sobre uma estrada lamacenta.

E' por isso que eu tenho a certeza de alegrar mais o leitor dizendo-lhe: — aqui tem um bello poeta que é juntamente um fino espirito e um coração de nobres sentimentos — do que se lhe dissesse — aqui tem um dente que pertenceu a um megalosauro, e uma moeda de cobre que foi do rei Ataces.

Sim! Augusto Casemiro com a sua bella figura de rapaz forte, cheio de vida e cheio de ideaes, representa mais na nossa vida, é mais nosso — do nosso coração e das nossas ideias, — que as mais importantes descobertas de geologia prehistorica.

E porque? Porque Augusto Casemiro é uma alma, representa a vida livre e a vida forte. Simbolisa paixões e sentimentos, traduz o amôr e a fortaleza, proclamando no seu verbo tulgente ideias de libertação humana.

Fosse apenas um justo, fosse elle tão somente um bom...

Que mais precisaria eu para dizer-vos com orgulho: — eis um moço que é já um homem!

Augusto Casemiro é um poeta, mas d'essa raça de poetas fortes, que sobem para a vida intensa, como as aguias para as grandes montanhas: em amplo, arrebatado vôo.

Conheço-o ha dois dias apenas. As nossas primeiras relações foram travadas no gabinete solitario d'um lyceu, quando folheava, ao acaso, o compendio d'um professor. Dentro d'esse compendio com effeito, escondiam-se algumas tiras de papel rabiscadas de versos.

Para matar o tempo, comecei percorrendo-

as á tóa, e como quem não quer perceber nada.

Li com effeito o primeiro verso com despreso, agalegando-o.

Mas o verso foi refratario ao meu despreso. Vibrou-me nos labios, como uma corda tensa, emitindo um som claro e forte, como a forte vibração d'uma satira d'Hugo.

O segundo verso era tambem sonoro e cheio, expressivo e quente. . .

Mas de quem era aquillo? Virei a folha: um nome desconhecido e vulgar: Augusto Casemiro.

Continuei a ler. Li tudo. Mas com que estranho interesse, com que entusiasmo!

D'ahi a pouco chegava o dono do compendio.

Perguntei quem escrevera aquillo!

— Um discipulo meu, do 7.º anno. E' um moço imberbe ainda, mas muito sympathico. Porque, tem talento?

Eu então, que andava farto, n'esse dia, de aturar toda a casta de celebridades coimbrãs, essa aristocracia do talento que faz pena muitas vezes, abri a torneira da queela, n'um farto elogio ao moço poeta, cujo nome não obstante lera e ouvira ali, pela primeira vez.

Interessei-me desde logo pela sua pessoa e pelo seu futuro.

Ao outro dia, o meu já então querido poeta appareceu-me.

Ah! tal qual. Era elle mesmo, o dos seus versos. Advinhara-o.

«E essa força assombrosa, indefenida,
Que creou mundos p'ra estrellar os ceus,
Eu sinto-a bem vibrar na minha vida.»

Era elle, o poeta forte.

«No templo todo luz da Natureza,
Na mascula oração d'um ser perfeito,
Eu hei de acrescentar toda a pureza,
Amor e entusiasmo do meu peito.

Eu hei de ir — esta ancia é tão intensa! —
Sob o sol da Justiça e da Verdade,
D'um grande amor pela vereda imensa,
P'rás regiões do Bem, da Claridade.»

Era elle, aquella mocidade e fortaleza que eu sonhara e tinha agora ante meus olhos.



Modesto, ponderado, sereno, o seu aspecto é de quem segue um caminho conhecido e vae n'elle sem hesitações nem receios de perder-se.

Um d'estes individuos, que basta vel-o para poder dizer-se: hade vencer.

Não sei o que Augusto Casemiro poderá vir a ser como poeta. Ha na natureza humana taes caprichos. . .

O que todavia é certo, é dar-nos elle, já hoje, apesar de tão moço, trabalhos verdadeiramente superiores, feitos quasi sempre entre o thema de francez e a lição dos grandes lagos.

Entre os novos pode haver quem faça coisas sublimes, mas eu declaro sinceramente, abertamente, que não conheço em todos elles, nada que valha isto:

I

Do nada até ao lodo fecundado,
D'este á monéra, da monéra ao homem.
Voga um misterio imenso inominado,
Que turbilhões de idades mal consomem.

A vida nada mais é que um constante
Desejo de avançar p'ra Perfeição.
Em tudo vibra o mesmo som — Avante!
Tudo possui a mesma aspiração.

Na semente encerrada a planta quer
Dar sombra, flor e fructo e quer crescer
Febricitante, n'um deslumbramento.

E o desejo inenarravel da monéra
Inconsciente, com certeza era
Ser sol, ser luz, razão e pensamento.

II

Como nuvem subindo resplendente,
Doirada pela luz do sol bemdito,
N'um vôo d'amplo sonho, aurifulgente,
Anciando a paz aerea do Infinito;

Como chamma brilhante que incendeia
A aspiração imensa de subir,
Assim febril demanda a nossa ideia
A luminosa aurora do Porvir.

Nas madrugadas claras, nos estios,
Sobem canções de nevoa sobre os rios
E a terra é toda um templo — Claridade.

E a minha alma procura o ceu distante,
Para onde o Amor a leva triunfante,
Sob o sol luminoso da Verdade.

Eu nunca soube elogiar ninguém. Sou mes-
mo avesso a todo o elogio. Por isso se al-
guma coisa aqui transparecer elogiosa para
Augusto Casemiro, isso não vem de mim, mas
dos seus versos que a tanto me obrigaram.

Nem o meu fim é mais que apresental-o á
curiosidade dos numerosos leitores d'esta re-
vista.

Na minha apresentação vae ainda outra
 vaidade: é que sou eu o primeiro que vem,
publicamente, reconhecer o seu talento, dan-
do-lhe assim a primeira prova talvez d'uma
profunda simpatia, d'uma admiração sincera.

Ganhos e bem ganhos são pois estes momen-
tos que elle me rouba.

Mas são os momentos do sementeiro, quando
semeia.

Porque esta terra é humosa e fecunda-

mente bôa para amanhar e produzir. A se-
mente que a ella se lançar — não tenham du-
vida — hade florescer com magnificencia e
produzir com abundancia.

E porque isso em mim é já uma inabalavel
convicção, aqui vae a resposta á sua carta,
onde ingenuamente me pede que lhe diga eu
alguma coisa sobre o que hade estudar e lêr
para a sua educação.

Conselhos, não é verdade? Mas isto de
conselhos é quasi sempre uma intrujice.
Basta ser uma coisa que se dá a toda a gen-
te, em todas as occasiões e por todos os modos.

Os conselhos enganam. E mesmo quando
são sinceros o mais que traduzem, geralmente,
é a opinião, muitas vezes estúpida, d'aquelle
que os dá e os preconisa.

Sim, cada um os dá á sua maneira. Cada
um puxa o barco para a sua corrente.

O meu amigo caiu em bater á minha porta.

Pois bem: hade vogar sobre o meu barco,
seguindo rio abaixo, nesta forte corrente onde
esbracejo.

Primeiro que tudo preciso declarar-lhe, que
de tal modo confundi já o meu verbo com a
terra, que mesmo em Arte sou labrego.

Posto isto passo a aconselhar-lhe o que sem-
pre tenho feito, com poucas variantes:

Erguer cedo, não desperdiçar o tempo e
comer bem, são dois principios firmes.

Ser simples e alegre, libertar-se dos vicios
e fazer sempre, cada dia, cada hora, alguma
coisa util — tal é um dos mais firmes preceitos
da *arte de ser feliz*.

Preceito firme tambem para se ser escriptor.

Porque hoje o escriptor, o poeta, o philoso-
pho, tem de ser, antes de tudo um forte e
muscoloso combatente.

Ninguém lhe dará ouvidos, a ninguém con-
seguirá interessar ou comover, se não fôr um
rude lutador de principios, um violento agi-
tador de ideias.

Esses principios, essas ideias, se ainda se
não teem — ninguém nasce educado — procu-
ram-se, bebem-se nas grandes fontes do pen-
samento humano.

Indicar-lhe-ei aquellas onde bebi com mais
sofreguidão e d'onde trouxe o espirito mais
livre, o coração mais aberto, d'onde emfim
eu sai mais tonificado, mais homem.

As *Farpas* devia ser o livro obrigado de
todos os moços. E' uma bateria electrica, vi-
gorisante, e um posto de desinfecção.

Para a sua educação religiosa bastam poucos livros: a *Origem dos Cultos*, de Dupis, as *Ruinás*, de Volney, e a *Bíblia*.

Depois a Arte. E então surge, primeiro que todos, Byron.

Mas tem ainda Homero e Shakespeare, Ossian e La Fontaine, e para as multiplas manifestações do genio, Victor Hugo e Goethe.

Junqueiro, Anthero, Herculano, Camilo e Eça, não lhe falo n'elles, porque todo o portuguez tem obrigação de os saber de cór.

Por fim, escolha na sua bibliotheca um lugar d'honra e ponha por sua ordem: Platão, Rousseau, Michelet, os ultimos trabalhos de Zola, o Plutarco, Buchner Haeckel e Spencer. Para aliviar o espirito e crear sonhos gloriosos, leia as viagens de Amicis e as divagações astronomicas de Flammarion.

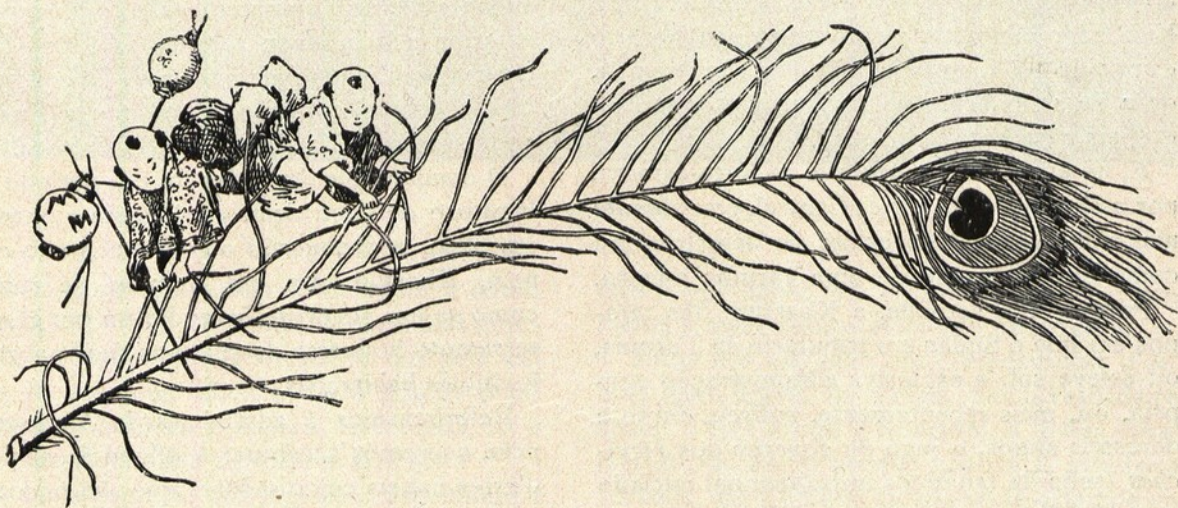
O resto virá pela convivencia e pela critica.

E como falei das *Farpas*, deixe-me já transcrever-lhe para aqui um bocado d'uma pagina, onde vem um conceito que aproveita a nós ambos.

«Tu que empunhas uma penna, diz-nos Ramalho Ortigão, quem quer que sejas, se a tua paixão te não dilacera, se não choras, e se tambem não ris, se não sabes communi-car-me alguma coisa da tua impaciencia, da tua inquietação, do teu enthusiasmo ou da tua ironia, do teu grande amor, do teu grande odio ou do teu grande desprezo; tu em taes condições, não serás para mim senão um caturra mais ou menos habilidoso; serás um estimavel, um discreto, um bom homem; mas não serás nunca um escriptor que eu leia sem te bater com o meu nariz em cima — de somno.»

Mortagua — Julho de 1906.

THOMAZ DA FONSECA.





VISTA GERAL

A cidade de Khartum



POSTAMOS que as reminiscencias mais vivas que a maioria dos leitores conserva do nome d'esta cidade se ligam ao despacho noticiando, em 1884, o assassinio do general Gordon e ao que annunciava, em 1899, o modo como Kitchener vingou a memoria do seu heroico camarada na famosa batalha de Omdurman, de 2 de setembro, que assegurou a conquista do paiz para o governo Anglo-egypcio.

E, no emtanto, Khartum é, na ante-camara, por assim dizer, da Africa Central, uma ridente maravilha surgida da aridez do deserto quasi como que ao toque de uma varinha magica.

Porque, em verdade, a Khartum dos tempos em que o Sudan era tributario da Turquia, ou esteve sob a exclusiva administração egypcia, ou, mais recentemente, soffreu, durante dezesseis annos, o jugo do governo dos *derviches* (seita de fanaticos musulmanos) iniciado pelo Mahdi e continuado pelo Khalifa, seu successor, a Khartum d'essas eras não passava de um agglomerado de construcções em terra e pedra, de rudimentar architettura e tósca apparencia.

Nas duas primeiras épocas, isto é, sob os turcos e os egypcios, a falta de actividade e de iniciativa de uns e outros e a cupidez dos

funcionarios orientaes, que só visavam a locupletar-se, oppunham-se a um visivel progresso, não obstante haver já então no paiz muitos negociantes gregos que aspiravam a realizar melhoramentos locais; mas, n'esse tempo, até o isolamento em que Khartum se encontrava, sem communicação com o mundo exterior a bem dizer, tornava difficilimo fazer chegar aqui quaesquer materiaes de construcção e outros confortos com que a Europa pode suavisar as agruras da vida africana.

O dominio dos *derviches* foi um periodo calamitoso de destruição e pilhagem e quando, em 1899, se inaugurou o governo Anglo-egypcio, Khartum era um montão de ruinas, como se um pavoroso incendio ou um grande terramoto houvesse derruido as suas pobres e humildes habitações.

Referindo-nos á administração Anglo-egypcia, queremos accentuar a influencia, no paiz, d'esses habeis colonisadores que são os ingleses; n'esta associação de nacionalidades para ambas vae a posse, mas para uma só é justo que vá a gloria, recompensa da intelligencia e do esforço empregados na restauração de uma vastissima colonia quasi absolutamente perdida pelas más gerencias anteriores. Tão perdida e tão desoladora nos seus aspectos geraes que o malogrado Gordon escrevêra n'um dos

seus relatorios : «O Sudan é, e será sempre, um paiz inutil». Não era tão previdente como corajoso o mallogrado general a quem os arabes barbaramente trucidaram; o futuro encarregou-se de desmentir as suas palavras e de provar que, posto em contacto com o resto do mundo por linhas ferreas e portos de mar, attrahida a emigração pela propaganda das riquezas naturaes que a região encerra, em gomme arabica, em marfim, em mineraes, em productos agricolas, etc., civilisados os indigenas pela abertura de escolas litterarias

grega, numerosissima desde que uma administração regular e séria assegurou a tranquillidade publica, se deve em grande parte o progresso actual; os capitaes e os braços hellenicos teem sido poderoso auxiliar da iniciativa britanica; o grego é negociante emprehendedor, industrial activo, operario laborioso, submisso e sobrio; é o ideal dos colonos, e feliz é o governo que n'uma das suas possessões conta um nucleo importante d'esta nobre raça, fiel ás gloriosas tradições do seu passado. O grego é no Egipto e no Sudan o



PALACIO DO GOVERNO

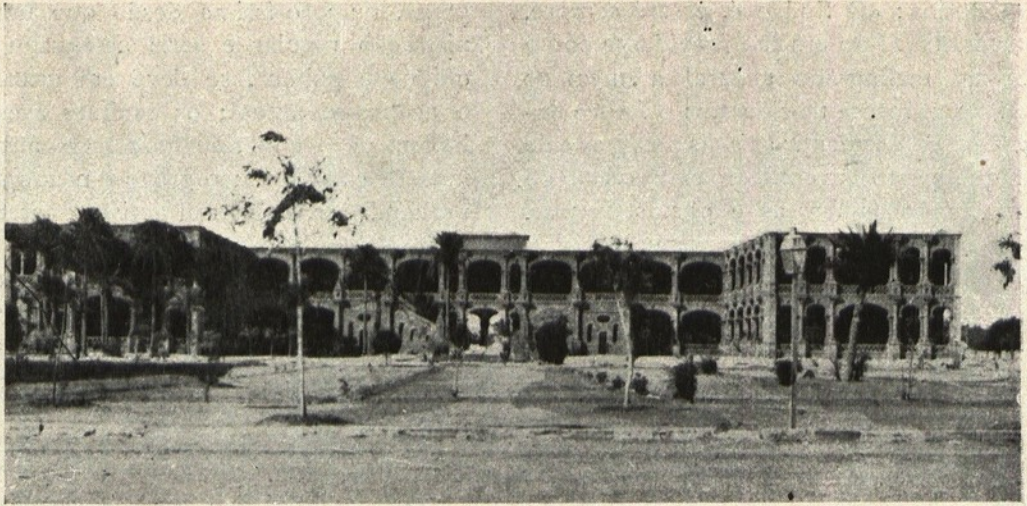
e profissionaes, mantida firmemente a administração por um governo tolerante mas energico, o Sudan poude tornar-se um paiz util não só aos seus filhos como á grande comunidade humana e espera, mais ainda, vir a ser uma riquissima e prospera colonia.

A sabia gerencia dos inglezes, respeitando a religião dos nativos, incitando-os a instruir-se, despertando-lhes o amor ao trabalho por meio d'exposições industriaes e agricolas com o estimulo do premio, ajudando bem assim os europeus que aqui veem estabelecer-se e contribuir com o seu labor para o levantamento da colonia, tem realisado verdadeiros milagres.

Mas é justo asseverar que á comunidade

que o portuguez tem sido no Brazil: — o primeiro e mais valioso elemento de riqueza.

Temo-nos alargado em considerações d'ordem geral ácerca do Sudan, mas o verdadeiro scopo d'este artigo é Khartum, a joven, (chamemos-lhe assim porque ella data, a fallar a verdade, de 7 annos) cidade onde estamos vivendo sob um clima actualmente dulcissimo como o da primavera na Europa, e apenas perturbado nos mezes de abril e maio por um calor algo excessivo e nos de junho e setembro por algumas tempestades de vento que nos lançam aos olhos e nos mettem nos ouvidos a areia do deserto e por algumas, poucas, fertilisantes chuvadas. Que para a



EDIFÍCIO CHAMADO «MINISTERIO DA GUERRA»

Onde estão installadas as repartições publicas

completa fertilisação dos terrenos adjacentes cá temos o velho Nilo a oscular a fimbria da *coquette* cidade com os seus labios sujos dos limos arrastados das montanhas da Abyssinia, limos de resto abençoados, pois que trazem a abundancia.

Khartum, esta perola do deserto, é perfeitamente plana e talhada em largas avenidas e ruas transversaes e em vastissimas praças. O becco, a viella, a travessa propriamente dita, a rua estreita e tortuosa, tão grata aos orientaes, não existem aqui; tudo é largo, amplo, arejado. Cada casa tem seu pateo ou quintal e o proprietario é obrigado a abrir pôço para uso commum dos inquilinos, afim de que não falem os banhos, base de toda a hygiene.

Em tres bairros se divide a cidade: o bairro commercial, ou *Bazar*, o bairro europeu e o indigena. N'este ultimo ainda se toleram construcções rudimentares em terra amassada; nos dois primeiros é de rigor empregar o tijolo cozido, a pedra, a madeira e o ferro.

No *bazar* vêem-se estabelecimentos de modas e confecções, relojoaria, ourivesaria, curiosidades do Egypto e do Sudan, preciosidades da India, salões de barbear, restaurantes, cafés e *bars*; estes ultimos não se pode dizer que sejam numerosos, porque o governo limitou a sete o numero de concessões de licenças para venda de bebidas espirituosas a copo, e os donos d'esses armazens incorrem em pesadas multas caso vendam alcool aos indigenas. Ha tambem ali um mercado de carne, peixe, fructas e hortaliças; nestes dois ultimos generos a

abundancia não é notavel, mas quanto a peixe, o do Nilo, algum d'elle saboroso, é abundante e barato, e com respeito a carne os nossos amigos de Lisboa invejar-nos-hão por certo: compramos aqui a vacca a tres piastras o *oke*; ora, tendo este peso 1.250 grammas e valendo a piastra actualmente uns 50 réis da nossa moeda, estamos comprando a carne a 120 réis o kilo... porque não ha arrematante!

N'este bairro do *Bazar* todas as construcções são terreas, protegidas do sol por extensas arcarias em tijolo.

Na grande praça que termina o *Bazar* ergue-se monumental a Mesquita, ou templo musulmano, com seus dois rendilhados minaretes, do alto dos quaes o *muezzin*, cinco vezes ao dia, chama os fieis á oração proclamando que só *Deus é grande e Mahomet o seu Propheta!*

Para além d'esta praça da Mesquita fica o bairro indigena, cuja frente ainda é disfarçada por alguns armazens caiados ou pintados a côres, mas para dentro começa a exhibição da typica architectura nativa em terra amassada e de um exotico mercado abrigando-se em tendas feitas de cobertores, esteiras e farrapos, ou estendendo-se pelo chão, onde se vêem os mais phantasticos objectos e as mais ridiculas coisas; uma especie de *Feira da Ladra*... em preto.

O bairro europeu tende a alastrar-se de dia para dia para os dois lados da cidade, cujo centro é formado pelo *Bazar* e pelo bairro nativo no seu prolongamento. O elemento eu-

ropeu, com o qual vivem mais ou menos misturados os syrios, os egypcios, etc., apresenta já vistosas edificações, quasi todas em primeiro andar, com suas varandas, construção ora simples, ora caprichosa e garrida, offerecendo o conjuncto um aspecto agradável á vista...

A parte norte da cidade, isto é, a estrada á beira do Nilo, esplendida via arborisada, apresenta-nos do lado do rio um bonito caes de granito branco, quasi concluido em toda a sua extensão, e do lado opposto um campo para *cricket* e *foot-ball*; o Jardim Zoologico, que conta já muitos e curiosos exemplares da fauna regional e onde uma banda de musica

teira além do rio, Khartum-Norte chamada, que será no futuro uma grande cidade industrial; as residencias dos altos funcionarios inglezes, elegantes *bungalows* occultos entre verdura e flores; a igreja e dependencias da Missão Africana Catholico-Romana, dirigida por padres austriacos; e os quartéis, vastos, hygienicos, confortaveis da guarnição ingleza.

Em frente á fachada sul do palacio do Governador Geral, n'um pequeno *square* ajardinado, ergue-se a estatua de Gordon; é difficil imaginar coisa mais simples e por isso mesmo mais tocante do que este monumento levantado ao heroe cujo sangue fecundou a civilização do paiz. Gordon montando o seu camêllo, e nada mais; nem uma dedicatoria, nem uma data, nem uma apologia; apenas as seis letras do seu nome em alto relêvo no bronze do sócco. Fronteira á estatua,



COLLEGIO GORDON

toca-se ás sextas-feiras e domingos em coreto apropriado; a residencia do director dos bosques e florestas; o «Khartum Grand Hotel», provido com todo os confortos que viajantes modernos podem appetecer; as repartições do correio e telegraphos; o edificio chamado Ministerio da Guerra, que é, afinal, onde se encontram todas as principaes secretarias, não só da guerra, como da administração, fazenda, justiça etc.; o palacio do Governador Geral, bello edificio de dois andares (ao centro de formosos jardins), que já tem abrigado hospedes de régia stirpe; a direcção das obras publicas, com parte dos seus *ateliers*, estando uma outra parte na cidadezinha fron-

abre-se a Avenida Victoria, a mais longa e extensa da cidade, já ornada com alguns bons edificios, entre os quaes uma escola da *Church Missionary Society*, e ao fundo, no extremo sul de Khartum, avistam-se os quartéis dos batalhões egypcios e sudanezes.

Além dos que já citámos, a Mesquita e a igreja catholica, a cidade conta mais os seguintes edificios religiosos: a igreja cophta (christãos orthodoxos do Egypto), a maronita (igreja syria), a igreja presbyteriana da Missão protestante Americana, uma capella e collegio para meninas, de religiosas dependentes da missão austriaca, e a igreja grega, cuja construção é provisoria; tambem a igreja angli-

cana funciona temporariamente n'uma sala que S. Ex^a o Governador Geral se dignou ceder para tal fim no seu palacio, mas brevemente vae principiar a construir-se um magnifico templo, para o que ha já recolhidas umas 5.500 libras.

Como acima referimos, fica-nos em frente Khartum Norte (ou Halfaia, como lhe chamam os indigenas), onde se acham a estação do caminho de ferro, muitas officinas das obras publicas e de empresas particulares e que promete ser mais tarde um grande centro industrial; passa-se para lá em 9 minutos n'um barco movido por uma corrente accionada a vapor, o qual faz carreiras desde o nascer até ao pôr do sol. D'ali partem comboios para Port-Sudan (linha inaugurada em 1906) que põem o Sudan em communicacão directa com o Mar Vermelho; e para Wadi Halfa, d'onde um serviço de barcos a vapor conduz os viajantes pelo Nilo até Shellal; aqui, os caminhos de ferro egypcios os tomam e os levam ao Cairo, por Assuan, Luxor, etc.

Para sudoeste de Khartum fica Omdurman, a grande cidade nativa, com cerca de 40.000 habitantes, que era a séde do governo dos *derviches* e que foi sempre e continua sendo o imperio commercial do Sudan, porque ali affluem, pelo rio, em barcos, ou pelas caravanas de camellos, todos os productos animaes, vegetaes e mineraes das provincias do littoral e do interior ao sul e ao sudoeste do paiz, e ahi se faz o mais importante negocio. Khartum está em communicacão com Omdurman por um tramway que vae até á aldeia de Moghren, na confluencia do Nilo Azul com o Nilo Branco, onde um vapor toma os passageiros para a velha e grande cidade; ao desembarque, outro tramway espera os viajantes para os conduzir ao mercado. Faz-se todo este trajecto em uma hora, pouco mais ou menos.

Os serviços de tramways e barcos de passagem são todos explorados pelo governo da provincia, com vantagem para elle e para o

publico, que é melhor servido do que se tivesse de haver-se com algum concessionario, e bem assim a illuminacão electrica de Khartum, inaugurada no fim do mez passado por uma companhia austriaca que a installou, passará brevemente, depois do periodo experimental, á exploracão da mesma entidade administrativa.

Como estabelecimentos d'instrucção tem Khartum o collegio Gordon, fundado em homenagem á memoria do illustre general, onde ha um curso secundario e uma classe especial para a formacão de *cadis* (magistrados musulmanos), uma escola militar e uma outra de artes e officios annexos ao collegio, um laboratorio de analyses chemicas na dependencia do mesmo, escolas para europeus e indigenas nas missões catholicas e protestantes (austriaca, ingleza e americana) e um certo numero de *kuttabs*, ou escolas elementares arabes.

O director do collegio Gordon superintende, em nome do governo, nos assumptos d'instrucção de todo o paiz e véla por que as escolas

christãs, quando recebiam alumnos musulmanos, se abstenham de exercer sobre elles qualquer pressão de proselytismo.

Que mais lhes direi ácerca de Khartum? Que o seu nome significa em dialecto indigena *tromba de elephante* e lhe vem da configuracão dos terrenos na confluencia

do Nilo Azul com o Branco; que a cidade é um primor de limpeza, graças á constante vigilancia da auctoridade, porque o governador da [provincia em pessoa, o tenente-coronel Stonton, a quem a capital do Sudan merece todos os cuidados e deve os maiores progressos, percorre todas as manhãs os bairros, a cavallo, acompanhado d'um official de policia, observando se tudo está no devido asseio e ordenando providencias onde encontra faltas.

Dir-lhes-hei tambem que n'esta terra de sete annos d'idade se está construindo, e em menos d'um anno será inaugurado, um Palacio de Justiça, coisa que ainda não tem algumas capitães da Europa que datam do tempo dos



MONUMENTO A GORDON PACHÁ

mouros na Península e que tudo quanto aqui se vê e observa se pôde apontar como incentivo e exemplo a povos e governos que se preocupam com assumptos coloniaes.

Bom seria que alguns portuguezes ricos e influentes dessem até aqui um passeio para colherem impressões uteis, mas infelizmente os nossos compatriotas, de aventureiros descobridores e conquistadores, de navegadores audazes crystallisaram n'um povo sedentario que a custo se arrisca a ir na Semana Santa a Sevilha ou aos touros a Badajoz, ou, quando muito, se o espicaça o verme do reclamo, deita a Paris e visita o sr. Xavier de Carvalho ou o sr. Almada Negreiros afim de que os fios trabalhem para o *Seculo* com o nome e qualidade do illustre viajante.

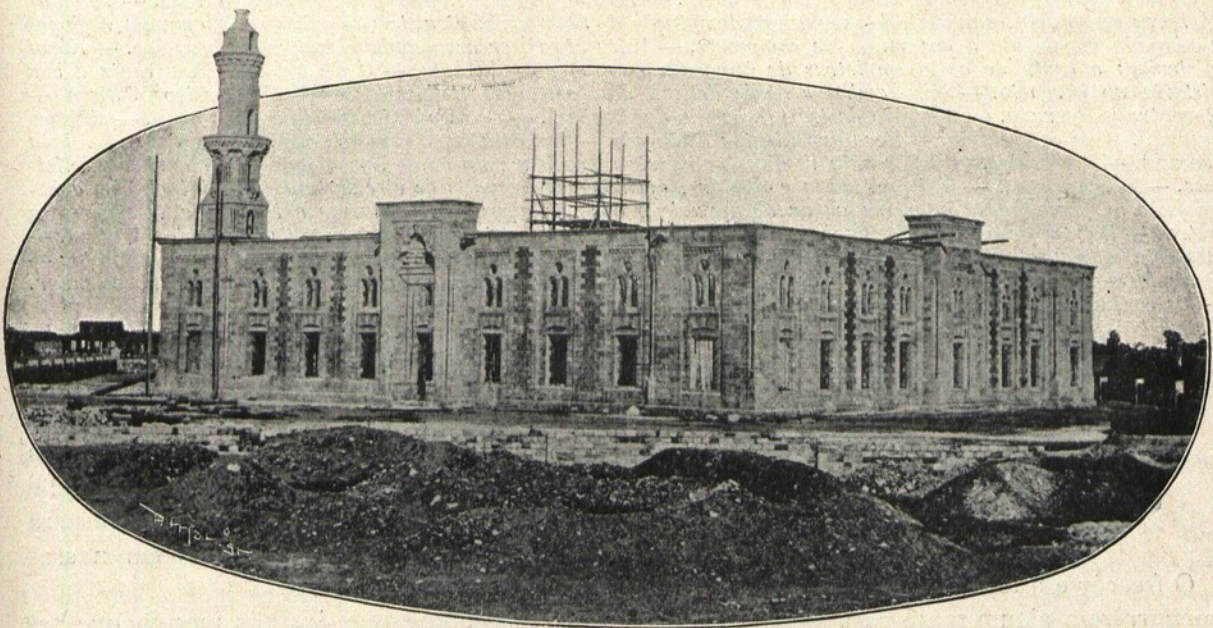
Pois é bom vêr mais algumas terras, viajar um pouco e tirar a lição das coisas. E não é

tão difficil nem tão longe como parece, vir até Khartum. As cartas de Lisboa chegam-nos aqui com 11 dias de demora, quer venham por Brindisi, Napoles ou Marselha. O viajante que parta de Lisboa por terra até Marselha e tome ali o paquete para Alexandria, chegará a esta ultima cidade ao cabo de 8 dias e no mesmo dia pôde transportar-se ao Cairo. Com alguma demora na capital egypcia para admirar as preciosas antiguidades e as muitas bellezas do paiz, é-lhe facil depois vir ao Sudan, n'um comodo *sleeping e dining-car*, intercalando com um confortavel barco a vapor entre Assuan e Halfa. E, na estação de dezembro a março, isto constitue uma excursão verdadeiramente ideal.

Oh! Quem nos déra ter por aqui uns dias com quem fallassemos a nossa lingua materna !...

Khartum — Fevereiro, 1907.

SANTOS GONÇALVES.



A MESQUITA DE KHARTUM



A lenda DO Canzarrão

Summario dos capitulos I a VI

Sherlock Holmes, o tão celebre DETECTIVE é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão acerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso —: O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima; indicios contradictorios. — Volta á tela a LENDA DO CÃO FANTASMA. — Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A sollicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nôvos mysterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Martimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-continuo, Holmes arrastando consigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do TIMES. — Pesquisas. — A bota trocada. — Peripecias. — O baroneto resolve transferir-se para a mansão. — Novas indagações de Sherlock Holmes. — Telegrammas. — E' interrogado o doutor Martimer com respeito ás circumstancias incidindo com a herança e ás personagens interessadas na desaparição dos herdeiros. — Reapparece a bota nova. — Some-se a outra. — Holmes nega-se a acompanhar a sir Henry e faz-se substituir pelo seu ALTER EGO, doutor Watson. — Resposta a telegrammas. — Interrogatorio do cocheiro do CAB. — Resultado inesperado. — Peripecia faceta: — O duplo Sherlock Holmes. — Mais um fio que se quebra. — Jornada para a mansão. — Recepção do novo senhor. — Os conjuges Baskerville. — Suspeitas. — Uns soluços misteriosos.

CAPITULO VII

Os Stapletons da Residencia de Merripit

O frescôr e a formosura da manhã seguinte concorreram algum tanto para apagar-nos do espirito a sinistra e lobrega impressão que nos deixara a primeira experiencia da mansão de Baskerville. Quando nos sentámos a almoçar, eu e sir Henry, os raios do sól penetravam a jorros através das altas janélas de maineis imprimindo umas manchas liquidas de côr nas cotas de armas que as interceptavam em parte. O denegrido forro de madeira refulgia como

o proprio bronze sob a acção dos aureos raios, e custava conceber que era aquelle na verdade o mesmo recinto que na vespera tamanho negrume havia incutido em nossas almas.

— Palpita-me que é a nós mesmo que temos que lançar as culpas e não á casa, opinou o baroneto.

— Vinhamos estafados da jornada e gelados dentro da carrióla, e eis ahi está a razão porque nos pareceu tão sombria a casa. Agora que estamos frescos e bem dispostos, chega até a apresentar aspecto alegre.

— E contudo, não era completamente effeito

da imaginação — retorqui. Acaso não ouviria soluçar uma mulher, salvo erro, lá por noite alta?

— Facto curioso, na verdade, pois meio a dormir meio acordado prefigurou-se-me que ouvia qualquer coisa nesse sentido. Estive na expectativa, um bom pedaço, mas não tornei a dar fé de coisa nenhuma, e conclui, afinal, que seria sonho.

— Pois eu ouvi-o distintamente, e tenho a certeza de que era o soluçar de uma mulher.

— Vamos tratar de tirar isso a limpo, quanto antes.

Tocou a campainha e indagou de Barrymore se podia dar-nos explicação satisfatória do caso. E quis-me parecer que as descóradas feições do mordomo assumiram côr mais livida ao escutar as perguntas do amo.

— Ha duas mulheres, apenas, de portas a dentro, sir Henry, respondeu. Uma é a moça da cozinha que dorme no outro lanço do edificio. A outra, é minha mulher, e posso afirmar-lhe com certeza não serem della os soluços.

E sem embargo, mentia, afirmando-o, visto como quis o acaso que eu antes do almoço topasse frente a frente com *mistress* Barrymore no extenso corredor, com o sol a dar-lhe em cheio no rosto. Era uma mulher corpolenta, impassível, de feições acentuadas, com uma expressão retrahida, sévera, na bôca.

Olhou para mim, porém, com uns olhos esquivos, afogueados, e muito inchadas as palpebras. Fôra ella, portanto, quem havia chorado durante a noite, e se assim era devia sabê-lo o marido. E contudo, este não hesitara em se sujeitar ao perigo de se ver desmentido afirmando que tal não havia.

Mas por que era que o teria negado?

E por que motivo haveria ella chorado tão acerbamente? Em redor deste homem, pálido, tão bem parecido, da barba preta, ia-se desde já condensando uma atmosphera de sombras e de misterio. Fora elle quem primeiro fizera o descobrimento da morte de sir Charles, e dispunhamos apenas da sua palavra como garantia do conjunto de circumstancias conducen-tes á morte do ancião.

Haveria probabilidade de ter sido Barrymore, no fim de contas, o individuo que tinhamos avistado no *cab*, em Regent-Street? A barba era possivel ser a mesma. O cocheiro tinha feito a descrição de um homem de inferior estatura, mas semelhante impressão podia muito bem ser erronea.

Como poderia eu estabelecer este ponto, de uma vez para sempre?

O primeiro passo que me cumpria dar era, obviamente, ir desde já a Grimpen, ver-me com o chefe da estação do correio, e verificar se o decantado telegrama em letra de imprensa havia ou não corrido pela mão da Barrymore.

Fosse qual fosse a resposta, em todo o caso sempre teria alguma coisa que relatar a Sherlock Holmes.

Sir Henry tinha que examinar um montão de papelada, depois do almoço, e portanto, o ensejo era propicio para a minha excursão. Effectuei um lindo passeio de umas quatro milhas costeando a charnéca, até que fui dar a um casalejo pardacento, no qual dois edificios mais avantajados, que verifiquei serem a estalagem e a casa do doutor Mortimer, campavam acima dos restantes. O gerente do correio, que era tambem o tendeiro do lugar, lembrava-se muito bem do telegrama.

— Com toda a certeza, meu senhor, mandei-o entregar ao senhor Barrymore, assim que o recebi.

— E quem foi que o entregou?

— Aqui o meu pequeno. Olha lá, James, não foste entregar aquelle telegrama ao senhor Barrymore, á mansão, a semana passada?

— E' verdade que fui, pae, e ficou entregue.

— Em mão propria?

— Eu lhe digo, elle, quando eu lá cheguei, tinha ido ao celeiro, de modo que lho não pude entregar pessoalmente mas dei-o á senhora, e ella prometeu entregar-lho, quanto antes.

— Mas não chegaste a ver o senhor Barrymore.

— Não, senhor; pois não lhe disse já que tinha ido ao celeiro?

— Mas se tu não o viste, como é que sabes que estava no celeiro?

— Essa não é má, pois já se deixa ver que a mulher havia de saber onde é que elle estava, retrocou o gerente, espevitado. Não havia de receber o telegrama? E demais, se houve engano, quem tem que se queixar é o proprio Barrymore.

Podíamos perder a esperança de levar mais longe o inquerito, e contudo, era claro que a despeito do ardil de Holmes não tinhamos a minima prova em como Barrymore se não houvesse demorado em Londres, naquelle meio tempo.

Suppondo que assim fosse, — suppondo que o mencionado individuo tivesse sido o ultimo a ver sir Charles ainda com vida, e o primeiro a espreitar o novo herdeiro quando este voltou para Inglaterra. E depois? Elle seria acaso um agente de outrem, ou movido por qualquer sinistra intenção propria? Que interesse poderia ter em perseguir a familia Baskerville? Rememorou-se-me aquelle singularissimo aviso recortado no artigo do *Times*. Seria obra d'elle, ou dar-se-ia o caso que fosse tramaioa d'algum empenhado em lhe frustrar os planos? O unico motivo concebivel era o que tinha sido sugerido por sir Henry, a saber: — que se porventura a familia pudesse ser amedrontada e compelida a afastar-se do solar, os conjuges Barrymores ficariam disfrutando um conchêgo permanente. Mas com certeza semelhante solução seria absolutamente

inadequada para explanar o plano subtil e intrincado que parecia estar tecendo uma rêde invisivel com o fito em involver nas malhas o juvenil baroneto. O proprio Holmes afirmava que, em toda a longa serie das suas investigações sensacionaes, se lhe não havia ainda deparado caso mais complexo. E eu, na volta, ao palmilhar a estrada erma e adusta, orei a implorar que o meu amigo se visse quanto an-

tes liberto das suas preoccupações e apto a vir ter comnosco afim de me tirar dos hombros o enorme peso de semelhante responsabilidade.

De subito, veiu interromper-me as cogitações o tropel de uns pés a correr atrás de mim e uma voz interpelando-me pelo meu nome. Voltei-me para trás, na expectativa de

ver o doutor Mortimer, mas qual não foi o meu espanto ao dar de frente com um estranho a seguir-me os passos. Era um homem baixinho, delgado, barbeado de fresco, com uma cara de pascoa, cabello côr de estôpa e queixos de rabeça; trajava uma andaina cinzenta e trazia na cabeça um chapêu de palha. A tiracolo, uma caixa de lata para recolher espécimes botanicos e uma rêde verde, de apanhar borboletas, na mão direita.

O uso esperar que desculpará o meu atrevimento,

doutor Watson, emitiu trotando esbofado para me alcançar.

— Nós, cá por estes bréjos, sômos de poucas ceremonias, e não estamos á espera de apresentações em régra. E' possivel ter ouvido mencionar o meu nome pelo doutor Mortimer nosso amigo commum? Sou o Stapleton da Residencia de Merripit.

— A sua rêde e a sua caixa falam por si,



FOI-NOS MOSTRAR O SITIO
QUE SE SUPPÕE TER DADO ORIGEM Á LENDA DE INFANDO HUGO

epliquei, — pois não ignorava o facto de o senhor Stapleton ser naturalista. — Mas como é que me conheceu?

— Fui visitar o Mortimer e elle, da janéla do consultorio, apontou-me a sua pessoa quando o senhor por ali passou. E como seguíamos ambos pelo mesmo caminho, lembrei-me de o alcançar e de me apresentar a mim proprio. Ouso esperar que sir Henry não se achará incommodado com a jornada?

— Está optimo, muito obrigado.

— Estavamos todos com receio de que, em vista da morte tão triste de sir Charles, o novo baroneto se não resolvesse a vir residir para aqui. E' exigir demasiado a um homem rico o vir enterrar-se num sitio assim, mas escusado será o afirmar-lhe, doutor, que pode resultar dahi immenso beneficio para estas terras. Sir Henry, presumo eu, não se deixaria actuar por quaesquer apprehensões supersticiosas?

— Não me parece que seja provavel.

— O doutor não deixará de estar sciente da celebre lenda do cão diabolico, praga desta familia?

— Ouvi falar a esse respeito.

— E' extraordinaria a credence destes labrêgos, cá por os nossos sitios! Do primeiro ao ultimo todos são capazes de jurar que viram a creatura lá pela charnéca. Dizia aquillo, risonho, e não obtante, pareceu-me lêr-lhe nos olhos que tomava o caso um tanto a sério. A tal historia foi tomando immenso pêso na imaginação de sir Charles, e estou persuadido de que concorreu muito para o seu fim tragico.

— De que modo?

— Tinha os nervos em tal estado que o aspecto de um cão qualquer podia muito bem haver surtido effeito mortal sobre o seu coração inferno. Estou persuadido de que effectivamente veria qualquer coisa parecida naquella sua derradeira noite, lá na alêa dos teixos. Eu andei sempre apprehensivo de que viesse a succeder algum desastre, pois era muito amigo do malfadado ancião, e sabia que tinha o coração fraquissimo.

— E como é que o sabia?

— Tinha-m'o dito o doutor Mortimer.

— Suppõe, então, que sir Charles seria perseguido por algum cão, e que morreria de susto, em consequencia?

— Acaso lhe encontra explicação mais cabal?

— Ainda não cheguei a conclusão de qualidade nenhuma.

— E o senhor Sherlock Holmes, tambem não?

Aquellas palavras deixaram-me embatucado, por instantes, um relancear de olhos para o placido semblante e para o olhar firme do meu companheiro manifestaram-me não haver da parte deste a minima intenção de me sacar a fala do bucho.

— Que nós, antes que quiséssemos, não podíamos alegar ignorancia, doutor Watson, acrescentou. A fama do seu *detective* chegou a estes nossos sitios, e o senhor, celebrizando-o, não podia tambem deixar de se tornar conhecido. O Mortimer, ao dizer-me o seu nome, não podia negar a sua identidade. O facto de o senhor aqui vir, induz a tirar por consequencia que o senhor Sherlock Holmes se interessa pelo caso, e é natural a minha curiosidade em saber o que elle pensa a semelhante respeito.

— Sinto não poder satisfazer-lhe essa sua pergunta.

— Não haverá indiscreção em perguntar se elle tencionã honrar-nos com a sua visita?

— Elle, presentemente, não pôde afastar-se da capital. Tem entre mãos varios casos que lhe captam a atenção.

— Que pêna! Poderia lançar luz num assunto tão escuro para nós. Mas, com respeito ás suas pesquisas, doutor, se estiver ao meu alcance o ser-lhe prestavel, de algum modo, queira mandar-me! Se eu pudesse dispôr de qualquer indicação quanto á natureza das suas suspeitas, ou quanto á maneira por que se propõe investigar o caso, é possivel que desde já pudesse auxiliá-lo ou dar-lhe qualquer conselho.

— Afirmo-lhe que me acho aqui apenas de visita a sir Henry, e não tenho necessidade de auxilio seja qual fôr.

— Optimamente! acudiu Stapleton. Acho muito justo que seja cauto e prudente. Aceito o remoque, pois sinto que effectivamente foi pouco desculpavel esta minha intrusão, e prometo-lhe nunca mais me referir a semelhante assunto.

Tinhamos alcançado um ponto em que um carreiro estreito e invadido pelas restêvas se apartava da estrada coleando através da charnéca. Um monte salpicado de pedregulhos surgia-nos á nossa mão direita, explorado, em tempos, como pedreira de granito. A face que se nos defrontava formava uma fraga sombria, com os silvedos e os fetos a brotar-lhe das

findas. Mais além, por sobre um comoro, pairava um penacho de fumo.

— Um passeiozito através deste carreiro da charnéca leva-nos á Residencia de Merripit, afirmou o adventicio. Muito folgaria, se acaso pode dispor de uma hora, em o apresentar a minha irman.

Acudiu-me ao pensamento que me cumpria não desamparar sir Henry. Mas lembrei-me tambem do montão de papelada, titulos e rões a juncarem-lhe a mēsa do escritorio. Eu, com certeza, não podia ajudá-lo em semelhante faina. E Holmes tinha-me recommendado expressamente que estudasse os convizinhos da charnéca. Aceitei pois o convite de Stapleton, e metemos ambos pelo carreiro.

— E' um ponto admiravel esta nossa charnéca, afirmou, varrendo com a vista a ondulada planicie, os espinhaços de rocha, extensos e esverdeados, com as suas cristas indentadas de granito, a surgirem quaes ondas fantasticas. — E' vista de que nunca se cançam os olhos. Não imagina, sequer, os segredos espantosos que encerra este brejo. E' tão vasto, tão agreste e tão misterioso!

— Conhece-a bem, pelo que vejo?

— Ha apenas dois annos que aqui estou. Os incolos poderiam apodar-me de adventicio. Para aqui viemos pouco tempo depois de sir Charles aqui haver estabelecido residencia. As minhas predilecções, contudo, levaram-me a explorar a cada recanto da região circumjacente, e posso gabar-me de que poucos haverá que a conheçam melhor do que eu.

— Tão arduo é, pois, o vir a conhecê-la?

— Se é! Vê, por exemplo, aquella planicie, alí, para a banda do norte, com aquelles montes tão estramboticos a surgirem-lhe do seio? Fere-lhe a vista qualquer circumstancia notavel?

— Era um campo admiravel para uma galopada.

— E' muito natural que assim pense, e o pensar assim tem custado a vida a um par de individuos. Vê aquelles pontos verdes muito viçosos, disseminados por toda a superficie?

— Vejo, afiguram-se-me serem mais ferteis do que o restante.

Stapleton abriu uma risadinha.

— São os tão decantados lameiros de Grimpen, declarou. Um passo em falso, além, é a morte para qualquer homem, ou animal. Ainda hontem eu vi um dos poldros da charnéca a pairar por alí. Nunca mais de lá safu. Vi-lhe

cabeça, durante um bom pedaço de tempo, espichada ao de cima do olheiro, até que a final o sorveu o lodo. Na propria estação da séca é perigoso transitar por alí, mas, depois destas chuvas outonaes, é um sitio pavoroso. E, aqui onde me vê, pôsso atravessá-la em todos os sentidos são e a salvo. Por Jorge! Lá anda um destes mofinos poldros!

Um vulto qualquer, fulvo, a reboicar-se e a estrebuchar por entre as junças verdejantes. Depois, surgiu um pescoço comprido, fremente, anciado, e retumbou pela charnéca pavoroso bérro. Senti-me gélido de horror, mas os nervos do meu companheiro eram mais rijos que os meus, ao que parecia.

— Foi-se! emitiu. Tomou conta d'elle o lameiro. E' o segundo, desde hontem para cá, pois têm a balda de andarem a pastar por alí, no tempo da estiagem, e não lhe vêem a differença em quanto o lameiro não préga com elles no bucho. E' um sitio ruim, este paúl de Grimpen.

— E afirma o senhor que pode transitar por elle?

— Digo e repito, cortam-n'o um ou dois caminhos de pé posto que qualquer individuo com boa vontade pode trilhar. E eu dei com elles.

— Mas que é que o induz a aventurar-se em tão medonho sitio?

— Eu lhe conto. Vê além aquelles montes? Elles, na essencia, são apenas umas ilhas escarvadas por todos os lados pelo lodaçal invadiavel que, no decurso de annos e annos, tem vindo a espraiar-se-lhe em redor. E é por alí que pairam as plantas raras e as lindissimas borboletas, para quem tem olho sufficiente para as alcancar.

— Irei tentar fortuna qualquer dia.

Olhou para mim, espantado.

— Em nome de Deus, arrede de si semelhante ideia, exclamou. Eram remorsos para toda a minha vida! Afirmo-lhe que não ha a minima probabilidade de voltar de lá com vida. Eu proprio, que lh'o estou dizendo, se o consigo é valendo-me de umas certas balisas um tanto complicadas.

— Houlá! exclamei. Que será aquillo?

Um lamento, estirado, soturno, de indiscriminavel tristeza varreu a charnéca, de lés-a-lés. Ecoou em todo o ambiente, e contudo, éra impossivel dizer de onde vinha.

Murmurio triste, a principio, foi tomando o vulto de clamôr intenso, em seguida, foi en-

fraquecendo, até descambar novamente em murmúrio, melancólico, offegante.

Stapleton olhou para mim com expressão séria no semblante.

— E' um sitio esquisito, esta charnéca, commentou.

— Mas que será aquillo?

— Os camponios dizem que é o cão dos Baskervilles a chamar a prêsa. Tenho-o ouvido uma ou duas vezes, mas tão rijo, nunca! Olhei em redor, com um arrepio de pavôr no coração, para a immensa e tumida planície, marchetada com os parches verdes dos juncaes. Nem sinal de vida, sequer, por toda a vasta extensão, á excepção de dois córvos, a crocitar, estridulos, num matacão, por detrás de nós.

— O senhor é homem culto. Não dá credito a semelhantes tonterias? perguntei. — Qual é, no seu intender a causa de som tão extraordinario?

— Dos olheiros saem ás vezes uns ruidos muito esquisitos. Estou que será o lodo a assentar, ou a agua a romper, ou coisa que o valha.

— Isso, sim! Aquillo é voz de ente vivo.

— E dahi, quem sabe, talvez que fosse. Já de alguma vez ouviu uma garça a grasnar?

— Nunca, que me lembre.

— E' uma ave que vae sendo rara — extincta, ou pouco menos, em Inglaterra, presentemente; mas tudo é possível cá pela charnéca. Repito, não me admiraria se me disséssem que o que eu ouvi foi o grito da ultima garça.

— E' o sitio mais fantastico, mais estranho, de que jamais tive noticia.

— Lá isso é, o sitio mais estrambotico que dar-se pode. Atente na encosta daquelles cêrros, que lhe parece que sejam?

O ingreme desladeirairo estava todo elle junçado de uns circulos de pedras, cerca de uns vinte, pelo menos.

— Que vem a ser aquillo? Redis para ovelhas?

— Não, senhor, são as habitações de nossos dignos antepassados. O homem préhistorico povouou densamente esta charnéca, e como ninguem, que eu saiba, tem morado ali, desde então para cá, encontramos as suas acomodaçõesinhas taes quaes elle as deixou. Aquillo são as suas cubatas com os telhados arrancados. Se a curiosidade o induzir a entrar lá dentro poderá observar-lhe a lareira e o proprio leito.

— Mas é uma aldeia, ou pouco menos. Em que época seria habitada?

— Na do homem néolitico — sem data.

— E em que se occupava elle?

— Pastoreava os seus gados por estas encostas, e aprendeu a cavar a terra em procura de estanho assim que a espada de bronze principiou a suplantar o machado de pedra. Repare naquella immensa trincheira no cerro fronteiro. Aquillo são os seus vestigios. Repito, hade encontrar pormenores singularissimos pela charnéca, doutor Watson.

Ah! queira desculpar-me por instantes! Um cyclopede, com toda a certeza!

Volitava por cima do carreiro uma mosquinha ou uma traça, e, acto continuo, Stapleton despedia afressurado, a persegui-la como um raio. Fiquei afflictissimo ao ver que a creatura voava em direitura ao vasto marnel, o meu novo conhecimento, contudo, não parou um instante, pulando de moita em moita, atrás della, e a rede verde adejando no ar. A andaina cinzenta, e os arrancos irregulares, em ziguezague, do sujeito a elle proprio lhe communicavam uma tal qual semelhança a uma traça, de tamanho desconforme. Estaquei, para ali, a observar o perseguidor, já admirando-lhe a espantosa actividade, já receando não lhe escorregasse algum pé e o tragasse o traiçoeiro marnel, eis que sinto passos atrás de mim, e voltando-me, vejo uma mulher a par comigo, seguindo pelo carreiro. Vinha do lado daquelle penacho de fumo indicativo da situação da Residencia de Merripit, a quebrada da charnéca encobria-a, porém, a meus olhos, e só dei pela sua presença, no acto de me surgir de repente.

Não pús duvida em que fosse a tal menina Stapleton, em que me tinham falado, visto como na charnéca de sorte abundaria o bello sexo, e occorreu-me o haveram-m'a gabado, como sendo uma beldade.

A joven que abarbara comigo assás justificava a qualificação, e correspondia a um typo nada vulgar. Seria impossivel dar-se contraste mais frisante entre irmão e irman, por quanto Stapleton éra côr de sebo, com as melenas de estopa e olhos garços, ao passo que ella éra morêna, a um ponto como eu ainda não tinha visto mulher alguma em Inglaterra. Era de bello molde o seu rosto, altiva a expressão, e as feições eregulares, que haveriam parecido impassiveis se não fôra o sensitivo da bôca, a formosura e intensidade dos olhos pretos.

Aquella figura tão airosa e perfeita, trajando com elegancia, éra uma singularissima appareção, na verdade, em um caminho ermo da charnéca. Tinha os olhos fitos no irmão, no acto de eu me voltar para trás, e apressou o passo para me alcançar. Levei a mão ao chapéu, e dispunha-me a dizer da minha pessoa, quando as suas proprias palavras viéram imprimir nova orientação aos meus pensamentos.

— Vá-se embora d'aqui! exclamou. Volte, já, já, para Londres.

Apenas pude fitar-lhe uns olhos estupidos, espantados.

Os della, cravados nos meus, como brásas; e ella a bater com o pé no chão, impaciente.

— Ir-me embora d'aqui!

E porquê: perguntei.

— Não lh'ò posso explicar. Falava em voz anciosa, reprezada, com um curioso cicío na pronuncia.

— Mas, em nome de Deus, atenda ao meu pedido. Vá-se embora, e nunca mais torne a pôr pé na charnéca.

— Mas se eu ainda agora cheguei!

— Que homem este! exclamou. Pois nem sequer percebe que o avisam para seu bem! Volte para Londres! Esta noite, ainda! Por tudo quanto ha, afaste-se destes sitios! Caluda! ahí vem meu irmão! Nem palavra disto que eu lhe disse. Se me fizesse o favor de me alcançar aquella orchidea, além, entre aquellas estevas? — Temos uma riqueza, em orchideas, cá pela charnéca, mas o senhor, já se vê, veiu tarde para verificar a formosura destes nossos sitios. Stapleton desistira da caçada, e veiu ter comnosco, esbofado e offegante com aquella sua faina.

— Houla! Beryl, exclamou, e o tom daquella sua saudação pareceu-me ser tudo menos cordial.

— Que é isso, Jack, vens estafado?

— Venho, andava á caça de um cyclopede. São rarissimos, e é milagre o encontrarem-se em fins de outono. Que pena eu não a poder panhar!

Falava com certa indifferença, os desbotados olhinhos fitos, porém, ora em mim ora na joven.

— Já procederam a mutua apresentação, pelo que vejo.

— Já. Estava eu dizendo a sir Henry que éra tardia a estação para disfrutar as bellezas da nossa charnéca.

—Essa não é má! E com quem cuidas tu estar falando?

— Presumo que será com sir Henry Baskerville.

— Perdão, minha senhora, atalhei. Tem na sua presença um simples burguês, apenas um amigo do fidalgo, nada mais. Doutor Watson, eis o meu nome.

Ensombrou-lhe o expressivo semblante um assômo de contrariedade.

— Temos estado a soltar palavras ao vento, declarou.

— Ora essa, não me parece que tenham tido tempo para conversar, observou o irmão, com o mesmo olhar inquisitivo.

— Expresssei-me na fé de que o doutor Watson era pessoa residente e não um mero visitante, explanou a joven. E pouca importancia poderá ter a seus olhos que seja tarde ou cedo para florescerem orchideas. Que o senhor, já se vê, vem comnosco, honrar com a sua presença a nossa casa em Merripit?

Um curto passeio ali nos levou. Era um casébre sombrio, não desdizendo da charnéca, residencia outrora, em tempos prosperos, dalgum creador de gado, restaurado actualmente e arvorado em habitação moderna. Cercava-o um pomar, as arvores, contudo, conforme o usual nas charnécas, serôdeas e engoiadas, imprimindo aspecto mesquinho e tristonho ao conjunto da localidade. Facultou-nos ingresso um criado, ente esquipatico, fantastico, com um casaco no fio, condizendo em absoluto ao pardieiro. Internamente, contudo, eram espaçosos os aposentos e trastejados com uma elegancia em que me pareceu reconhecer gosto senhoril. Ao contemplar da janéla aquelle bréjo sem fim, entresalhado de granito, dilatando-se ininterrupto até aos limites do horizonte, não podia conceber quaes os motivos que podiam ter induzido aquelle homem de tão superior educação e aquella tão formosa senhora a virem residir em semelhante êrmo.

— E' estrambotico o paradeiro, pois não acha? observou o naturalista, como que em resposta ao meu pensar. E não obstante, conseguimos viver aqui contentes e satisfeitos, pois não é verdade, Beryl?

— Contentissimos, pois não! assentiu a joven, mas não destrincei acento de convicção na sua voz.

— Tive um collegio, declarou Stapleton. Lá para essas terras do Norte. O encargo, para um homem com este meu temperamento era po-

rém mechanico e destituido de interesse; e contudo, o privilegio de viver em companhia da mocidade, de ajudar a moldar aquellas mentes juvenis e de lhes ir imprimindo o proprio character e o proprio ideal, tornava-me a tarefa nimiamente grata.

O destino, porém, foi-nos adverso.

Uma grave epidemia, infestando o collegio, victimou tres alunos. Nunca mais levantou cabeça o instituto, e o melhor do meu capital foi irremediavelmente engulido. E não obstante, a não ser a perda da encantadora companhia daquelles moços, daria de barato o meu desastre, porquanto, com esta minha declarada predilecção quer pela botanica, quer pela zoologia, encontrei aqui campo ilimitado de trabalho, e minha irman tem pela Natureza dedicação igual á minha.

Tudo isto, doutor Watson, veiu a pêllo da expressão que lhe surpreendi, no acto do senhor estar contemplando da janéla a charnéca.

— Confesso que me perpassou pelo espirito a ideia de que o sitio não deixaria de ser tristonho — para o senhor, menos, já se vê, do que para sua irman.

— Lá isso não, nunca estou triste, atalhou ella, de golpe.

— Temos livros, temos os nossos estudos e temos uma vizinhança interessante.

O doutor Mortimer é um homem muito instruido, na sua especialidade. O malfadado sir Charles era tambem um companheiro impagavel. Viviamos em muita intimidade, e faz-nos immensa falta, acredite. Acha que haverá inconveniencia da minha parte em ir esta tarde visitar sir Henry e entabolar relações com elle?

— Estou persuadido de que muito hade estimar.

— Se me fizesse então a fineza de o prevenir? Nós, com a nossa humilde posição podêmos talvez concorrer para o distrahir, emquanto se não vae afazendo á sua nova séde.

Quer ir lá acima, doutor Watson, passar revista á minha collecção de lépidópteros? Tenho a presunção de como é a mais completa em todo o sudueste da Inglaterra.

Concluido o seu exame, achar-se-á o lanche á nossa espera.

Eu, porém, estava ancioso por me achar de volta e cumprir o meu encargo. A melancolia da charnéca, a morte do malfadado poldro, aquelle som horripilante que andava associado á lenda tétrica da familia Baskerville — tudo isto concorria a toldar de tristeza os meus

pensamentos. Depois, para agravar estas impressões mais ou menos vagas, sobreviera aquelle aviso, tão peremptorio e definido por parte de *miss Stapleton*, transmitido com tanta intimativa que me não era licito duvidar o es-cudar-se em qualquer motivo sério e com fundamento. Resisti, pois, a quaesquer instancias no sentido de me demorar, e meti-me a caminho, acto-contínuo, enfiando pelo carreiro invadido pela restêva, pelo qual tinhamos vindo.

E' de suppôr, contudo, que existisse algum atalho, familiar aos da região, pois que antes de eu ter alcançado a estrada, qual não foi o meu assombro ao surgir-me *miss Stapleton*, sentada num penêdo a beira do carreiro. O cançasso tinha-lhe feito affluir a côr ao lindo rosto, e comprimia a ilharga com a mão.

— Tenho vindo a correr para o apanhar no caminho, doutor Watson, emitiu. Nem sequer tive tempo de pôr o chapéu. Não me posso demorar, não vá meu irmão dar pela minha ausencia. Desejava declarar-lhe a que ponto me contraria aquelle meu estúpido equívoco em o confundir com sir Henry. Rogo que esqueça as palavras que proferi, que de modo algum se applicam ao doutor.

— Eu porém é que as não posso esquecer, *miss Stapleton*, volvi. Sou amicissimo de sir Henry, e o seu bem estar constitue o meu mais caro empenho. Diga-me o motivo porque estava tão anciosa em que regressasse a Londres sir Henry?

— Capricho de mulher, doutor Watson. Quando me conhecer melhor perceberá que nem sempre posso dar razão do que digo ou do que faço.

— Nada, nada! Não me esquece o tremôr da sua voz. Tenho ainda bem presente a expressão dos seus olhos. Então, por quem é, falemos com franqueza, *miss Stapleton*, pois desde que aqui cheguei tenho a consciencia de que de roda de mim são tudo sombras. A vida tem-se-me tornado tal qual aquelle marnel de Grimpen, vejo por toda a parte umas nodoas verdoengas em que qualquer pôde afundar-se e não tenho guia que me ensine o trilho. Diga-me, pois, qual era o sentido daquellas suas palavras, e prometo-lhe que transmitirei a sir Henry o seu aviso.

Deslisou-lhe pelo semblante instantanea e irresoluta expressão, e todavia, os olhos, no acto de me responder, haviam reassumido a dureza habitual.

— Atribuiu demasiada importancia ao caso, doutor Watson, replicou. Tanto a mim como a meu irmão deu-nos immenso abalo a morte de sir Charles. Eram muito intimas nossas relações, visto como o seu passeio de predilecção era sempre pela charnéca a caminho de nossa casa. Andava impressionadissimo com a praga pairando sobre a sua familia, e quando se deu a tragedia, eu, como é alias natural, senti que effectivamente deviam de existir fundamentos para as apprehensões que elle tinha manifestado. Fiquei afflictissima, pois, quando vi que outro membro da familia vinha estabelecer aqui sua residencia, e senti que devia ser avisado do perigo que vae arrostar. E eis aqui o que eu lhe queria dizer.

— Mas que perigo é esse?

— Não ignorará aquella historia do cão?

— Não acredito uma palavra de semelhante disparate.

— Mas acredito eu. E se dispõe de alguma influencia sobre o animo de sir Henry, trate de o afastar de um sitio que tem sempre sido funesto á sua familia. O mundo é vasto. Que necessidade terá elle de viver em um sitio tão perigoso?

— Justamente por *ser* perigoso. Está na indole de sir Henry. E receio muito que, se não se acha habilitada a ministrar-me qualquer informação mais definida, sêr-me á impossivel resolvê-lo a mexer-se daqui.

— Nada lhe posso dizer de definido, pois me não acho sabedora de factos algum definido.

— Far-lhe-ei ainda uma pergunta, *miss Stapleton*. Se não iam mais além as suas intenções, quando pela vez primeira me dirigiu a palavra, por que é, pois, que não queria que seu irmão a ouvisse? Não implicam ellas a minima coisa a que elle, ou seja quem fôr, possa pôr objecção.

— Meu irmão está ancioso, quanto possivel, por ver habitada a mansão, pois julga que é para bem da pobreza cá da charnéca. Irritá-lo-ia sobremodo saber que eu lhe tinha dito qualquer coisa que pudesse induzir sir Henry a ir-se embora. Agora, contudo, fiz o meu dever, e nada mais direi. Tenho que voltar para casa, não vá elle dar pela minha ausencia, e suspeitar que vim ter com o senhor. Adeus!

Voltou costas e sumiu-se dalí a minutos por entre a disseminada penedia, ao passo que eu, com a alma atribulada de vagos receios, seguia meu caminho em direcção ao solar de Baskerville.

CAPITULO VIII

Primeiro relatorio do doutor Watson

Deste ponto em diante irei acompanhando o decurso dos acontecimentos transcrevendo as minhas proprias cartas dirigidas ao senhor Sherlock Holmes, cartas que eu tenho na minha frente, sobre a mesa. Falta uma página, mas a não ser isso, estão taes quaes eu as escrevi, e manifestam quer os meus sentimentos quer as minhas suspeitas eventuaes com maior exactão de que seria capaz a minha memoria, lucida, muito embora, no que diz respeito a tão tragicos acontecimentos.

Mansão de Baskerville,
13 de outubro.

Meu prezado Holmes.

As minhas cartas e telegramas anteriores tem-te mantido menos mal em dia com tudo que se tem dado n'este cantinho do mundo desamparado de Deus. Quanto mais aqui me vou demorando mais me vae penetrando a alma o espirito da charnéca, já com a sua vastidão, já com o seu lobrego encanto.

Todo aquelle que se interna neste brejo, deixa atrás de si a todo e qualquer vestigio da moderna Inglaterra, mas por outro lado, confirma-se-lhe a existencia já de domicilios já do labutar de um povo préhistorico. Aonde quer que dirija seus passos surgem-lhe por toda a parte as casas destes povos esquecidos, com as suas sepulturas e os monolítos gigantescos que se suppõe terem sido os seus templos. Ao contemplar aquelles cardênhos de pedra acinzentadas obresaindo aos desladeiros adustos deixa atrás de si a sua propria éra, e se acaso se lhe deparasse um homem cabeludo, vestido de pelles, a sair de gatinhas da baixissima porta, a assestar uma frécha com a ponta de pederneira na corda do seu arco, não deixaria de sentir que a presença alí daquelle ente era mais natural do que a sua propria presença.

O que é deveras para admirar é o elles haverem povoado tão densamente um solo que deve ter sido sempre infructifero a tal ponto. Não presumo de antiquario, mas prefigura-se-me que seriam uma qualquer raça imbelle e acossada, forçada a aceitar um couto que nenhuma outra quereria occupar.

Tudo isto, porém, é alheio á missão de que me incumbiste, e logrará interessar mui pouco o teu espirito rispidamente pratico. Lembro-me ainda muito bem daquella tua indiferença ante as duas hypothèses de—se o sol se moveria de roda da terra, se a terra em redor do sol. Voltemos, pois, aos factos concernentes a Sir Henry Baskerville.

O não haveres recebido relatorio de especie alguma, ha dias a esta parte, é motivado pelo facto de, até hoje, nada haver digno de importancia para relatar. Deu-se, então, uma circumstancia deveras sorprendente, da qual te darei conta em tempo opportuno. Antes de tudo, porém, devo inteirar-te de alguns outros factores da situação.

Um delles, a despeito do qual pouco te tenho dito, é aquelle criminoso andando a monte pela charneca. Há motivo forte para acreditar que abalaria de vez, o que representa alivio consideravel para os insulados moradores deste districto. Já lá vão quinze dias desde que elle fugiu, e durante este prazo ninguem o tem visto, e nada se tem ouvido a seu respeito.

E' absolutamente inconcebivel o elle ter podido aguentar-se por tanto tempo lá pela charneca. Quanto ao facto de elle se esconder, não existe a minima difficuldade. Não lhe faltariam esconderijos por essas choças de pedregulhos. Mas não encontraria que comer, a menos que apanhasse chacinando-a alguma ovelha desgarrada na charneca. Estamos, pois, na fé de que se terá safado, e os casaleiros destes contornos, consequentemente, dormem melhor.

Nós, de portas a dentro, contamos com três homens válidos, e aptos, portanto, a olhar por si, mas confesso que estou longe de me achar socegado, quando me lembro dos Stapletons. Vivem umas poucas de milhas arredados de qualquer auxilio. São, ao todo, quatro pessoas, a criada, um criado já velho, a irman e o irmão, e este ultimo homem de poucas forças. Achar-se-iam á mercê de um facinora qual é este criminoso de Notting Hill, uma vez conseguindo entrar-lhes em casa. Tanto a mim como a sir Henry dá-nos serio cuidado a situação d'elles, e offerecêmos-lhe o moço da estrebaria, o Perkins, para lá ficar de noite, mas o Stapleton nem quis ouvir falar em semelhante coisa.

E o caso é que o nosso amigo baroneto vae manifestando consideravel interesse em favor

da nossa formosa vizinha. Não é caso de admirar, pois o tempo arrasta-se pesado e vagaroso neste ermo para um homem activo como elle é, e ella é uma mulher linda e fascinante. Ha um não sei quê de tropical, de exotico naquelle seu todo e que estabelece contraste singular entre ella e o irmão, frio e pouco accessivel a commoções. E contudo, tambem elle deixa perceber a presença de fogo solapado. Exerce sobre a irman influencia sobremodo accentuada, certamente, pois a tenho visto continuamente olhar para elle de relance e como que solicitando aprovação para o que está dizendo.

Quer-me parecer que a tratará com carinho. Noto-lhe nos olhos um brilho sêco, e uma compressão firme nos labios, sintômas que em geral incidem com uma indole positiva e quiçá um tanto aspera.

Não deixarias de o considerar como um objecto de estudo interessantissimo.

No proprio dia da nossa chegada veiu fazer a sua visita a Baskerville, e no dia immediato foi nos mostrar o sitio em que se suppõe haver tido origem a lenda do infando Hugo. Foi uma excursão de meia duzia de milhas através da charneca até um ponto tão medonho que é possivel haver sugerido a tal historia. Encontrámos um vale pouco extenso, ladeado de agudos penhascos; desimbocava em um espaço atapetado de relva, e todo elle matizado de erva-prata. Ao meio erguiam-se dois immensos pedregulhos, lascados e ponteagudos, lembrando as prezas roazes de qualquer monstruosa féra. Correspondia em absoluto á scena da tragédia de algum dia. Sir Henry manifestou summo interesse, e por mais de uma vez indagou de Stapleton se effectivamente acreditava na possibilidade da intervenção sobrenatural nos negocios humanos. Falava com despreoccupação, e todavia, era facto manifesto o elle tomar o caso muito a sério: Stapleton, reticente sempre em suas respostas, mas facilmente se percebia que dizia menos do que sabia, e o retrahir-se de expressar cabalmente a sua opinião por não querer agravar o sobresalto do baroneto.

Apontou-nos varios casos similares, de familias padecendo os effeitos de uma qualquer influencia maligna, e despediu-se de nós deixando-nos a impressão de que participava da crença popular com respeito ao assunto.

Na volta fomos lanchar á Residencia de Merripit, e foi ali que sir Henry entabolou

conhecimento com *miss Stapleton*. Logo á primeira vista deu mostras de como o atrahia fortemente a beldade, e eu estarei muito enganado, mas quis-me parecer que éra reciproco um tal sentimento. Referiu-se a ella vezes repetidas durante o caminho para casa, e desde então de sorte haverá decorrido um só dia sem que nos tenhamos visto quer com o irmão quer com a irman. O nosso naturalista veiu cá jantar esta noite e falou-se em irmos jantar com elles para a semana. Qualquer iria suppor que semelhante consorcio seria muito do agrado de *Stapleton*, e contudo, por mais de uma vez lhe surpreendi, na fisionomia, vislumbres da maxima reprovação no acto de *sir Henry* dirigir uma qualquer atenção á irman.

Elle é-lhe muito afeiçoado, não ha duvida, e ver-se-ia muito só sem ella, mas chegaria a parecer o *suprasummo* do egoismo o elle pôr embaraços a um tão brilhante consorcio. E não obstante, estou certo em como não deseja que semelhante intimidade venha a descambar em amôr, e por mais de uma vez tenho observado o quanto elle se esforça por evitar que conversem a sós. E, aqui para nós, a tua recommendação de não consentir jamais que *sir Henry* saia sósinho, tornar-se-á muito mais onerosa se acaso ás outras difficuldades vier juntar-se um namôro.

A minha popularidade não tardaria em sofrer se eu fosse cumprir á risca as tuas ordens.

No outro dia, — ou mais exactamente, na quinta feira — lanchou comnosco o doutor *Mortimer*. Tem andado entretido com umas excavações em um barrocal, em *Long Down*, desenterrou uma caveira prehistorica e está doido de contente. Estou que não haverá entusiasta mais ferrênho! Os *Stapletons* appareceram dali a bocado, e o bom do nosso doutor pregou comnosco na alêa dos teixos, a pedido de *sir Henry*, para nos mostrar de modo exacto como foi que se deram as coisas naquella noite funesta. E' um passeio comprido, tristônho, a celebre alêa dos trixos, entre duas paredes de rama aparada, e com uma faixa estreita de relva de cada lado. Lá no extremo existe uma estufa, a cair de velha. A meio caminho fica o portal da charnéca, onde o nobre ancião deixou cair a cinza do charuto. E' uma cancela de madeira em branco com um cadeado. Para além dilata-se a immensa charnéca. Lembrei-me da tua theoria a

respeito do caso, e tentei evocar a visão de quanto havia occorrido. O ancião, parado para ali, viu fosse o que fosse a crescer para elle lá da charnéca, qualquer coisa que o aterrou a ponto de perder completamente o tino, e deitou a correr, a correr até que expirou méramente de pavôr e de exhaustão. E para ali estava o extenso e lobrego tunnel a fêsto do qual tinha deitado a fugir. Fugir de quê? De algum cão de gado da charnéca? Ou da avantesma de um: cão, preto, taciturno e monstruoso? Andaria acaso humana intervenção em semelhante lance? O macilento, o vigilante *Barrymore* saberia mais do que queria dizer? Tudo isto vago e nebuloso, e não obstante, por detrás de tudo surge a sombra tétrica de um crime!

Desde a ultima vez que te escrevi tive occasião de encontrar com mais outro convizinho. É o senhor *Frankland*, da Residencia de *Lafter*, que reside a umas quatro milhas para o sul da mansão. É um sujeito já edoso, de rosto assanhado, cabello branco, e colerico. A lei britannica é a sua paixão, e tem dado cabo de uma avultada riqueza em demandas. Questiona meramente por prazer de questionar, está sempre pronto a perfilhar seja que lado fôr da questão, e por isso não admira que o entretenimento lhe tenha saído um tanto carinho.

De tempos a tempos véda o direito de transito por terrenos seus, e desafia a parquia a que o obrigue a facultá-lo. Outras vezes deita abaixo com as proprias mãos o portal de qualquer individuo e declara haver existido por ali um caminho desde tempos immémoros, desafiando o dono a intimá-lo por infracção de direitos. É muitissimo versado em antigos direitos solarengos e communaes, e applica o seu saber, ás vezes, em favor dos aldeões de *Fernworthy* e outras vezes contra elles, de modo que é periodicamente levado em triumpho pelas ruas da aldeia ou queimado em effigie, consoante a sua ultima façanha. Dizem que traz entre mãos umas sete demandas, actualmente, que é provavel o virem a engulir-lhe o remanescente de seus haveres, decepando-lhe assim o ferrão, e deixando-o inofensivo no porvir. Abstrahindo de leis, parece-me ser uma excellente pessoa, e cito-o apenas em vista da tua recommendação de te transmitir descrições de toda a gente do nosso trato.

É curioso aquillo com que elle se entretém presentemente, por quanto, astrônomo dilétante, dispõe de um optimo telescopio, e passa

os dias deitado de borco no telhado, a varrer com a vista a charnéca, na expectativa de bispar o criminoso foragido. Se elle limitasse a sua energia a essa tineta, va que não não vá, mas correm boatos de que tenciona demandar o doutor Mortimer por ter aberto uma sepultura sem o consentimento do parente mais chegado, e isto pelo facto de elle haver desenterrado a tal caveira néolithica no barrocal, em Long Down. Ajuda a impedir que o nosso viver descambe em monotonia, e introduz um tal qual relêvo comico em circunstancias em que bem precisamos delle.

E agora que já te pús em dia com o facinora que anda a corso, com os Stapletons, o doutor Mortimer, e o Falkland, da Residencia de Lafter, vou concluir tratando do que mais importa, e contar-te mais alguma coisa com respeito aos Barrymores, referindo-me muito em especial á surpreendente sequencia de factos, que se deram hontem á noite.

Primeiramente occupar-me-ei do telegrama que tu expediste de Londres afim de verificar se o Barrymore estava aqui, effectivamente. Já te expús que o testemunho do gerente do correio demonstra que não temos prova alguma quer a favor quer em contrario. Conteí a sir Henry o que havia a semelhante respeito, e elle, in-continenti, com o seu modo expedito, mandou chamar o Barrymore e perguntou-lhe se tinha recebido o telegrama em mão propria. Barrymore disse que tinha.

— E o rapaz entregou-lho em mão propria ? perguntou sir Henry.

O Barrymore denunciou surpresa ; ficou-se um instante a considerar.

— Não, meu senhor, respondeu. Nessa occasião estava eu no cartorio, e foi minha mulher quem m'o veiu entregar.

— E você escreveu a resposta, pessoalmente ?

— Não, meu senhor, communiquei-a a minha mulher e foi ella quem a foi escrever.

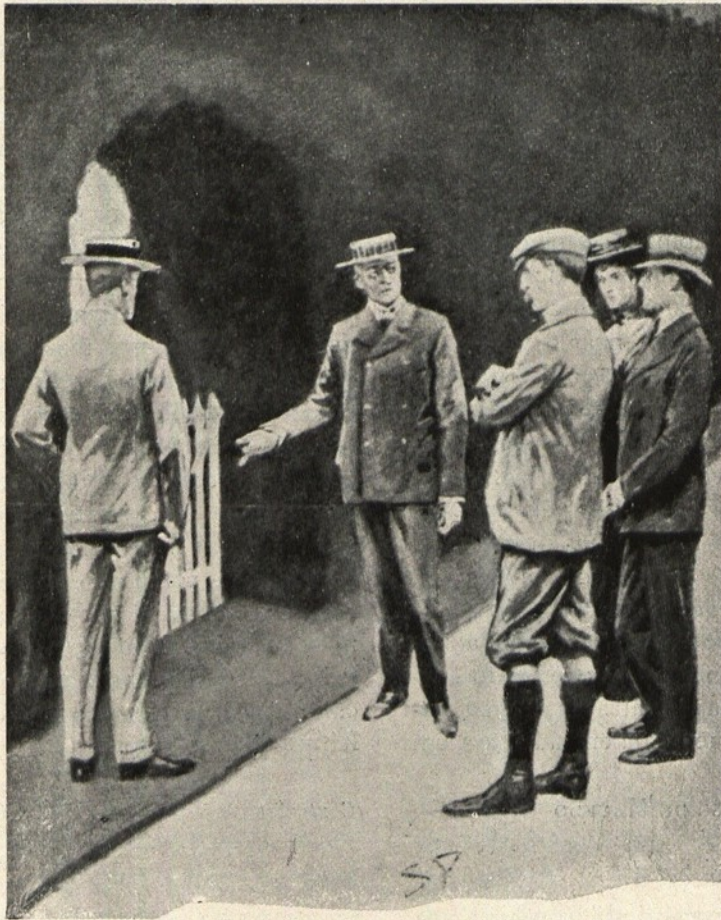
A' noite referiu-se outra vez ao assunto, de seu mótu proprio.

— Confesso que não percebi lá muito bem o motivo das perguntas que me fez esta manhan, sir Henry, disse. O uso esperar que não deverei deduzir dellas o haver eu, por qualquer circumstancia, desmerecido a sua confiança ?

Sir Henry teve que lhe afirmar que tal não havia, e, para lhe desfazer a má impressão, presenteou-o com uma parte consideravel

da sua velha guarda-roupa, visto haver-lhe chegado de Londres ampla provisão de renovada mesma.

Mistress Barrymore interessa-me sobremodo. E' uma creatura solida e pesadõna, de vistas limitadas, seria e digna, e propensa a puritanismo. E' difficil de conceber ente mais frio e mais parádo. E todavia, já te contei como, na primeira noite que passei aqui, a ouvi solucar amargamente, e desde então, mais de uma vez lhe tenho observado vestigios de pranto



PARA NOS MOSTRAR DE MODO EXACTO
COMO FOI QUE SE DERAM AS COISAS NAQUELLA NOITE FUNESTA

no semblante. Mina-lhe o coração qualquer intimo desgosto. A's vezes, ponho-me a conjecturar se aquillo será a obsessão de um qualquer delicto, e outras vezes entro a desconfiar de que o Barrymore será um tiranno domestico. Antolhou-se-me sempre a circumstancia de existir um não sei quê de singular e contestavel no caracter deste homem, porém a aventura de hontem á noite concorre a justificar amplamente as minhas desconfianças. E contudo, o caso em si poderá parecer-te destituído de importancia. Sabes que não tenho o sôno pesado, e desde que entrei de atalaia nesta casa o meu sôno tem sido mais leve do que nunca. A noite passada, ahi pelas duas da madrugada, acordaram-me uns passos furtivos junto á porta do meu quarto. Levantei-me, abri a porta e pus-me á espreita. Deslisava pelo corredor uma sombra negra e comprida. Era a sombra de um homem a andar de mansinho pelo corredor, com um castiçal na mão. Estava em mangas de camisa, de calças e sem sapatos. Eu mal podia diferenciar o vulto mas pela altura convenci-me de que era Barrymore. Caminhava muito devagar e a tentas, e no conjunto do seu aspecto havia um não sei quê de indiscritivelmente protervo e furtivo. Já te expus que o corredor é cortado pela varanda que circunda a sala nobre, mas que torna a seguir pelo lanço de parede que a remata. Esperei até que o perdi de vista, e depois, segui-lhe no encaço. No acto de eu tornejear a varanda tinha elle alcançado o extremo do corredor, e pelo clarão da véla através de uma porta aberta pude ver que havia entrado para um

quarto qualquer. Ora, esses quartos estão todos desguarnecidos de mobilia e devolutos, de modo que aquella sua expedição se me antolhou de mais em mais misteriosa. O clarão da vela, firme, como se o homem estivesse parado e immovel. Meti pelo corredor, pé ante pé, evitando o minimo ruido e espreitei pelo quício da porta.

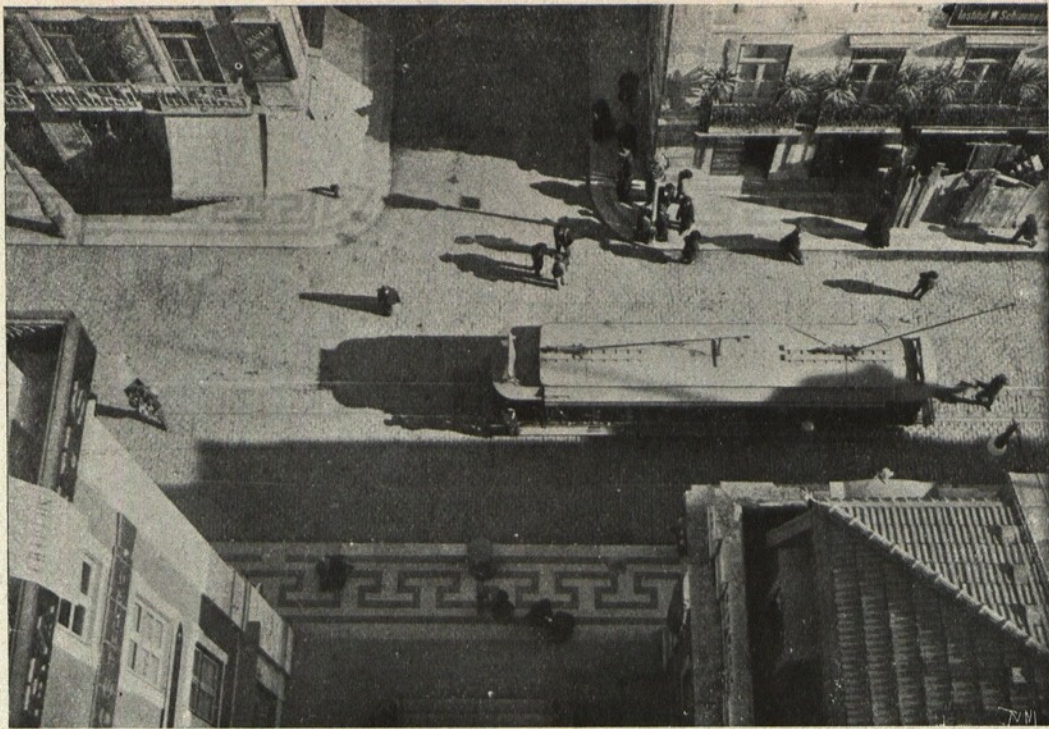
Barrymore estava debruçado, ao pé da janéla, com a luz muito chegáda á vidraça. Eu via-o quasi de perfil, o seu rosto, rigido, ao que me pareceu, de expectativa, e com os olhos cravados na escuridão da charnéca. E assim permaneceu, por minutos, a prescrutar intensamente. Depois, arrancou um gemido, e com gesto impaciente apagou a luz. Acto-contínuo, tratei de voltar para o meu quarto e dalí a pouco eis que sinto os mesmos passos furtivos operando a sua jornada de retorno. Dalí a um bom pedaço, tinha eu começado a passar pelo sôno, eis que ouço uma chave rodar na fechadura, mas sem poder distinguir donde viria o som. O que significará, tudo isto não o posso eu adivinhar, mas tenho a certeza de que nesta mansão tenebrosa se está dando qualquer maquinação secréta, que mais tarde ou mais cedo virêmos a destrinçar. Não quero enfadar-te com as minhas theorias, pois me pediste que te communicasse factos, tão sómente. Conversei demoradamente com sir Henry, esta manhan, e urdimos um plano de campanha baseado nas minhas observações da noite passada. Não me espriarei sobre o assunto, desde já, mas o meu proximo relatorio estou em dizer que não deixará de constituir leitura interessante.

Versão de MANOEL DE MACEDO

(*Continúa*)

CONAN DOYLE.





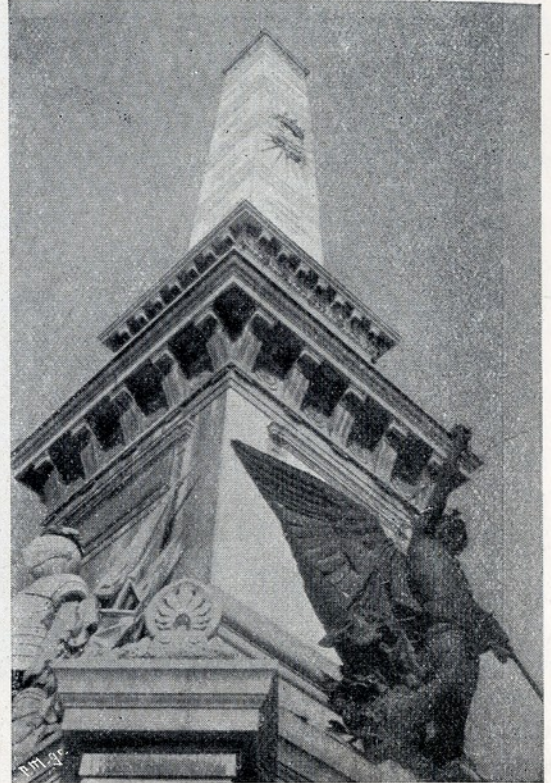
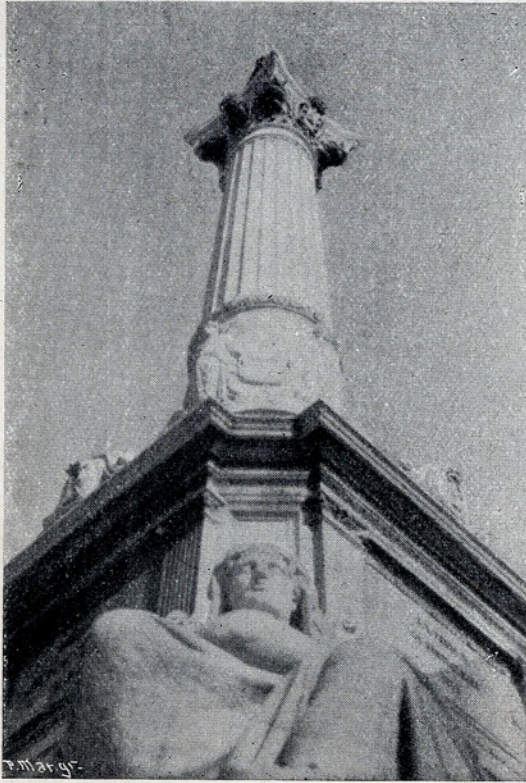
RATICES



BRIMOS nos *Serões* esta nova secção, para a qual contamos com a colaboração dos nossos leitores, photographos amadores ou profissionais. N'ella tem cabimento todas as exquisitices reproduzidas na machina photographica, quer ellas derivem da propria natureza ou constituição dos objectos a reproduzir, quer do aspecto sob o qual os encarou a objectiva. Como sabem, as aberrações dadas pela machina, o ponto de vista que se escolhe, a duração da exposição, as irregularidades da impressão, tudo isso produz ás vezes extravagancias e estabelece verdadeiros enigmas, pela difficuldade de perceber qual possa ser o original do cliché.

Exemplificamos estes factos pelas quatro photographias que publicamos hoje, devidas ao nosso collaborador J. Barcia. Muito de proposito não lhes appomos titulos para fazer scismar uns instantes os leitores antes de atinarem com a explicação, que é a seguinte: A 1.^a é a rua do Ouro, vista do viaducto do ascensor de Santa Justa; a 2.^a e a 3.^a são respectivamente o monumento do Rocio e o dos Restauradores, vistos de baixo para cima, e podendo avaliar-se a impressão, se collocarmos as photographias sobre a cabeça e levantarmos para ellas os olhos; a 4.^a, finalmente, é um dos altos predios da calçada de S. Francisco, observado da mesma forma.

Mas não são apenas ratices d'este genero que terão entrada n'esta secção.



Todos os phenomenos estranhos da natureza, todas as exquisitices da arte, todas as maravilhas da paciencia humana, poderão ter aqui cabimento. Deixamos a selecção á fantasia dos nossos leitores ou aos acasos que se lhes depararem. Se accederem ao convite que calorosamente lhes dirigimos, creiam que poderão tor-

nar esta secção interessantissima, como as analogas que temos visto em varios magazines estrangeiros.

E desde já agradecemos a amavel collaboração com que ousamos contar, pedindo-lhes que acompanhem a sua remessa de um texto explicativo, o qual será publicado junto da respectiva photographia.



Os Serões dos Bebês

Afilha da Terra e o Principe do Mar



NO tempo das fadas vivia, n'uma ilha muito para o norte da Terra, uma linda rapariga de deseseis annos chamada Muna. Era tão linda que todos os que olhavam para ella ficavam tomados de admiração.

— Tem uma filha encantadora! diziam á mãe d'ella. Não ha outra com certeza n'estas ilhas que se lhe possa comparar em formosura. Alguem da sua familia deve ter tido amores com uma fada marinha.

O pae de Muna era pescador e passava quasi todo o tempo no mar; a mãe cultivava o bocado de terra que cercava a choupana onde elles viviam, e Muna empregava-se em ir, com outras raparigas, apanhar á costa os mariscos que para a gente d'aquelles logares eram o principal ganha-pão.

Perto, nas ondas que batiam nos rochedos por onde Muna costumava andar, havia muitos tritões. Viram-n'a e ficaram extasiados perante a sua belleza.

Um dia, passando ella com as companheiras pela beiramar, aconteceu falarem em namoros. Cada rapariga elogiou muito o seu conversado, dizendo que nenhum outro rapaz do lugar pescava tanto peixe nem sabia manobrar tão bem com o seu bote por entre os baixios que são ali em abundancia.

— Pois eu cá, disse Muna, que, á força de ouvir dizer que era muito bonita, se fizera presumida e soberba, nunca hei de casar com um pescador. Se tenho a belleza de uma sereia, só quero para marido o filho de algum fidalgo ou pelo menos um principe do mar.

Ouviu-a uma sereia muito má, que estava perto, occulta debaixo de rochedo, em que Muna acabava de sentar-se, e puxou-a pelos pés, levando-a logo para o fundo do mar. As companheiras de Muna, correram a dizer á mãe d'ella o que tinha acontecido. A pobre mu-

UMA SEREIA MUITO MÁ PUCHOU-A PELOS PÉS, LEVANDO-A PARA O FUNDO DO MAR.

lher foi para a borda da agua e chamou pela filha em altas vozes, no proprio lugar onde a tinham visto desaparecer. Mas por mais que chamasse, não houve nenhuma resposta aos choros e gritos de desespero da desgraçada mãe. A noticia espalhou-se logo, por todas aquellas ilhas, mas não causou grande espanto.

— Muna, diziam, era descendente de uma sereia e foi levada por alguém da sua geração.

Apenas cahiu na agua, apanhou-a o rei dos tritões d'aquellas ilhas e arrastou-a para o seu palacio, que excedia em formosura e riqueza a todos que ha na terra. Apenas viu a rapariga, o filho do rei, que tambem era muito bonito, apaixonou-se por ella e pediu ao pae que os deixasse casar.

Mas o rei, apesar de ser já velho, queria Muna para sua mulher e logo respondeu que não consentia que o filho casasse com uma filha da Terra, e que no seu reino havia sereias muito bonitas que se julgariam felizes casando com o Principe do Mar, e ordenou por conseguinte que n'uma d'ellas recahisse a escolha.

Ficou triste como a noite o apaixonado principe e jurou a si mesmo que só casaria com a rapariga que elle amava, Muna, a formosa Filha da Terra.

O velho rei, ao ver que o filho ia esmorecendo de paixão e desespero, destinou-lhe para noiva um bella sereia, filha de um dos principaes fidalgos da sua côrte. As bodas foram muito concorridas. Para a igreja os noivos iam acompanhados por um grande cortejo de extraordinaria magnificencia. Parece que no fundo do mar tambem ha egrejas e até bispos, conforme contam navegantes que teem andado pelas mais remotas paragens.

Por ordem do rei, Muna, coitada, não sahiu do paço e ficou a preparar, na cozinha, o jantar do noivado. Nada, porém, lhe deram para fazer os petiscos, ou, por outra, só lhe deram panellas e cassarolas vasias, que eram grandes cascas de mariscos. E disseram-lhe que se o jantar não estivesse prompto quando os noivos voltassem da igreja, o rei a mandaria matar. Faça-se ideia das afflicções em que esteve a pobre rapariga!

Pois não estava menos afflicto o principe, que morria de amor por ella. Quando o cortejo nupcial ia para a igreja, disse de repente:

— Ai! Que deixei no meu quarto a alliança, que tenho de dar á noiva.



AS BODAS FORAM MUITO CONCORRIDAS. OS NOIVOS IAM ACOMPANHADOS POR UM CORTEJO DE EXTRAORDINARIA MAGNIFICENCIA.

— Dize onde está, que a mando buscar por um lacaio, acudiu o velho rei.

— Não, meu pae, é escusado. Só eu posso encontral-a, no lugar onde ficou. Vou e já volto.

E correu para o palacio, não consentindo que ninguem o acompanhasse. D'ali a instantes entrou na cozinha e viu Muna a chorar.

— Não chores, disse-lhe. O banquete ha de ficar prompto na occasião propria e todos o acharão excellente.

Correu para de ante da chaminé e disse estas palavras:

— Bom lume para a fornalha!

E reventaram logo as chammas, tão brilhantes como o sol.

Depois foi tocando nas cassarolas, panellas, espetos e frigideiras e dizendo ao mesmo tempo:

— Filetes de salmão, n'esta frigideira; linguados com molho de ostras, n'esta cassarola; pato bravo, n'este espeto; pescada cosida, n'esta panella; vinho do melhor, n'estas garrafas!

E as frigideiras, cassarolas, panellas, espetos, garrafas encheram-se por encanto com o que o principe acabava de dizer.

Muna, de bocca aberta, olhava para aquelle jantar improvisado n'um abrir e fechar de olhos.

O principe voltou para a egreja, onde um bispo do mar o casou com a sereia. Apenas chegaram todos ao palacio, o rei foi á cozinha perguntar a Muna se o jantar estava prompto.

— Está prompto e ás ordens de Vossa Magestade, respondeu ella, a sorrir.

Espantado com a resposta, o rei levantou as tampas das panellas e cassarolas, e tendo examinado toda a comida, disse com ar de descontente:

— Alguem com certeza te ajudou. Não julgues, porém, que já estás livre de difficuldades.



CORREU PARA DE ANTE DA CHAMINÉ E DISSE: «BOM LUME PARA A FORNALHA!»
E REVENTARAM LOGO AS CHAMAS.

Foi o jantar para a meza e todos o acharam muito bom. Quando acabou o festim, já era tarde. A' meia noite os noivos encaminharam-se para a camara nupcial, acompanhados de Muna, a quem o velho rei ordenou que lá ficasse, tendo na mão uma vella accessa. Quando a vella se apagasse, iriam buscar a rapariga, para a matar.

Muna, coitada, não teve mais remedio que obedecer. O rei ficou á escuta, n'uma sala proxima, e de vez em quando perguntava:

— A vella já te está queimando a mão ?

— Ainda não, real senhor, dizia Muna.

Foi repetida muitas vezes a pergunta.

Por fim, quando a vella estava quasi gasta, o principe disse para a sereia, com quem o tinham casado :

— Pega n'esta vella, enquanto Muna vae accender outra.

— A vella já te está queimando a mão ? perguntou o rei outra vez.

— Responde que sim, disse o principe á noiva, que nada sabia do que tinha passado entre o sogro e Muna.

Respondeu e o rei entrou de escantilhão no quarto e, sem olhar para quem

segurava na vella, cortou-lhe a cabeça. Abalou pela porta fóra, julgando ter-se vingado dos despresos de Muna.

Na manhã seguinte, ainda o sol não era nado e já o principe tinha ido pedir ao pae licença para se casar.

— Pois não te casaste ainda hontem ! disse-lhe o rei, muito admirado.

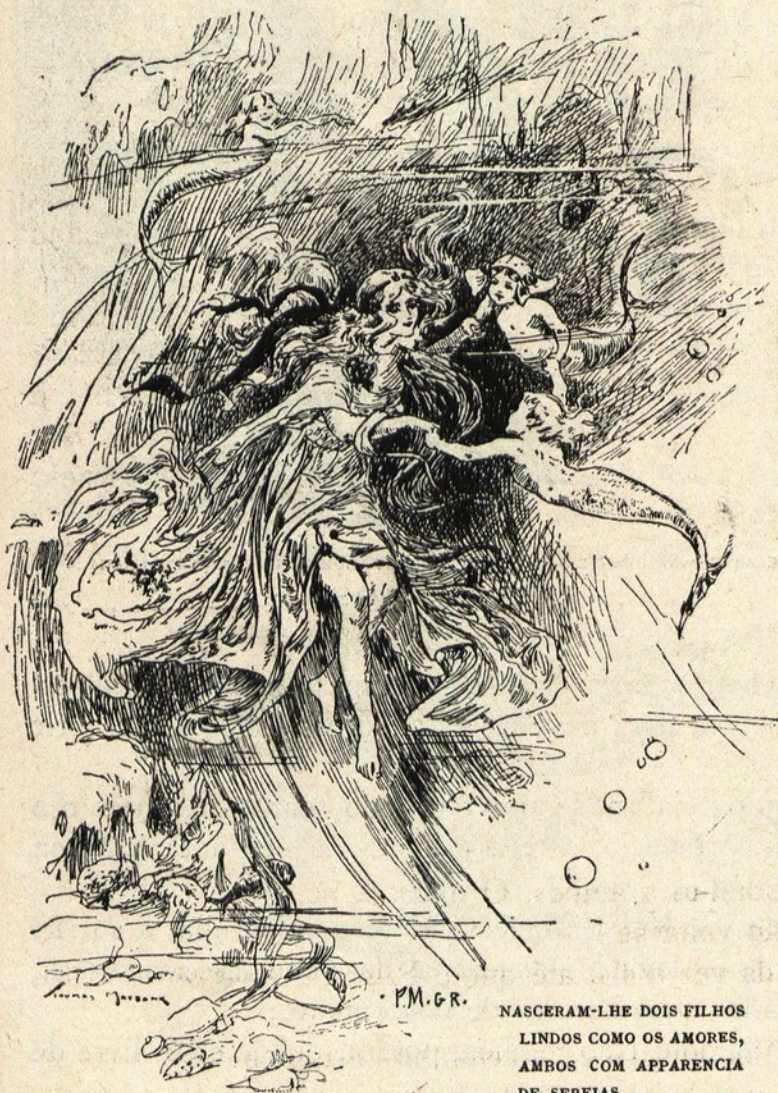
— Casei-me, sim senhor, mas a minha esposa já morreu. Foi o pae mesmo que a matou.

— Eu !

— Sim, meu senhor. Cortou a cabeça de quem estava ao pé da minha cama, hontem á noite, com uma vella na mão.

— Mas essa era a Filha da Terra.

— Engana-se. Era a sereia com quem eu acabava de casar, para cumprir as suas ordens. Se duvida, não tem mais que vir ao meu quarto examinar o corpo.



NASCERAM-LHE DOIS FILHOS
LINDOS COMO OS AMORES,
AMBOS COM APPARENCIA
DE SEREIAS.

O rei assim fez e conheceu o engano em que tinha cahido.

A principio ficou furioso, mas depois socegou um pouco, e perguntou ao filho que noiva escolhia.

— A Filha da Terra, disse elle immediatamente.

O velho rei foi se embora, sem responder.

Tempos depois cahiu em si, conheceu o mal que fazia sendo rival do filho e deu-lhe licença para o casamento, que se effectuou com grande pompa no dia seguinte.

Muna e o marido viveram muito felizes durante alguns annos, tendo-lhe nascido dois filhos, lindos como os amores, ambos com a apparencia das sereias, isto é, com o corpo terminado inferiormente em cauda de peixe.

O marido trazia-lhe não só os melhores peixes e mariscos, mas tambem perolas finissimas, bonitas plantas marinhas e conchas muito lindas.

Muna, apezar d'isto não podia deixar, uma vez por outra, de pensar no desgosto que a mãe e o pae ainda estariam soffrendo por terem ficado sem

ella, e sentia desejos de ir consolar-os a ambos. O marido, porém, não lhe dava licença, receioso de que ella não voltasse.

Muna foi entristecendo cada vez mais, até que o Principe do Mar lhe disse uma bella manhã:

— Alegra-te, meu amor. Vou ensinar-te o caminho para casa de teus paes. E logo surgiu ali mesmo uma bella ponte de crystal, que ia desde o fundo



«N'ESTA CAMINHA DORMI MUITOS ANNOS.»

do mar á costa. O marido de Muna acompanhou-a até á babugem da maré, mas ahi teve que parar, porque não podia andar em terra e disse-lhe adeus, pedindo com muita insistencia :

—Volta ao pôr do sol, minha adorada Muna. Encontrar-me-has aqui á tua espera. Promette-me que nenhum homem te beijará, pois de contrario aconte-nos desgraça.

Muna assim prometteu e desatou a correr para casa dos paes. Eram horas de almoço e toda a familia estava á meza. Olharam para ella com espanto e ninguem a conheceu. Se estava muito crescida, e vestida como uma rainha! Muna ficou tão desgostosa que desatou a chorar. Foi andando por todas as casas e tocando com a mão em tudo o que encontrou, dizendo ao mesmo tempo :

— N'esta cadeira me sentava eu, quando me aquecia á lareira ; n'esta caminha dormi muitos annos ; com esta colher de pau é que eu comia ; atraz d'aquella porta deve estar a vassoura com que eu varria a casa ; aqui tem o balde em que eu tirava a agua do poço.

Foi então que o pae e a mãe a conheceram, e ambos, a chorar de alegria, tomaram-n'a nos braços e beijaram-n'a. Sentaram-se depois á meza e a mãe perguntou-lhe onde tinha estado, ao que ella não soube responder. O marido bem lhe tinha pedido que se não deixasse beijar por nenhum homem, porém Muna, commovida como estivera pouco antes, esqueceu-se da recommendação, deixou que o pae a beijasse e perdeu a lembrança do seu casamento com o Principe do Mar e do tempo que tinha vivido no seio das ondas. Olhou para o vestido ornado de lindas perolas, e não foi capaz de recordar-se de quem lh'o tinha dado.

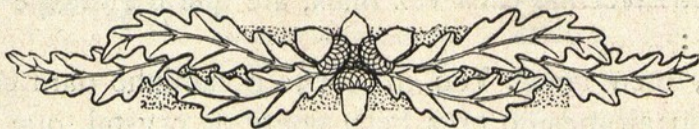
Ficou em casa dos paes, e, com o andar do tempo alguns pescadores ainda moços principiaram a requestal-a.

Desenganou a todos, dizendo que não queria casar. Tinha saudades, mas não sabia do que era.

Mesmo quando fazia muito mau tempo ia para a beira mar, e ficava horas esquecidas a olhar para as ondas. A's vezes emquanto estava deitada, ouvia suspiros e gemidos lá fora, por baixo da janella, mas parecia-lhe que era o suspirar do vento ou o gemer das vagas. Por fim, n'uma noite de luar, muito serena, sentiu alguem dizer, n'uma voz que lhe trespassava de magua o coração :

— Muna! Minha querida Muna! Assim te esqueceste de teu marido, do Principe do Mar, que te ama tanto e que te salvou da morte? Prometteste-me voltar ao pôr do sol, e ha muito que espero por ti e que me fazes penar. Muna, tem dó de teu marido e de teus filhos! Volta quanto antes, meu amor!

Foi então que ella recuperou a memoria. Levantou-se muito depressa da cama, correu para a porta e avistou o marido. D'ahi a instantes cahia-lhe nos braços e foi levada para o lindo palacio debaixo do mar, d'onde nunca mais voltou.





Q Quarto Concurso Dos "Herões" photographico

PROGRAMMA DO QUINTO

Pela qualidade, senão pela quantidade dos trabalhos apresentados, este nosso concurso excedeu indubitavelmente os anteriores, e faz honra aos concorrentes, a quem dirigimos calorosas felicitações. Tão prospero exito teve, que, pezarosos de não multiplicarmos os premios, não quizeamos deixar de desdobrar o 3.º, pelo menos, para accudir ás hesitações que no espirito do jury se estabeleceram sobre o valor dos trabalhos, sobre os quaes esse premio incidiu.

Algumas photographias teve o jury ainda de pôr de parte por não corresponderem exactamente ás clausulas do concurso, que exigiam uma paizagem de character accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado, comquanto o seu valor artistico ou technico as recommendasse.

É exactamente o accrescimento na importancia artistica das provas enviadas que caracteriza com grande felicidade este concurso, e lisonjeamo-nos por termos promovido esta evolução de gosto entre os photographos amadores, movimento que, estamos certos, se ha de accentuar de futuro, com grande vantagem dos progressos da photographia no nosso paiz.

Eis os resultados do quarto concurso:

- 1.º Premio** — *Sr. João Pereira da Cunha e Costa Junior, Mafra, pelas 3 paizagens: Um trecho da Tapada de Mafra (que reproduzimos no frontispicio), Efeito de Luar (que aproveitamos para a nossa capa), e Azenha do Paço.*
 - 2.º Premio** — *Sr. Antonio Maria Lopes, Ilhavo, pelas 2 paizagens: Uma azenha na Ermida e Atravessando o rio.*
 - 3.ºs Premios** — *Sr. Antonio Pinheiro de Azevedo Leite, Guiães, pela paizagem: Vista de Castello de Paiva, e Sr. Manuel Gomes Pinto, Porto, pelas 2 paizagens: Passagem do Souza nos Arieiros e Aspectos de Paredes.*
- Menções honrosas** — *Srs. Antonio Rosa da Silveira, Lisboa (4 paizagens), Manuel Gomes Pinto, Porto (1 paizagem), Pedro Lima, Lisboa (2 paizagens), Victorino Cardoso, Porto (1 paizagem).*

Abrimos desde já o nosso quinto concurso, cuja ideia nos foi suggerida pelo aproveitamento de uma das paizagens premiadas para a nossa capa.

É para este effeito que nós convidamos os nossos amaveis collaboradores photographicos a auxiliar-nos, abrindo o concurso para uma photographia, de assumpto ad libitum, mas que se possa prestar, pela significação allegorica, patriotica ou artistica, ou ainda pelo pittoresco.

Cabem n'este programma assumptos de toda a ordem: figuras por inteiro ou em busto grupos, monumentos, paizagens, etc., com tanto que se prestem ao fim determinado.

Á imaginação dos concorrentes deixamos a realisação d'esta ideia.

1.º PREMIO



UM TRECHO DA TAPADA DE MAFRA

Photographia de João Pereira da Cunha e Costa Junior — Mafra

2.º PREMIO



ATRAVESSANDO O RIO



UMA AZENHA NA ERMIDA

Photografias de Antonio Maria Lopes — Ilharo

3.º PREMIOS



PASSAGEM DO «SOUZA» — Photographia de Manoel Gomes Pinto — Porto



VISTA GERAL DO CASTELLO DE PAIVA — Photographia de Antonio Pinheiro de Azevedo Leite — Guiães



Grandes topicos

As eleições em Hespanha **C**omo estava anunciado, realizaram-se no dia 21 de abril as eleições de deputados em Hespanha. Anunciara-se também que, dadas as circunstancias em que ia realizar-se, esse acto decorreria no meio de forte agitação e seria assignalado por graves incidentes. Assim succedeu, de facto. Maura subira ao poder, disposto a entrar a todo o custo o movimento libertador iniciado pelos ultimos ministerios liberaes, e, por isso, os partidos avançados preparavam-se para se defenderem, na urna, com unhas e dentes. Por outro lado, os republicanos dissidentes, capitaneados por Lerroux, declaravam que, fosse como fosse, haviam de triumphar da Solidariedade catalã, concentração dos partidos republicano, separatista e carlista, unidos exclusivamente para a defeza da Catalunha ameaçada pela lei das jurisdicções.

Da acção do governo no acto eleitoral falaram bem alto os jornaes de todos os partidos, mesmo o conservador, verberando-a energicamente por se manifestar corrupta e violenta, o que deu origem

a que houvesse numerosos tumultos e corresse muito sangue. Quanto aos lerrouxistas, a sua obra ficou assignalada por um crime: o assalto, a tiro, á carruagem de Salmeron, em Barcelona, que o acaso quiz

rosas maiorias que tem havido no Congresso, mas o que é certo também é que dos 47 candidatos da Solidariedade triumpharam 43, e esses constituem, no dizer das mais auctorizadas opiniões, uma força

collossal a que o governo difficilmente poderá resistir. Por outro lado, os republicanos que Maura contava esmagar, veem a sua representação no Congresso augmentada de seis membros, ao passo que dos anti-solidarios nem um saiu eleito.

Da simples exposição dos factos parece deprehender-se que a Hespanha está disposta a ir para a frente, no caminho do Progresso, quaesquer que sejam as péas que queiram oppôr-se á sua marcha.



CARGA PESADA — AS POTENCIAS NA CONFERENCIA DA HAIJA ALLEMANHA — *Vejo que vens muito bem armado, John Bull.*

JOHN BULL — *Venho, sim, e assim veem todos; mas custa como a breca carregar com esta historia toda. Não seria melhor que nós nos alliviassemos de alguma carga?*

CÔRO — *Quem nos dera! Assim nós poderemos!*

Da «Westminster Gazette»

não tivesse consequencias mais desastrosas do que ficar gravemente ferido um companheiro do chefe republicano, como elle candidato por aquella cidade.

De nada, porém, valeram taes processos de lucta. O governo conta, é certo, com uma das mais nume-

coloniaes europeus foi a de que o rei Leopoldo anda negociando a cedencia do Congo á França.

Em virtude do tratado de Berlim, o Estado Livre pertence a Leopoldo II, devendo, por morte d'este, passar para a posse da Belgica. O soberano, porém, fez apre-

Cedencia do Congo á França? **U**MA noticia que ultimamente causou sensação nos centros

sentar ha tempos ao parlamento belga um projecto de lei pelo qual elle cede desde já ao seu paiz o estado africano. Surgiu, todavia, uma difficuldade, porque o soberano queria que a Belgica respeitasse os contractos e negociações envolvendo o Congo feitas entre elle e diversas sociedades, e, além d'isso, conservar a direcção da administração da colonia. Mas a opinião publica manifestouse hostile a esses propositos, e então o rei preferiu fazer a cedencia do Estado Livre á França, antes do que transigir em qualquer das condições impostas á Belgica. Para isso anda já em activas negociações.

Eis os termos precisos da informação publicada pelos jornaes belgas e francezes, e á qual nenhum desmentido official foi feito até á data em que escrevemos.

A queda do governo belga

UMA grave crise politica surgiu na Belgica em meados do mez de abril com a queda do gabinete Smet de Naeyer. Este, que estava no poder desde 1889, tinha creado grandes antipathias, até mesmo no partido catholico a que se apoiava, em virtude da attitude que tomara nas diversas importantissimas questões que ultimamente haviam sido postas. Foi primeiro a da lingua flamenga que os deputados «flamingants» querem que seja obrigatoria no ensino secundario; depois a dos fortes de Antuerpia, que já o anno passado ia causando a queda do gabinete; a seguir, a supressão dos direitos de licença aos vendedores de bebidas espirituosas, que constituem na Belgica] uma verdadeira potencia e que exigem absolutamente essa supressão, combatida pelo governo; e, por ultimo, a questão do Congo. E' a mais grave. Leopoldo II, como se sabe, considera-se quasi como senhor absoluto do Estado Livre, restringindo o mais que pode a interferencia do parlamento na



O REI EDUARDO E A ENTENTE CORDIALE

KAISER — *Este meu tio Eduardo, quanto mais velho mais gaiteiro.*

BULOW — *Não tenha V. M. receio. As paixões serodias são sempre pacificas.*

Do «Pasquino»



O CARRO DO ESTADO NA HESPANHA

MAURA — *E' preciso concertar esta roda, seja como fór, aliás o carro não pode seguir. (A roda é o partido liberal).*

De «La Campana de Gracia»



A INCOMMODA SITUAÇÃO DE MR. BRIAND

FRANÇA — *Nós arriámo-lo, mas se o pódessemos arrumar para outro sitio, não era nada mau.*

Do «Kladderadtsch»

administração congoleza; d'ahi um conflicto permanente entre a corôa e o poder legislativo.

Mas apesar de ser esta a questão mais importante da politica belga, foi uma outra que determinou a queda do gabinete. Este apresentara ao parlamento um projecto de lei sobre o trabalho nas minas, projecto que ha muito tempo estava em discussão. Em 12 de abril, apesar da opposição do governo, a camara aprovou uma emenda proposta pelo deputado Beernaert, da direita moderada, fixando o dia de trabalho em oito horas e, seguidamente, votou a lei no seu conjuncto. O governo, posto assim em cheque, deu a sua demissão. Pois dias depois o jornal official publicava um decreto declarando a nova lei sem effeito!

Este facto, como é natural causou profunda sensação em toda a Belgica e, afóra o partido catholico orthodoxo, todos os outros se lançaram n'uma violenta campanha contra os processos governativos e até mesmo contra o rei, a quem elles não perdoam que mantenha no poder aquelle partido desde 1884. Entretanto, Leopoldo II procurava resolver a crise, formando um ministerio dentro ainda da situação, mas até á data, e já são passados vinte dias, todos os seus melhores esforços teem resultado inuteis.

Rapallo, Cartagena e Gaeta

A'HORA a que escrevemos a politica europea acaba de sair de uma crise de nervosismo muito semelhante á que determinou a conferencia de Algeciras. E, como a outra, foi a Alemanha que a provocou.

E' bem conhecida a rivalidade que existe entre o imperio germanico e a Inglaterra. Essa rivalidade, que tem successivamente augmentado, á medida que a Gran Bretanha reforça as suas esquadras e a

Allemanha desenvolve o seu commercio, devia fatalmente — todos o previam, — originar uma situação embaraçosa para os dois paizes e, consequentemente, para a Europa.

Foi o que succedeu. N'um discurso pronunciado ha tempo, *sir* Henry Campbell Bannermann, primeiro ministro inglez, havia declarado que a Inglaterra tomaria na Conferencia de Haya a iniciativa de uma proposta para a limitação dos preparativos de guerra. A Allema-



JOHN BULL? — O' primo Guilherme, não era melhor que nós gastassemos o nosso dinheirinho em cousas mais uteis que estes petrechos?

Do «Morning Leader»

ali teve uma entrevista com o rei de Hespanha, que lá fôra expressamente para isso. Da conferencia dos dois monarchas — disseram claramente, commentando-a, os jornaes inglezes, hespanhoes e francezes — resultou uma aproximação dos trez paizes, percursora de uma provavel entente...

Entretanto, o rei Eduardo continuava o seu cruzeiro... Sem detenções, marchou directamente para Gaeta, onde um outro soberano o esperava: o de Italia. Victor Manuel tinha a seu lado o ministro Tittoni; Eduardo viu um representante da chancellaria do seu paiz. O que se passou entre os quatro personagens? A attitudo jubilosa da imprensa dos dois paizes nol-o revela: saiu de novo a adhesão da Italia á proposta da Inglaterra. Para o confirmar, ali está a imprensa allemã que, após a entrevista de Gaeta, começou a dirigir remoques á Italia e refinou de tal sorte nas suas ag-

gressões á Inglaterra que a chancellaria de Berlim teve necessidade de declarar em nota officiosa ser absolutamente estranha a ellas. Foi essa nota que acalmou um pouco as paixões profundamente sobreexcitadas nos dois paizes. Sem ella, quem sabe até onde o conflicto iria?

A tranquillidade voltou, felizmente; mas dados os precedentes, não será licito perguntar — por quanto tempo?



E Dernburg foi então espreitar a Terra Promettida que se chama Africa, e mandou mensageiros, e elles voltaram ao cabo de quarenta dias. E tinham achado uma lata de geleia, e a lata estava vazia. Então disse Dernburg: «E' boa a terra que nos foi dada.»

Do «Simplicissimus»

A tal pergunta só se pode dar uma resposta tranquillizadora, acceitando-se o paradoxo, aliás justificado, de que os enormes prepara-

ativos bellicos das grandes potencias affastam a eventualidade de guerra proxima. Com effeito, os armamentos progridem em larga escala, muito especialmente os que dizem respeito á guerra naval, e o terror mutuo é, porventura, sufficiente garantia de paz.



DERNBURG O AFRICANO

Herr Dernburg, o Director colonial da Allemanha, deve embarcar em Lisboa na sua digressão pelas colonias allemãs. Na Africa Oriental allemã juntar-se-lhe-ha um grupo de peritos industriaes, que acompanharão Herr Dernburg na sua viagem de inspecção.

Do «Der Wahre Jacob»

na sobressaltou-se; e como a Italia promettesse apoiar a proposta, desde logo se combinou a entrevista de Rapallo, onde o chanceller levou o ministro dos estrangeiros italia-

no a voltar com a palavra atraz. Mas, uma vez conhecido esse facto, eis que o rei Eduardo se mette a caminho para uma excursão de recreio pelo Mediterraneo. Para principiar o soberano inglez achou conveniente deter-se em Cartagena, e



O PAPÃO DAS NAÇÕES

CÔRO DAS NAÇÕES — Elle estará a olhar para mim?

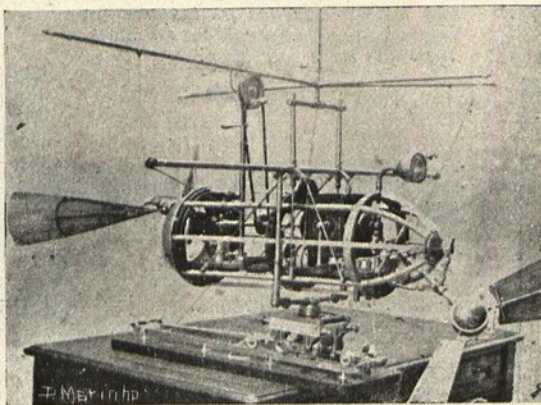
Do «Minneapolis Journal»

Vida na sciencia e na industria

Aeroplano ultra-moderno **I**NVENTOU-O M. Edzio Tani, o qual actualmente completa o modelo, que reproduzimos no Brooklands Automobile Racing Club. Espera o inventor que elle se elevará pelo principio que dirige a ascensão dos papagaios de papel ou panno. Os planos de suporte serão fixados sobre o motor de metal. Poucos mais pormenores se podem por enquanto dar sobre o invento, além dos que se deprehendem da gravura.

Para proteger Gibraltar **P**ARA fechar o porto de Gibraltar em caso de guerra, idearam os inglezes uma especie de comporta, a qual consiste em uma serie de pesadas jangadas, que, atravessadas á entrada do porto e presas aos lados, formam uma barreira efficaz tanto acima como abaixo do nivel do mar, visto que as redes contra torpedos pendem de vigas salientes até quasi ao fundo. A comporta está sempre prompta, e pode ser collocada no seu lugar dentro de uma hora. Cada uma das jangadas tem um guindaste que serve para as fechar umas sobre as outras, quando não são necessarias.

O edificio mais alto do mundo **A**INDA ha pouco, o edificio em construção de Singer, em New-York, com 41 andares, gosava da honra indicada



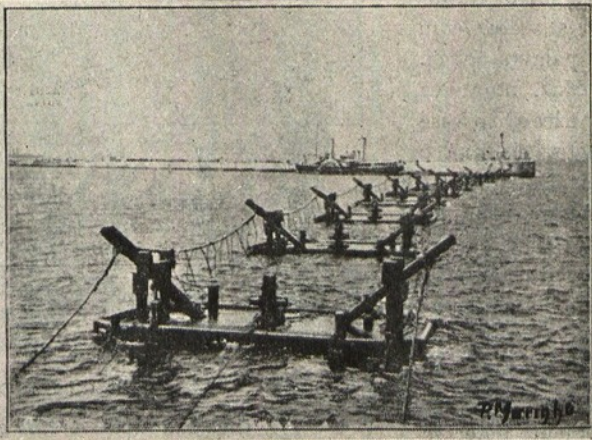
MODELO DO AEROPLANO TANI

no titulo. Perde porém esse record pela construção da nova torre que se vae annexar ao edificio da «Metropolitan Life». Essa torre attingirá a altura de 217 metros acima do nivel da rua, terá 48 andares, e augmentará ao edificio uma superficie de chão de cerca de 120:000 metros quadrados. Instalar-se-hão na torre seis ascensores, quatro dos quaes terminarão no 40.º andar e os restantes no 42.º. Os doze andares inferiores serão servidos pelos ascensores já installados no edificio principal. Não tardará que um com-

petidor surja com um projecto de 60 andares, e depois outro com 100, e a seguir 160 ou 1:000. Não haverá termo a isto até que o peso esmague a armadura de aço, ou até que, attingidos os limites da atmosphaera terrestre, se tornem impossiveis os processos de edificação.

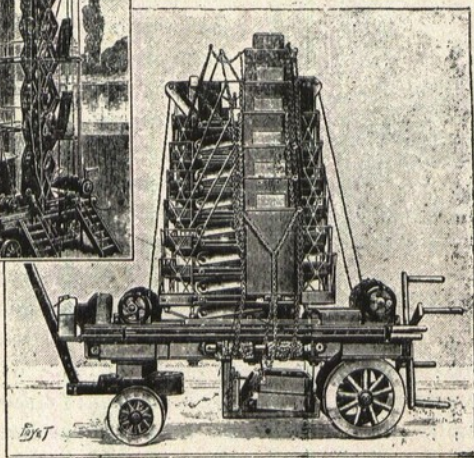
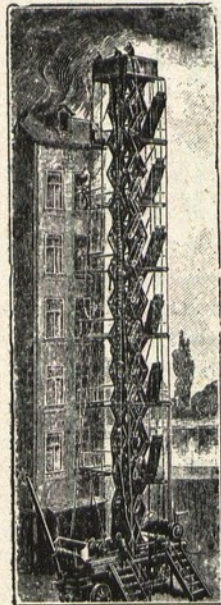
O maior cruzador do mundo **A** 16 de março foi lançado á agua dos estaleiros da Fairfield Company, em Govan, o maior cruzador do mundo, que recebeu o nome de *Indomitable*. Foi construido com o maximo segredo, mas sabe-se que elle reúne os resultados das experiencias e melhoramentos

mais modernos. Excederá em poder offensivo e em velocidade qualquer outro cruzador existente. Tem dois irmãos gêmeos em construção, o *Invincible* em Elswick e o *Inflexible* no Clyde. As turbinas dos tres serão eguaes, podendo transferir-se de uns para outros. Foi em março do anno passado que se bateu a cavilha mestra do *Indomitable*. Tem 17:250 toneladas de deslocamento, as machinas devem desenvolver uma força de 41:000 cavallos, dando a velocidade de 25 milhas, e o seu custo anda proximamente por



A BARRAGEM DO PORTO DE GIBRALTA R

1.744:000 libras. Tem de comprimento 175 metros e de boca 26 metros. Embora ostensivamente cruzador, a sua classificação naval não está ainda definitivamente determinada, mas é certo que poderá medirse vantajosamente com um couraçado poderoso.



ESCADA DE INCENDIOS LAMPÉ

Escadas de incendio **P**ELos inconvenientes obvios da obliquidade das escadas usadas habitualmente para este effeito, trata-se de inventar escadas absolutamente verticaes, applicando a ideia das *water towers*, plataformas usadas na America, d'onde os bombeiros podem dominar á vontade os incendios.

Um dos apparatus inventados n'este sentido é a escada Holm, de New York. Dobra-se, occupando um espaço exíguo sobre um carró automovel, ao qual tambem se podem adaptar cavallos. Cada um dos pares de rodas tem o seu motor particular. Um terceiro motor, a meio, desdobra ou encolhe a escada. Estende-se á feição de um acordeon ou dos conhecidos brinquedos de creança. No cimo ha uma plataforma, d'onde duas pontes se alongam para o predio incendiado. No meio da plataforma ha uma boca de incendio, aonde a agua pode chegar

comprimida por uma bomba especial installada no carro.

Outro apparatus existe, inventado por um allemão, Wilhelm Lampé. O systema de desdobramento funda-se nos mesmos principios, se bem que a torre diffira. O carro não é automovel. Dobrado, o apparatus occupa mais espaço que a escada Holm, mas é mais completo. Duas escadas extensiveis conservam a plataforma superior em communicação constante com o solo. Ás alturas dos andares ha umas pontes que se estendem á vontade para o predio, pondo em relação as janellas com plataformas intermedias.

Insecto **U**MA vespa, que fura a *Sirex Gigas*, reconheceu-se que tinha furado uma folha de chumbo de mais de 3mm de diametro. Esse chumbo, destinado a assalhar officinas de fabrico de acido sulfurico, fora collocado provisoriamente no chão de madeira

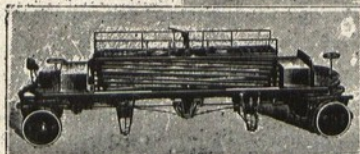
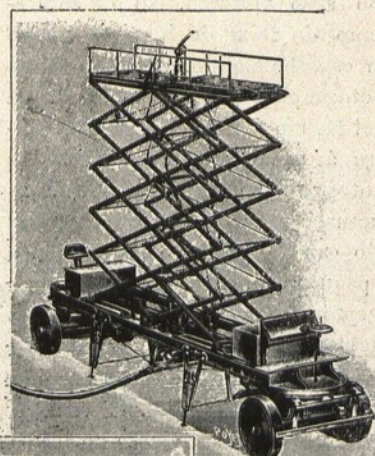
supportado por vigas tambem de madeira. O insecto sahiu de uma d'essas vigas, onde fizera a sua evolução, e, para chegar ao ar livre, quiz vencer todos os obstaculos que se lhe oppunham. Não lhe custou muito atravessar o sobrado, e depois atacou o chumbo. Não acabara esse trabalho quando se levantaram as folhas metallicas, e verificou-se que, em 48 horas, a perfuração já estava bastante adeantada.

Hydroplano do conde Lambert **E**STE apparatus, que acaba de ser lançado á agua em Billancourt, perto de Paris, pode revolucionar o automobilismo e a navegação. Devido ao engenho do conde Lambert, compõe-se de um *chassis* montado em planos horisontaes. O

methodo de propulsão é uma helice aerea actuada por um motor Antoinette de 70 cavallos de força. A vantagem d'este hydroplano é ser o calado de agua quasi nullo em consequencia de não haver quilha e como a helice é aerea pode navegar em muito pouco agua.

A construção naval no mundo **E**M uma importante revista ingleza encontramos interessantes dados estatisticos sobre a construção naval no anno de 1906. Eis a lista dos navios construidos n'esse periodo em todo o mundo, com as respectivas toneladas, incluindo navios de guerra:

	Navios	Toneladas
Grã-Bretanha...	1:421	2.002:570
Estados Unidos..	207	464:671
Allemanha.....	361	360:980
Hollanda.....	222	116:192
Japão.....	137	96:132
França.....	84	83:348
Noruega.....	76	56:023
Italia.....	55	37:854
Russia.....	11	25:868
Dinamarca.....	16	24:225
Austria Hungria.	42	19:738
Suecia.....	21	14:697
Hespanha.....	3	9:139
Belgica.....	18	6:991
China.....	9	4:596
Total.....	2:683	3.323:024



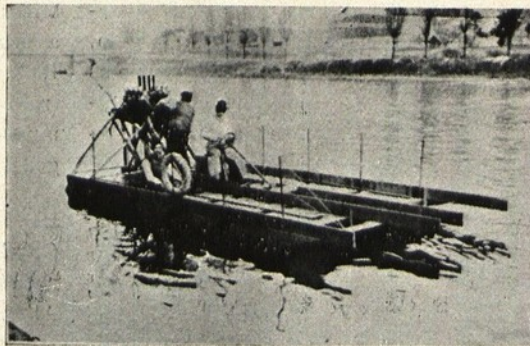
ESCADA DE INCENDIOS HOLM

Por aqui se vê: 1.º que a Grã-Bretanha contribue, só por si, com quasi 53 por cento dos navios e mais de 60 por cento da tonelagem; 2.º que ha paizes pequenos, como a Hollanda e a Noruega, collocados nos primeiros graus da escala; 3.º que o Japão, paiz recentemente entrado no movimento da civilização occidental, occupa o 5.º lugar, deixando ficar atraz de si potencias como a França, a Italia, a Russia e a Austria; 4.º que o nome de Portugal nem sequer é lembrado n'este catalogo.

A' benemerita Liga Naval recommendamos sobretudo a meditação d'este ultimo ponto.

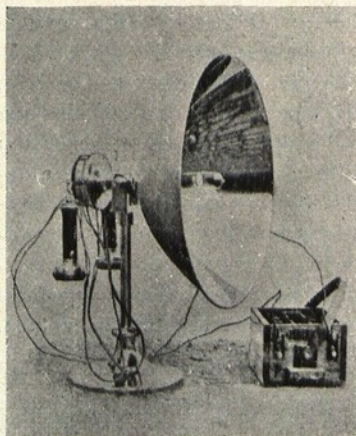
Telephonia pela luz **E** possível hoje expedir um despacho de um ponto para o outro por meio de um feixe de luz, reproduzindo no extremo do feixe os tons da voz falada no outro extremo. Teem-se feito numerosas experiencias, e descobriu-se que era possível combinar um microphone com poderoso projector electrico, de forma que a corrente que o actua esteja sujeita a pequenas fluctuações. E' como se uma serie de ondulações fossem expedidas ao longo da faixa continua de ondas luminosas pelo poderoso arco voltaico. No outro extremo do feixe de luz está fixado um espelho polido, como se vê na photographia junta, no centro do qual ha um cellula de selenio, analoga á usada na transmissão das photographias, systema Korn. As fluctuações da luz são concentradas pelo espelho concavo na cellula, e o pequeno diaphragma, ligado ao receptor, é operado pelas correntes fluctuantes, e os sons chegam aos ouvidos exactamente como succede no telephone ordinario. E' exactamente como se se falasse ao longo do feixe de luz projectada da torre de um farol, e a voz se ouvisse no outro extremo do feixe, á distancia aproximada de dez milhas. Se o systema se tornar pratico, será de extrema utilidade para a navegação.

A causa de appendicite **E**M 1901 Metchnikoff notou que um exame microscopico de um caso de appendicite revelava a presença de ovos de ascaris e de trichuris. Metchnikoff sustentou que os nematodes eram a causa de muitos casos d'esta doença, e explicou o papel dos parasitas como, em primeiro lugar, uma acção directa mechanica ou chimica sobre o appendice, e em segundo lugar,



HYDROPLANO DO CONDE LAMBERT

uma acção indirecta pela introdução de microbios na musora intestinal. Os doutores Loeb e Smith mostraram ultimamente que o verme de gancho (*hook-worm*) segrega nas glandulas da região anterior



RECEPTOR DO SOM TRANSMITIDO PELA LUZ

do corpo uma substancia que tem uma excessiva efficacia para deter a coagulação do sangue. Isto é antagonico da reacção normal da mucosa. Por consequencia, os pontos em os parasitas se agarraram á membrana tomam-se sedes de hemorragias continuas, e n'um caso de uma

infecção numerosa pela especie ha myriades de pequeninas hemorragias que descarregam constantemente sangue na cavidade do canal.

Habitantes de cavernas

MR. Hans Vischer, residente inglez em Kuka, no Lago Tchad, fez uma descoberta interessantissima no decurso de uma perigosa exploração que anda fazendo no deserto de Sahara. Na região em volta dos montes Gharianos, encontrou uma colonia de habitantes de cavernas. Essas creaturas fazem no solo uma excavação enorme e profunda, a qual forma uma especie de quadrilatero ou vestibulo, que se attinge por meio de entradas estreitas de uns 10 metros de comprimento por 1 de largo. Todos os aposentos dos moradores abrem sobre este vestibulo, e são excavados na terra por todos os lados,

providendo a iluminação d'esses aposentos de abertura que abre sobre o quadrilatero.

Os quartos são muito escuros.

Para proteger as moradas, ha um muro que cerca esse vestibulo.

O que caracteriza essa extranha comunidade é o aceio que domina por toda a parte. Em contraste curioso com essas aldeias subterraneas, observam-se por toda a parte restos de habitações romanas e vestigios da sua occupação espalhadas por entre as habitações primitivas dos indigenas.

Madeira á prova de fogo

TODA a madeira que se deve usar na Exposição Maritima Internacional de Bordeus será provavelmente tratada com uma solução de sulfato de ammonio e outras drogas que tornam a madeira incombustivel. N'uma recente experiencia, deitou-se fogo a uma enorme pilha de aparas de madeira, ceruma de pinheiro e lenha, e atiraram-se para a fogueira aparas e toros de madeira impregnados n'este ignifugo. Quando a fogueira se apa-

gou, viu-se que tanto estas aparas como os toros impregnados estavam simplesmente ennegrecidos, e não produziã chammas.

O papel e a fibra de algodão, tratados com a mesma solução, quando se expunham ás chammas, eram consumidos lentamente sem se esbrazearem.

Os olhos do escaravelho **O** sabio entomologista allemão Leine mann abriu discussão sobre um pormenor pouco ventilado: o numero de facetas nos olhos dos insectos. Teve a pachorra de contar as facetas nos olhos de 150 especies de escaraveiros, e descobriu que quanto maior é o especimen, mais numerosas são as facetas, e que ordinariamente pouca differença existe entre os sexos. Em muitos casos comtudo, o macho tem mais facetas do que a femea. Alguns escaraveiros chegam a ter 5:000. Nas especies nocturnas não ha geralmente redução.

Para evitar explosões nas minas **M**r. Hardy inventou um engenhoso aparelho para denunciar a existencia de gazes explosivos nas minas. E' uma applicação do microphone,

instrumento que torna audiveis os sons mais subtis. Fazem-se sair simultaneamente duas gaitas, uma na mina e outra acima da superficie do solo, e as ondas sonoras ferem microphones ligados em serie com um telephone. Se ambos os instrumentos estão n'um ambiente puro, ouve-se no telephone uma nota limpida, se pelo contrario elles estão n'um ar de densidade differente, ouvem-se trepidações, as quaes dão aviso de existencia de gazes nocivos na mina.

Falcões correios **P**ARECE que ha mais vantagem em empregar, em logar dos pombos, os falcões como correios.

Um pombo só pode fazer n'uma hora dez a doze leguas, enquanto um falcão pode fazer quinze.

Além d'isso um falcão pode levar uma carta. Uma outra vantagem do falcão é viver muito mais alto que o pombo, e só uma boa pontaria poderá alcançal-o; e sendo elle proprio uma ave de rapina, ha pouco perigo que se mettam com ella os outros passaros.

Recentemente deitaram um falcão a voar de Andaluzia a Teneriffe; gastou no caminho, só 16 horas.

Um animal que desaparece **E**STÁ a pique de extinguir-se um dos maiores mamiferos da Africa do Sul, a raça typica da zebra de Burchell, chamada pelos boers bontequagga. E' caracterisada pela completa ausencia de riscas nas pernas e na parte inferior dos quartos trazeiros, ao passo que entre as riscas escuras do corpo existem uma riscas assombreadas de cór muito mais clara. O especimen que havia no Museu Britanico foi destruido quando pouca attenção se dava ainda ao valor inestimavel dos typos, e hoje não existe exemplar d'esta raça nas colleções inglezas.

INDISCUTIVEL é o valor de um medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia, etc.*, mas os meios de ministrá-la nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos, preparados pela pharmacia Swann, de Paris.

Vida na arte

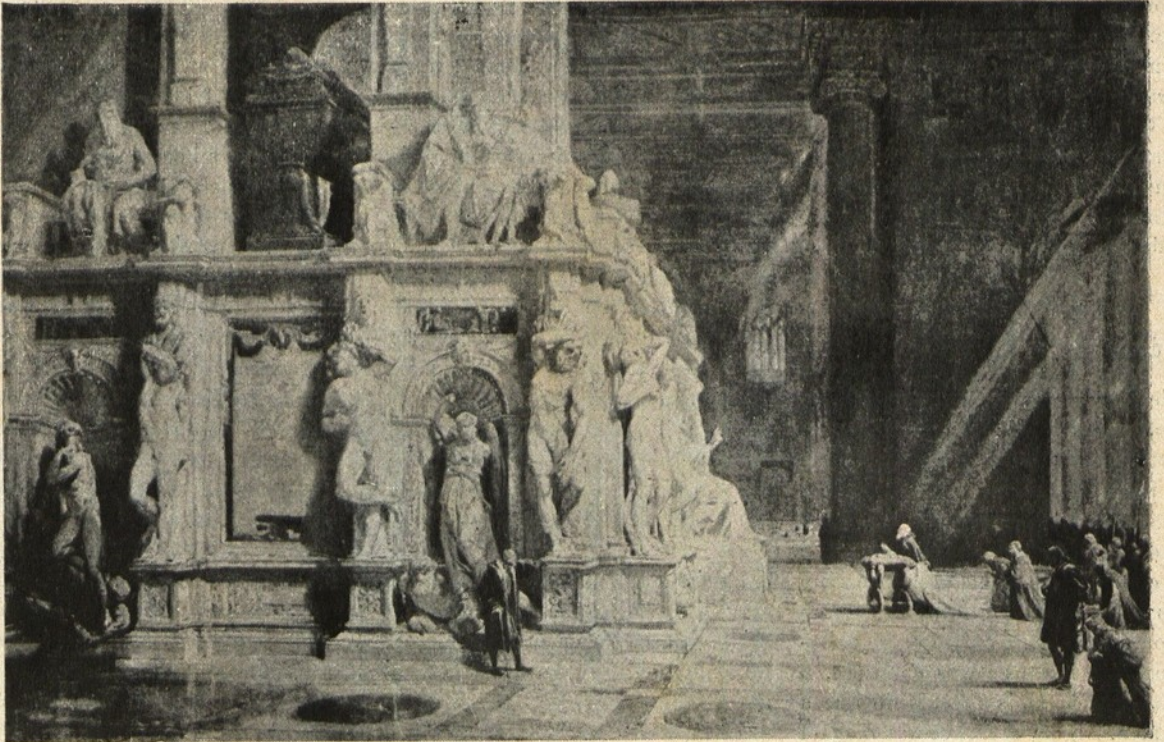
Estatuas de Miguel Angelo **O** rei de Italia presenteou a Galeria de Arte antiga e moderna de Florença com as estatuas de Miguel Angelo que ha muito se conservavam desprezadas nos jardins Boboli, e que o gottejar da gruta havia incrustado. Cré-se que as estatuas são as que o esculptor destinava ao tumulo do papa Julio II. O monumento ainda está por acabar em S. Pedro, por ter sido a obra interrompida pela desavença entre Miguel Angelo e o Papa, a fuga do artista, e a sua preocupação subsequente com

a decoração da Santa Capella. A authenticidade da obra é corroborada pelos *Prisioneiros* que se encontram no Louvre.

A prova documental das intenções do esculptor existe n'um desenho de Sangallo, que se encontra na galeria degli Uffizi. A nossa gravura apresenta as estatuas agora por assim dizer resuscitadas, nos pontos que deviam occupar no tumulo papal, segundo a restauração feita pelo esculptor italiano Ludovico Fogliaghi.

Assim se vê completo o monumento, como o artista o projectou.

Os templos de Philae no Egypto **O** novo projecto do governo egypcio, de levantar uns 7 a 8 metros a barragem do Nilo em Assuan, afim de augmentar a superficie de terra cultivavel, ameaça engulir os famosos templos de Philae. Quando o dique está cheio, o chão dos templos fica já debaixo de agua; mas, quando se fez o dique, julgou-se que as preciosas reliquias ficavam a salvo. Mas pelo novo projecto o nivel das aguas do Nilo ficará quasi 9 metros acima do nivel do vestibulo. Os edificios serão reforçados e far-se-ha

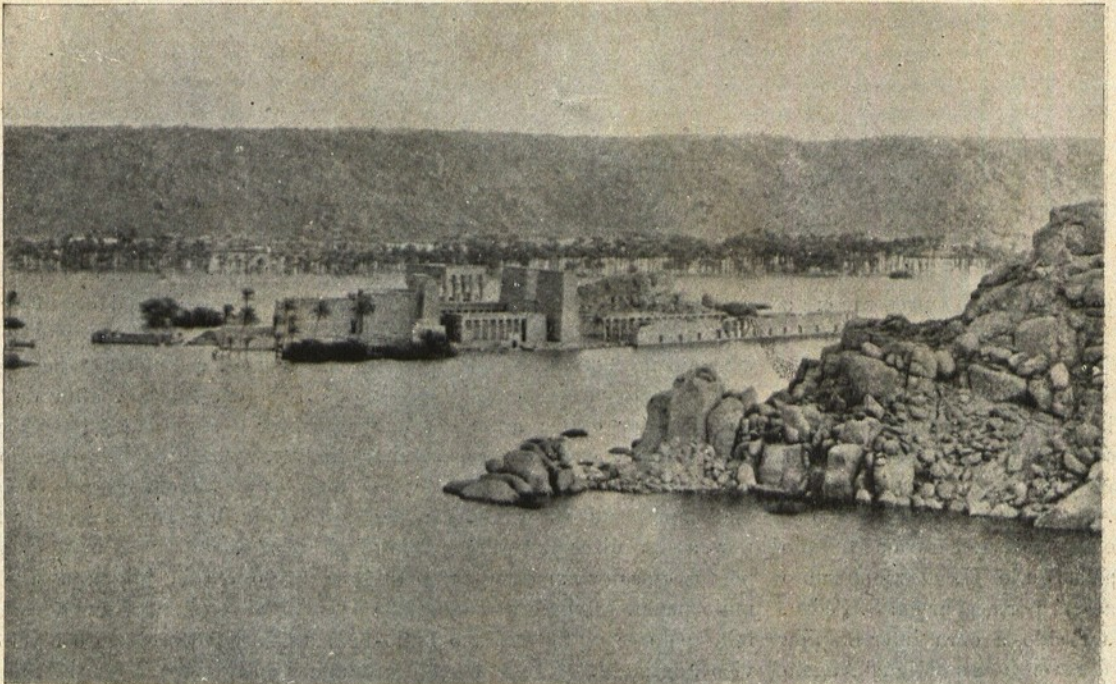


O TUMULO DE JULIO II, COMO O PROJECTOU MIGUEL ANGELO.

uma investigação archeologica completa da Nubia para registrar muitas outras reliquias que devem soffrer pela inundação. Pensa-se em remover por inteiro os templos

para um lugar de segurança. Não é isto simples utopia; porque ainda não ha muito que um templo babilonico foi levado para Berlim, e as ruinas de Philae não precisam fazer

tamanha viagem, visto que não sahirão do Egypto. Calcula-se em 50.000 libras a quantia necessaria para as remover para os montes da margem oriental.



RUINAS DOS TEMPOS DE PHILAE, NO EGYPTO